



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPG  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**DONIZETI JOSÉ DE LIMA**

***VIDA LUXA TAMBÉM AMA***  
***Juventudes, Mitos e Estilos de Vida.***

Desterro. Junho de 2014



DONIZETI JOSÉ DE LIMA

**VIDA LIXA TAMBÉM AMA**  
*Juventudes, Mitos e Estilos de Vida.*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

**Orientadora: Prof. Dra. Olga Celestina da Silva Durand**

**Desterro, junho de 2014**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lima, Donizeti José de  
VIDA LOKA TAMBÉM AMA Juventudes, Mitos e Estilos de  
Vida. / Donizeti José de Lima ; orientadora, Prof. Dra.  
Olga Celestina da Silva Durand - Florianópolis, SC, 2014.  
151 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-  
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Juventudes. 3. sociabilidades. 4. mitos.  
5. estilos de vida . I. Durand , Prof. Dra. Olga  
Celestina da Silva . II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

"VIDA LOKA TAMBÉM AMA - JUVENTUDES, MITOS E ESTILOS DE VIDA"

Tese submetida ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação em cumprimento parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 03/06/2014

Dra. Olga Celestina da Silva Durand (CED/UFSC-Orientadora)

Dra. Luiza Mitiko Yshiguro Çamacho (UFES-Examinadora)

Dr. Francisco Canella (UDESC-Examinador)

Dr. Leandro Belinaso Guimarães (UFSC-Examinador)

Dra. Patrícia de Moraes Lima (UFSC-Examinadora)

Dra. Marileia Maria da Silva (UDESC-Suplente)

Dra. Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin (UFSC-Suplente)

DONIZETI JOSÉ DE LIMA

FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/JUNHO/2014

Prof. Luciane Maria Schlindwein

Coordenadora do PPGE/CED/UFSC

Portaria nº 1548/GR/2013.





**Vida loka plantada no chão da Chico Mendes.  
Acervo pessoal**





*Esta tese é dedicada à minha mãe  
Benedita, Dona Dita,  
a primeira grande educadora que conheci.  
Com ela foi a importância do escutar.  
Dedico também ao meu Pai,  
Francisco, Seu Chico, Chico Bigodudo,  
grande homem,  
com quem aprendi a gostar de estar junto com.*



## AGRADECIMENTOS

Meus irmãos foram grandes incentivadores. O incentivo veio em forma de palavras, mas seus estilos de vida é que foram grandes incentivadores. Sou grato por isso e muito mais. Dita, Izabel, Isaura, Chico, Inácio, Marco, Seneval, Maria das Mercês, Miria, Mência e Marcelo, muito obrigado!

Moro na Casa Chico Mendes onde moram também o Rafael e o Felipe. Eles me acompanharam durante este tempo de doutorado. Conversamos, discutimos ideias, bebemos, festejamos. Foram presenças muito importante, fundamental.

E a casa Chico Mendes é um lugar de bons encontros. Caíque, Bia, Matheus, Mayquinho, Israel, Perla, Iclícia, Julien, Samara, Gabriel, Thiaguinho, Andrezinho, Apolyana, Sandra, Patricia, Dalva, Chica e Seu Antonio. Estes e outros mais fizeram estes bons encontros, com alegrias e afetos. Se tem afeto nesta escrita, certamente eles são grandes responsáveis.

Não sei se *sou grandes coisas*, mas o que sou tem a marca dos moradores da Comunidade Chico Mendes, de modo especial os jovens.

Polyana, Iracema, Rogério, Ana Paola foram amigos que fiz no doutorado. Fiz outros, é claro, mas estes são especiais. Eles sabem disso.

Muito obrigado também aos professores. De modo geral foram dedicados, atenciosos. Agradecimento especial aos Professores que estiveram nas bancas de qualificação e defesa da tese.

Agradeço também à Sonia, Patrícia e Bethania, servidoras da secretaria do PPG. Sempre muito atenciosas e solícitas.

Eu deveria escrever um grande texto de agradecimento à Olga, minha orientadora, pela competente dedicação, pelo carinho e envolvimento com a escrita deste trabalho. Pela paciência que certamente teve com a pessoa. E acima de tudo, pela amizade. Valeu Olga! Muito obrigado!



## SOBERANIA

Naquele dia, no meio do jantar, eu contei que tentara pegar na bunda do vento — mas o rabo do vento escorregava muito e eu não consegui pegar. Eu teria sete anos. A mãe fez um sorriso carinhoso para mim e não disse nada. Meus irmãos deram gaitadas me gozando. O pai ficou preocupado e disse que eu tivera um vareio da imaginação.

Mas que esses vareios acabariam com os estudos. E me mandou estudar em livros. Eu vim. E logo li alguns tomos havidos na biblioteca do Colégio.

E dei de estudar pra frente. Aprendi a teoria das ideias e da razão pura. Especulei filósofos e até cheguei aos eruditos. Aos homens de grande saber. Achei que os eruditos nas suas altas abstrações se esqueciam das coisas simples da terra. Foi aí que encontrei Einstein (ele mesmo - o Alberto Einstein). Que me ensinou esta frase: A imaginação é mais importante do que o saber. Fiquei alcandorado! E fiz uma brincadeira. Botei um pouco de inocência na erudição. Deu certo. Meu olho começou a ver de novo as pobres coisas do chão mijadas de orvalho. E vi as borboletas. E meditei sobre as borboletas. Vi que elas dominam o mais leve sem precisar de ter motor nenhum no corpo. (Essa engenharia de Deus!) E vi que elas podem pousar nas flores e nas pedras sem magoar as próprias asas. E vi que o homem não tem soberania nem pra ser um bentevi.

*Texto extraído do livro (caixinha) "Memórias Inventadas - A Terceira Infância", Editora Planeta - São Paulo, 2008, tomo X, com iluminuras de Martha Barros.*



## RESUMO

Este trabalho parte de pressupostos condensados na expressão “VIDA LOKA TAMBÉM AMA” problematizando certos mitos produzidos a respeito dos jovens pobres, buscando para isso uma aproximação dos jovens, moradores de uma comunidade pobre da cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Esta aproximação tem como intuito principal o conhecimento de seus estilos de vida, sua sociabilidade, bem como os mitos produzidos a seu respeito. Para isto foi importante um levantamento teórico das compreensões a respeito da juventude, partindo do aparecimento desta como preocupação sociológica, para, enfim, compreender os modos como os jovens tem sido tematizados na atualidade. Além de autores considerados pioneiros nos estudos sobre a juventude essa compreensão ancorou-se, de modo especial, em estudiosos contemporâneos como Machado Pais, Mário Margulis, Helena Abramo e Marília Spósito. A partir de então buscou se fundamentos teóricos para a compreensão dos estilos de vida, da sociabilidade juvenil e os mitos, especificamente o mito da periculosidade juvenil, com destaque para autores como Dubet, Michel Maffesoli, Coimbra e Nascimento, Pais, Spósito, Bauman e Abramo. Por entender que a Mídia exerce papel importante na criação e manutenção dos mitos a respeito dos jovens, buscou-se estudos específicos sobre o tema, para dialogar com o levantamento de notícias publicadas em um jornal local durante o ano de 2006, sobre as comunidades pobres da cidade, assim como sobre adolescentes e jovens na mesma condição. Por fim, para a coleta de material informativo a respeito do cotidiano juvenil, foram importantes as observações inspiradas nas práticas do flaneur apresentadas por João do Rio, assim como o reencontro com anotações pessoais realizadas durante anos e que, para este estudo foram organizadas, optando-se então pelas anotações referentes ao ano de 2006. Esses procedimentos permitem dizer que Vida loka é um estilo de vida com muitas variações e que é compartilhado pelos milhões de jovens brasileiros que moram em favelas, comunidades pobres, e que partilham, além da situação de pobreza, uma relação conflituosa com os demais estratos sociais, um mundo de símbolos, falas, músicas, etc., ou seja, *vida loka* não é geração espontânea, mas necessita de uma série de fatores para se fazer presente na cena. Estou entendendo então, que existem certos costumes que conferem significado à *vidaloka*. Tais costumes passam pela cotidianidade das linguagens e sentimentos, dos fazeres, dos modos de

se vestir, das preferências musicais, dos modos de relacionar-se entre si e com o mundo apontando características específicas de sua sociabilidade.

**Palavras chave:** Juventudes, sociabilidades, mitos e estilos de vida



## ABSTRACT

This work comes from assumptions which are condensed on the expression “CRAZY LIFE ALSO LOVES” problematizing certain myths created about the poor young, looking for an approach of the young, dwellers of a poor community in the City of Florianópolis, capital of the State of Santa Catarina. This approach is mainly intended to know their lifestyle, their sociability, as well as the created myths concerning them. To that, a theoretical survey of the understandings about the young was important, starting from the emergence of this sociological concern, to finally comprehend the ways how the young are thematized nowadays. In addition to authors considered pioneers in the studies about the young, this understanding was specially supported by contemporary scholars such as Machado Paris, Mário Margulis, Helena Abramo e Marília Spósito. Thereafter, theoretical foundations were sought to the comprehension of lifestyle, youthful sociability and myths, particularly the myth of juvenile dangerousness, with emphasis on authors as Dubet, Michel Maffesoli, Coimbra e Nascimento, Pais, Spósito, Bauman e Abramo. Understanding that the media plays an important role in the creation and maintenance of the myths about the young, specific studies about the theme, to dialogue with the survey of news published in a local newspaper throughout the year of 2006, about the poor communities of the city, as well as about teenagers and the young in the same condition. Lastly, to collect the information about the young quotidian, the observation inspired by the practices of *flaneur* presented by João do Rio as well as personal notes taken over years and which were organized to this study, opting so for the notes related to 2006. These procedures allow to say that *vida loka* is a lifestyle with many variations and that it is shared by million Brazilian young which live in slums (poor communities) and who have in common, besides the poverty, a conflictual relationship with the other social strata, a world of symbols, words, songs etc., in other words, *vida loka* is not spontaneous generation, but needs a number of factors to be present on the scene. So, I am understanding that exist certain costumes that confer meaning to *vida loka*. Such costumes are in the everydayness of language and feelings, of doings, of the ways of dressing, of musical preferences, of the way of relating to themselves and to the world pointing specific features of their sociability.

**Key-words:** Young, sociabilities, myths and lifestyle.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Visão da comunidade Chico Mendes desde a laje.....	25
Figura 2 – Uma família chegando para ocupar um terreno em uma das comunidades do Bairro.....	43
Figura 3: Processo de transformação do bairro Monte Cristo, ao longo de nove anos.....	47
Figura 4 – Meus Cadernos .....	63
Figura 5 - Minha Quebrada: Foto da pagina da Comunidade Chico Mendes.....	91
Figura 6 - Comunidade Chico Mendes.....	91



## SUMÁRIO

1. OBSERVATÓRIO .....	23
1.1. OS JOVENS DA CHICO MENDES .....	35
1.2 OS JOVENS DA COMUNIDADE CHICO MENDES NA RELAÇÃO COM A MÍDIA .....	40
1.3 JOVENS E A COMUNIDADE CHICO MENDES .....	42
<b>2. ENCONTRE-ME NO PERCURSO, NO CORRE. ....</b>	<b>49</b>
2.1 O OLHAR NA E PARA A RUA .....	49
2.2 MEUS CADERNOS .....	53
2.3 JORNAIS .....	53
<b>3. MEU FLANAR, MEUS CADERNOS E O JORNAL. ....</b>	<b>55</b>
3.1 O FLANEUR .....	55
3.2 MEUS CADERNOS. ....	63
<b>3.2.1 Fragmentos dos estilos de vida dos Jovens e suas sociabilidades. ....</b>	<b>65</b>
<b>3.2.2 Fragmentos das presenças de mitos, do medo e do perigo no quotidiano. ....</b>	<b>66</b>
<b>3.2.3 Fragmentos da preocupação com as alternativas de sobrevivência .....</b>	<b>68</b>
<b>3.2.4 fragmentos da dor e dos desejos de inclusão: mortes e angustias,.....</b>	<b>68</b>
3.3 A MÍDIA IMPRESSA. ....	75
3.4 A FRAGMENTAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DE UM DESIGN. 88	
<b>4 - E AGORA DODÔ? .....</b>	<b>93</b>
4.1 A JUVENTUDE SOB O OLHAR DOS ADULTOS .....	97
4.2 JUVENTUDE(S) SOB A CONSTRUÇÃO DAS MÍDIAS .....	100
4.3 OUTROS OLHARES E DIÁLOGOS SOBRE A JUVENTUDE. 103	
4.5 NÓS SOMOS BANDIDOS, MAS NÃO SOMOS MAUS! .....	110
4.4 JUVENTUDE – VIDA LOKA.....	121
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>131</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>135</b>
ANEXO I - CASTELO DE MADEIRA .....	143

ANEXO II - Relato feito pelos participantes a respeito da historia da ocupação do Bairro Monte Cristo. ....	147
---	-----

*Pedaços, retalhos, fatias e frações de pensamentos em luta para nascer, suas aparições fantasmagóricas/espectrais rodopiam, comprimindo-se e novamente se dissipando: devem ser captados primeiro pelos olhos, antes que se possa detê-los, colocá-los no lugar e lhes dar contorno.*

Bauman, 2012. P. 8

## 1. OBSERVATÓRIO

A intenção deste trabalho de pesquisa é compreender as expressões quotidianas dos jovens, moradores da Comunidade Chico Mendes<sup>1</sup>, na cidade de Florianópolis, a juventude vida loka, manifestas em seus modos de viver, sentir e experienciar. De modo mais específico, pretende compreender seus estilos de vida, buscando desvelar as relações que estabelecem com a Mídia, e vice e versa.

Não é sobre mim o texto que segue, é importante dizer isso. Sinto, todavia, que preciso dizer de mim para dizer do outro, o outro que me faz ser o que sou inclusive pesquisador, o outro que me diz de mim mesmo, afinal, como afirma Santos (2010), ao analisar novos paradigmas da ciência, todo conhecimento científico é autoconhecimento. Não tenho medo de estar misturado a esse outro, mesmo que agora aceite o desafio de olhá-lo. Há algum tempo, escrevi no texto de qualificação do projeto de tese<sup>2</sup> que queria ter um olhar criterioso. Logo veio a pergunta de uma “advogada do diabo”: Dodô o que é criterioso aqui? É claro que não respondi na hora, nem precisava. Mas pensei sobre, e ainda penso. Hoje sei que esse “criterioso” precisa aparecer no decorrer dessa escrita, precisa in-formá-la. O cuidado na escritura já é um critério. Não é apenas um cuidado no uso da língua portuguesa. Esse é importante, óbvio. Estou me referindo ao cuidado ao falar do outro, do jovem, do jovem vida loka. Cuidado ao olhar o outro, olhar para o outro, olhar com o outro. Este é um texto que fala de

---

<sup>1</sup> Os moradores mais antigos prestigiam o uso da palavra comunidade em detrimento de Favela. Contudo, hoje se pode ouvir tanto favela, como comunidade, quebrada ou mesmo morro. Dependendo de quem fala. No texto desta pesquisa usarei comunidade e, em determinados momentos, favela.

<sup>2</sup> Projeto de pesquisa apresentado em maio de 2013 ao PPGE.

mitos<sup>3</sup>, estigmas<sup>4</sup> e designes<sup>5</sup>. Então é preciso cuidar do pensamento, que dá contornos para o que é captado pelo olhar de quem pensa. Cuidado com meus pré-conceitos, cuidado com minha inclinação ao julgamento, à medida. Cuidado para não pensar que penso a partir de um lugar outro, um lugar neutro. Falo sim, a partir do burburinho onde estou vivendo, falo a partir do que sinto, do que vejo, do que cheiro e do que ouço. Então é preciso cuidado para não cair nas armadilhas que minha proximidade prepara a cada momento, a cada letra.

Moro há vinte anos na Comunidade Chico Mendes e isso me faz sentir junto. Penso que isso é mais do que sentir próximo. Nesses anos aprendi a estar junto, a sentir junto com. Outro aprendizado importante para esta empreitada é o gosto por observar a vida, inclusive a minha. Mas agora quero me dedicar a observar outras vidas. Para isso fui constituindo um observatório, e isso, com certeza não é uma invenção minha, é uma cópia<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> Mito, de acordo com o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (1988), e cuja definição adotamos para este texto, é uma ideia falsa, sem correspondente na realidade. Uma imagem simplificada de pessoa ou acontecimento, não raro ilusória, elaborada ou aceita pelos grupos humanos e que representa significativo papel em seu comportamento. Ainda, de acordo com Chauí (2001) o mito é uma narrativa utilizada para explicar, entender, ou ainda justificar determinada realidade, solução imaginária para tensões, conflitos e contradições “que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade”.

<sup>4</sup> Estou adotando a perspectiva de estudos de Goffman (1988), que, já no título de sua obra fala em identidade deteriorada. O autor busca nos gregos a origem do termo estigma, que eram sinais corporais que denunciavam o status social do portador desses. Ele ainda aproxima estigma de uma identidade social virtual em oposição à identidade social real.

<sup>5</sup> - Cardoso (2008, p. 20) diz que esta é uma palavra com origem na língua inglesa e que se refere à ideia de plano, desígnio, intenção, ou ainda de configuração, arranjo, estrutura. Neste texto de tese me aproprio desta categoria, historicamente ligada ao desenho industrial, para me referir à configuração, ao plano, a desígnio ao traço com que a juventude pobre tem sido mirada.

<sup>6</sup> Em um levantamento que realizei via Internet pude constatar a existência de muitos observatórios de juventudes ligados a Universidades, Institutos de pesquisa, órgãos de governo, organizações não governamentais, igrejas e outros. Geralmente estes se ocupam com estudos e pesquisas, projetos comunitários e intercâmbio entre jovens.



Figura 1 - Visão da comunidade Chico Mendes desde a laje.



Fonte: Acervo pessoal.

Minha casa, o observatório a que me refiro, é a Casa Chico Mendes. Moro nesta casa desde 1993 e aos poucos este local foi se constituindo também como uma ONG – Organização não governamental, presente no Bairro e na cidade e que desenvolve atividades educativas, culturais e esportivas com crianças, adolescentes e juventudes moradoras do entorno, bem como com suas famílias. Nesta casa, a partir daí, me constituí educador e pesquisador. Considero este contexto da Casa Chico Mendes como um observatório de Juventudes, não só aquelas moradoras do local, mas também outras juventudes que estabelecem alguma relação com esta casa, até mesmo aquelas que chegam com os livros ou com os variados meios de comunicação<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> A Casa Chico Mendes é lugar privilegiado de encontro de jovens estudantes, especialmente estudantes universitários que vem dar um rolezinho neste lugar. Os motivos são variados. Uns vêm pra estudar esse povo estranho, outros vêm por gostar de estar com este povo, por gostar de estar na casa, com suas pessoas, gostam de tecer com os jovens moradores da comunidade. É importante ressaltar ainda que estes encontros vão construindo estradas de mão dupla, alguns jovens, inclusive, já descobriram os caminhos que levam à Universidade. São estudantes Universitários em vários cursos.

Desde a porta de minha casa, ou na laje, meu observatório de juventudes, onde gosto de estar para ficar em pé, descanso necessário entre os tempos fixos nos textos escritos, contemplo a vida que se apresenta aos meus sentidos como numa passarela, num palco. É um palco, mas um palco numa paisagem que se movimenta ao sabor das brisas e, por que não, das maresias. É outro texto a observar.

Neste palco, nesta paisagem, não estou apenas como expectador, sou expecta-ator. Este é o design que venho construindo para mim como pesquisador, livre de tantas assepsias, um pesquisador que altera e é alterado com seu trabalho de pesquisa.

Aparentemente o que vejo são casas, velas, roupas estendidas nas cercas, nos muros ou nos varais. Vejo ainda carros de catadores de papel e outros carros catadores de pessoas, antenas de TV a cabo e seus gatos, também vejo gatos e cães, crianças, jovens, homens e mulheres chegando do trabalho, outros tomando chimarrão, outras lavando roupas, limpando a casa. Outras ainda, chegando ou saindo apenas. E vejo a rua, a rua estreita com seu vai e vem de pessoas, com crianças brincando, correndo pra lá e pra cá. E tem ainda os que vendem e os que compram muitas coisas.

Olho com mais cuidado!

Percebo que é um palco igual a muitos que existem em nosso país, em nosso planeta. Mas também é um palco único este que vejo, com suas histórias singulares. Um palco in-festado de acontecimentos. Santos (2010) analisando os paradigmas emergentes das ciências, fala das ciências na pós-modernidade, assinala o rompimento das fronteiras duras entre o natural e o social, o que permite que o mundo possa ser como um texto, como um palco ou ainda como autobiografia.

Meu vício de pesquisador me instiga a fazer um recorte nesse movimento para estudar, analisar, exercer um olhar criterioso. Mas como recortar o movimento?

Tento exercer meu ofício, mas me sinto como alguém *puxando um chiclete grudado no asfalto*. Ele sai, mas fica grudado, querendo permanecer grudado, querendo arrastar, trazer junto o asfalto. Sou eu capturando o movimento, querendo desbravá-lo.

Preciso dizer que o movimento é fugidio, intenso, delicado, fluido e estarrecedor. Fico ali e deixo que meu corpo sinta. E ele sente o som, um som parecido com as batidas do coração. O som não está só! É acompanhado por rostos, vozes, passos, cores e cheiros. É meu recorte chegando, passando, se destacando no movimento. E na batida do rap vai logo se apresentando.

Então, Dodô!  
 Tá na noia?  
 Sou príncipe do gueto, só quem é sobe e desce a ladeira,  
 Sou o príncipe do gueto meu castelo é de madeira<sup>8</sup>  
 Os olhares dizem quem eu sou, dizem o que sou.  
 Mas eu também sei quem sou.  
 O discurso da ordem quer me calar,  
 O discurso do saber quer me destrinchar, catalogar, esquadrinhar.  
 Enquadrar-me, por que não?  
 Sou Príncipe do gueto, só quem é sobe desce a ladeira.  
 Sou príncipe do gueto meu castelo é de madeira.  
 Não pense que estou feliz só por que meus dentes estão à mostra.  
 Isso é riso, só riso!  
 Sou príncipe,  
 Pobre, nobre!  
 Menino, guria, bebê,  
 Filho, pai, mãe.  
 Estou aí,  
 Entre o tempo e o espaço da criança  
 Entre o tempo e o espaço do adulto.  
 Chronos e Ayon<sup>9</sup>.  
 Mas eu me estico,  
 Me esparramo!  
 Contamino e sou contaminado.  
 Eu trans-bordo<sup>10</sup>  
 E meu transbordamento se confunde com o que está...  
 À bordo.

---

<sup>8</sup> “Sou príncipe do gueto só quem é sobe e desce a ladeira, sou príncipe do gueto meu castelo é de madeira!” Este é o refrão de um rap cujo título é “castelo de madeira”. Esta música me inspira, pois o seu autor faz uma espécie de descrição a respeito da vida de milhões de jovens que vivem nas favelas do Brasil. Ele canta dizendo que: milhões de brasileiros não tem teto e não tem chão, eu sou mais um na multidão. A Letra completa está no final do texto – ANEXO I.

<sup>9</sup> De acordo com o pensamento de Deleuze (2009) o tempo do chronos diz respeito à sucessão de acontecimentos em que o presente absorve o passado e o futuro. É um tempo presente, vasto, expandido. Já o Ayon diz respeito ao momento vivido num determinado instante presente. É um tempo finito, não cronológico, transversal.

<sup>10</sup> Refiro-me aqui a vazar, sobrar pelas bordas, transitar, movimentar.

Estou no corre, pra cá e pra lá.  
 Estou na horda<sup>11</sup>.  
 Sou ligado, plugado, conectado!  
 Algemado, às vezes.  
 Tá ligado?  
 Sou onda sou horda!  
 Ordinário!  
 Extraordinário!  
 Mas a horda precisa ser ordenada!!!  
 Pra isso recebem ordenados,  
 os ordenados.  
 Não me busque no começo, nem no fim...  
 Aliás, não me busque!  
 Encontre-me,  
 No percurso!  
 No corre!!  
 Porque o bagulho tá nervoso!  
 Olha a minha pele, meu profundo que está à vista.  
 Minha pele é marcada.  
 Tem marcas de nascer, de viver e de morrer!  
 Marcas de sangue, cicatrizes, coronhadas, cassetetes.  
 Tem também, claro que tem marcas de beijos, abraços, amassos.  
 Mas se cuida, heim!  
 Eu também marco.  
 Sou príncipe do gueto só quem é sobe desce a ladeira,  
 Sou príncipe do gueto meu castelo é de madeira!  
 Meu amor tá na pele  
 Tatuagens que falam de amores!  
 Sou vida loka!  
 Vida Louca,  
 Que também ama...  
 Amor de mãe  
 Amor de filhos  
 Amor de amigos

---

<sup>11</sup> Utilizo o termo horda inspirado na leitura do livro “No mesmo barco: Ensaio sobre a Hiperpolítica”, de Sloterdijk (1999). Em um trecho desta obra ele diz, por exemplo, que as hordas são grupos humanos incubando pessoas que transmitem a seus descendentes, em gigantescos lapsos de tempo, qualidades de exuberância cada vez mais arriscadas (p.22). Fico pensando nos jovens, vida loka, que se espalham pelo país, que geram modos de ser e de viver.

Amor de amores  
Amor sem amor...  
Senti o drama, Dodô?  
Vem cá pra ver então!

E as palavras desse RAP ficaram reverberando dentro de mim, batendo no mesmo ritmo de meu coração, que agora estava um pouco acelerado. Fiquei pensando no convite feito em forma de provocação. Por fim resolvi topar o desafio.

Convite aceito, preciso então situar o que tenho visto e como tenho visto desses jovens. É importante dizer que meu olhar não é virgem. Minha aproximação com as juventudes acontece, posso dizer, em três momentos de um grande momento que é minha existência. Quando jovem não me colocava grandes questões acerca de minha condição. Até porque o pensamento mais comum sobre jovem naqueles tempos dizia respeito à jovem guarda ou aos jovens estudantes universitários, que se opunham à ditadura militar, vigente em nosso país ou, ainda, aqueles jovens que promoviam uma revolução na cultura<sup>12</sup>. Talvez as únicas e maiores questões eu as escutasse da boca dos adultos que pensavam possuir receitas, métodos de como ser jovem, como se a juventude pertencesse ao mundo dos adultos, afinal, eles já a haviam experimentado.

Desse tempo, em vista de minha participação nos grupos de jovens da pastoral da juventude da igreja católica e também das comunidades Eclesiais de Base – CEBs<sup>13</sup> - aprendi a importância do protagonismo juvenil<sup>14</sup>. Já ouvi de muitas pessoas - pesquisadores,

---

<sup>12</sup> Nasci no ano de 1961, poucos anos antes, portanto, do golpe militar que implantou uma ditadura no Brasil e, num tempo de efervescência cultural internacional.

<sup>13</sup> De acordo com Frei Betto (1981) as CEBs surgiram na década de 1960. São pequenos grupos organizados em torno de paróquias (urbana) ou capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. São de base porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares): donas de casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviços, na periferia urbana; na zona rural, assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões e seus familiares.

<sup>14</sup> Importante situar que para a pastoral da juventude, a compreensão de Protagonismo juvenil não passa por aquele modo de pensar que coloca um personagem num lugar mais importante que os demais, mas sim que cada um é

professores e militantes, comentários de desconfiança a respeito da categoria protagonismo, especialmente por se tratar de seu liame com a religião. Contudo, Souza (2008) escreveu uma tese de doutoramento sobre tema, na qual aponta a emergência do discurso do protagonismo juvenil presente em documentos internacionais produzidos entre 1985 e 1998, faltando apenas um nome para identificar a “nova forma” de participação juvenil (p.101). Segundo essa autora, no Brasil a organização pioneira no uso e consolidação do enunciado foi uma fundação ligada a uma grande empresa, no ano de 1965.

Então, considero importante situar que foi na Igreja que aprendi, mas que ela não pertence à religião. Entendo que em um contexto onde a noção de juventude estava vinculada à classe média universitária de onde saíram os jovens militantes, de modo especial àqueles que se opunham à ditadura militar, foi importante a ação da igreja no sentido de incentivar e valorizar a participação de outros jovens nos processos sociais, contribuindo deste modo, para uma democratização do conceito de juventude no Brasil<sup>15</sup>. Depois, como educador e militante na defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente<sup>16</sup>; como Assessor da Pastoral da Juventude do Meio popular – PJMP<sup>17</sup>, e como professor em Escolas das Redes Municipal e Estadual já experimentava um afastamento

---

importante, cada um deve assumir seu lugar de destaque, neste caso, nas ações desenvolvidas por esta pastoral.

<sup>15</sup> Em um Documento da CNBB – Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil, sobre a evangelização da juventude está escrito a respeito do Protagonismo juvenil que estudos recentes têm demonstrado que os jovens desejam participar ativamente da vida social, tem muitas sugestões do que deve ser feito para melhorar a vida do país. (Doc CNBB, 2006, p.19).

<sup>16</sup> - Aqui já fui ampliando minha compreensão a respeito da juventude, agora reconhecida como sujeito de direitos, tendo como marco legal a aprovação em 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente.

<sup>17</sup> A partir do final da década de 1980 e início da década de 1990 a Pastoral da Juventude da Igreja Católica passou por um processo de reorganização que, entre outras questões, buscou levar em conta os contextos de vida das juventudes. Deste modo, organizaram-se as pastorais específicas: PJE – Pastoral da Juventude Estudantil, PJR – Pastoral da Juventude Rural, PJ – Pastoral da Juventude mais ligada às Paróquias e PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular. Desta última participavam os jovens ligados aos movimentos populares, aos sindicatos, associações de moradores, grupos de artistas populares, entre outros. Como assessor destas Pastorais vivenciei este processo de mudança ajudando na reflexão em diversas dioceses do Estado de Santa Catarina.

progressivo de minha juventude no exercício de meu poder pastoral<sup>18</sup>. Por fim, esse afastamento se fez presente no exercício de pesquisar, aos poucos meus ouvidos foram se acostumando a ouvir que é preciso ter um afastamento, um distanciamento do objeto, do sujeito da pesquisa.

Há alguns anos, duas décadas mais precisamente, vim morar em uma comunidade de ocupação urbana<sup>19</sup>, na cidade de Florianópolis. Cheio de mim, cheio de sabedoria, me atrevi a viver esta aventura que foi me afetando desde o momento de minha chegada à comunidade, quando Zaira, uma vizinha da casa onde ia morar, trouxe café e pão com margarina. Ela nos superou naquele gesto até mesmo corriqueiro em seu modo de existir.

Neste ínterim obtive o título de Especialista em Metodologias de Atendimento à Criança e ao Adolescente em Situação de Risco, e ao mesmo tempo em que estudava trabalhei como educador nas ruas<sup>20</sup> de Florianópolis, quando pude conhecer um pouco mais proximamente os quotidianos daqueles e daquelas que passavam boa parte de suas vidas num contexto de Rua. A escrita da Monografia de conclusão deste curso<sup>21</sup> foi uma das primeiras aproximações como pesquisador das juventudes. Passo seguinte escrevi uma dissertação de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina quando me detive sobre a

---

<sup>18</sup> Utilizo essa expressão em um sentido Foucaultiano para designar aquele que se sente, se julga responsável pelo destino do rebanho. Castro (2009) escreve que este poder não é exercido sobre um território, mas sobre um rebanho. O pastor reúne os indivíduos dispersos, ele os conduz. (P. 328). Aponto também a minha formação filosófica e teológica realizada em seminários da Igreja Católica como preparação para exercer o sacerdócio, o ofício de pastor. Quando fui morar na comunidade Chico Mendes já não era mais seminarista, mas as marcas continuavam.

<sup>19</sup> Sobre esse tema eu já me detive em minha dissertação de Mestrado, onde relatei este tempo das ocupações urbanas na cidade de Florianópolis. Nesse texto aponto também outras fontes de informações.

<sup>20</sup> Fui contratado pela Fundação Fé e alegria para este trabalho por considerarem importante o fato de eu morar na comunidade Chico Mendes e também por causa dos resultados uma pesquisa realizada por esta fundação apontando que 46% das crianças e adolescentes das ruas das cidades eram oriundas desta comunidade.

<sup>21</sup> Monografia apresentada no ano 2000 à Coordenação de Pós Graduação da UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina, sob o Título “... Isso Aqui é um Pouquinho do Brasil...”, sob a orientação da Professora MSc. Gláucia de Oliveira Assis.

construção de saberes e os processos de resistência<sup>22</sup>. Aprendi muito na academia, mas também aprendi muito com os jovens. Fui “refinando” o meu observar. De modo especial tenho prestado atenção aos modos de ser dos jovens da referida Comunidade<sup>23</sup>, buscando situar este olhar em contextos mais amplos. Os jovens começaram a ganhar importância em minha vida a partir da participação em movimentos sociais ligados à defesa dos direitos das crianças e adolescentes. O Encontro com os jovens moradores da comunidade Chico Mendes aguçou o desejo de maior compreensão a respeito da vida desses personagens tão marcantes na vida da comunidade, o que me fez debruçar sobre questões relativas à juventude, agora numa perspectiva teórica. Isso me fez pensar a juventude, agora juventudes, na sua condição de sujeitos de direitos, que podem ser compreendidas a partir das condições de classe, das relações intergeracionais; é a busca teórica. E a proximidade com a vida dos jovens da comunidade Chico Mendes, me alertou para as os modos como esses têm sido tematizados, especialmente pela mídia local, notadamente uma mídia que, a meu ver, numa primeira aproximação, tem papel preponderante na construção de alguns mitos.

O que tenho vivido e observado me permite dizer que a cidade os vê como intrusos, as mídias os tratam como ameaça à paz e à estética. Ao analisar as relações entre o poder público e as populações protagonistas das ocupações urbanas acontecidas na cidade de Florianópolis, Souza (2006) escreve que,

Embora com diferentes estratégias, esses dois governos representam um desejo da cidade de investir em uma estética urbana voltada para o turismo e para os olhares estrangeiros em que “barracos” não fazem parte. (p.67)

Outra anotação importante para este texto refere-se ao tratamento dado pela mídia, especialmente a imprensa escrita às populações migrantes que começavam a se instalar na Ilha da Magia. Souza (2006 *apud*. Canella, 2002) afirma que:

---

<sup>22</sup> Refiro-me aqui a minha dissertação de mestrado cujo título é “Só Sangue Bom: A Construção de Saberes e os processos de Resistência: Expressões do Protagonismo Juvenil”, sob a Orientação da Professora Doutora Olga Celestina da Silva Durand, apresentei esta dissertação para a Banca examinadora no ano de 2003.

<sup>23</sup> Refiro-me à comunidade Chico Mendes.



Nos jornais aumentam as notícias sobre este novo incômodo social. Aparecem vários discursos de repúdio ao movimento, pois a estética da “Ilha da Magia” não combinava com a estética da favela. Adjetivos, como, por exemplo, a “porcalhada”, “horrível” e “sujeira”, começam a proliferar em notas mandadas para os jornais por antigos moradores da cidade (p. 61)

E assim, sob a égide destas questões é que me proponho a proceder uma aproximação desses jovens – JOVENS VIDA LOKA – que se encontram inseridos em um cenário onde uma parcela considerável é pobre e que sinaliza para modos específicos de viver, de sentir, e de se experienciar na sua condição juvenil. Estas questões e desafios eu as traduzo em interrogações: Quais são os estilos de vida dos jovens pobres? Como é sua sociabilidade? Quais os mitos que são produzidos pela mídia impressa local em torno de suas vidas?

O pressuposto que me instiga a investigar estas questões é o fato de que, a despeito de a população do Estado de Santa Catarina ter forte presença de migrantes na sua composição, alguns grupos desqualificam as populações migrantes que vivem buscando melhores condições de vida. Essa desqualificação sistemática atinge de modo especial às populações jovens a respeito de quem são criados um design, um mito, ou mitos que correspondam ao perigo, à desordem e, portanto, ao desconforto e medo. Traduzo estas minhas intenções fazendo coro com uma letra RAP:

...vamos rasgar o verbo! Vamos problematizar o verbo!

Vamos desconfiar do verbo, para rasgar o verbo.

Para tentar responder as perguntas centrais do meu trabalho proponho uma escritura que passa por: Analisar os estilos de vida dos jovens da Comunidade Chico Mendes, bem como identificar como se constituem suas sociabilidades; identificar e analisar possíveis fatores que têm contribuído para alimentar a crenças nos mitos, nos designs acerca desses jovens; identificar até que ponto os estilos de vida desses jovens se contrapõem aos mitos produzidos a seu respeito.

Para empreender esta empreitada foi importante um levantamento teórico das compreensões a respeito da juventude, partindo do aparecimento desta como preocupação sociológica, para, enfim, compreender os modos como os jovens tem sido tematizados na atualidade.

Além de autores considerados referências nos estudos sobre a juventude, essa compreensão ancorou-se, de modo especial, em estudiosos contemporâneos como Machado País, Mario Margulis, Helena Abramo e Marília Spósito. A partir de então se buscou fundamentos teóricos para a compreensão dos estilos de vida, da sociabilidade juvenil e os dos mitos, especialmente o mito da periculosidade juvenil, com destaque para autores, como Michel Maffesoli, Coimbra e Nascimento, País, Spósito, Bauman e Abramo. Por entender que a mídia exerce papel importante na criação e manutenção dos mitos a respeito dos jovens, buscou-se estudos específicos sobre o tema, para dialogar com o levantamento de notícias, publicadas em um jornal local durante o ano de 2006, sobre as comunidades pobres da cidade, assim como sobre adolescentes e jovens na mesma condição.

Por fim, para a coleta de material informativo a respeito do cotidiano juvenil, foram importantes as observações inspiradas nas práticas do flaneur, apresentadas por João do Rio, assim como o reencontro com anotações pessoais realizadas durante anos e que, para este estudo, foram organizadas, optando-se então por anotações correspondentes ao ano de 2006.

O primeiro capítulo deste trabalho apresenta o *Observatório*, lugar e espaço privilegiado a partir do qual observei a rua, as pessoas e seus movimentos; lugar em que busquei minhas memórias de vida, compondo a caminhada do militante até os percursos de pesquisador. Foi neste lugar que reencontrei meus apontamentos e onde produzi conhecimentos acerca das juventudes, especialmente os jovens vida loka da Comunidade Chico Mendes.

O capítulo dois, denominado *Encontre-me Percurso, no Corre*, é espaço reservado para mostrar os caminhos da pesquisa feitos ao observar a rua e seus movimentos significativos e que dão sentido aos seus transeuntes no cotidiano da comunidade; reconstituiu os meus apontamentos que revelam a história e a cultura dos jovens da comunidade; investigo ainda, as notícias dos jornais locais que, por meio de seus jornalistas, formam opiniões, constituem conceitos e ousam fazer os mais diversos tipos de julgamentos.

O terceiro capítulo, *“Meu flandar, meus cadernos e os jornais”* foi tecido com anotações, fragmentos, falas e notícias de jornais. Aqui eu costuro uma discussão a partir das categorias apresentadas pelos estudos dos autores em diálogos com os dados coletados no decorrer das pesquisas. Desvelo os cotidianos dos jovens moradores da comunidade Chico Mendes, ao mesmo tempo em que problematizo alguns aspectos

desse cotidiano, tais como a sociabilidade, a segurança, os estilos de ser e viver, na relação com os mitos que são produzidos pelas informações jornalísticas.

*“E agora Dodô!”* é o nome do quarto capítulo, agora com escopo teórico - metodológico e que, sem dúvida, respaldou minhas práticas e possibilitou encontros, diálogos e entrecruzamentos de saberes e conhecimentos para melhor falar da juventude e dos jovens, seus quotidianos e seus contornos.

## 1.1. OS JOVENS DA CHICO MENDES

Se considerarmos como jovens apenas a população brasileira na faixa etária entre 15 e 29 anos<sup>24</sup>, podemos afirmar que, de acordo com o censo 2010 realizado pelo IBGE, o Brasil ultrapassa a soma de 51 milhões de jovens. Este dado, por si só, já aponta a importância social da juventude no conjunto da população do país. Essa importância aumenta de acordo com a análise que se faz da juventude nos seus múltiplos aspectos e relações. Por sua grande presença numérica a juventude tem atraído para si a atenção da sociedade e dos governos. Estes últimos por sua vez habituaram-se a impor políticas reativas aos modos de ser e estar das juventudes.

Historicamente estamos habituados a olhar para a juventude a partir de seus problemas, (Abramo, 1994; País, 1996). De modo especial isto está posto quando nos deparamos com discursos que constituem um lugar aos jovens pobres como sendo pessoas perigosas, irresponsáveis, perturbadores, entre outros. Dados apontam inclusive que a instituição de políticas relacionadas à juventude tem acontecido a partir da constatação de situações marcadas pelo crescimento da violência e do desemprego juvenis. Sposito e Carrano (2003) apresentam uma análise que ajuda a compreender o que denominam trajetória recente das políticas públicas destinadas aos jovens. A análise compreende basicamente dois períodos recentes da história brasileira e o marco divisor destes é o início do primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003). Com relação ao primeiro os autores apontam a inexistência de políticas públicas específicas para os jovens, considerando que estes eram abrangidos por políticas destinadas às demais faixas etárias. Já no outro período é possível reconhecer políticas

---

<sup>24</sup> O Estatuto da Juventude, aprovado pela Presidente da República, em 05 de agosto de 2013, considera jovens aquelas pessoas com idade entre 15 e 29 anos.

destinadas aos jovens a partir da identificação de problemas. Afirmam os autores que,

Problemas reais, identificados principalmente nas áreas da saúde, da segurança pública, do trabalho e emprego, dão a materialidade imediata para se pensar às políticas de juventude sob a égide dos problemas sociais a serem combatidos. Nesse processo é possível reconhecer que, em muitas formulações, a própria condição juvenil se apresenta como um elemento emblemático em si mesmo, requerendo, portanto, estratégias de enfrentamento dos “problemas de juventude”. Isso se expressa, por exemplo, na criação de programas esportivos, culturais e de trabalho orientados para o controle social do tempo livre dos jovens, destinados especialmente aos moradores dos bairros periféricos das grandes cidades brasileiras. (p. 6)

Corroborando estas ideias o texto de trabalho de pesquisa realizada pelo IBASE – Instituto Brasileiro de análises Sociais e Econômicas – (2004-2005) acerca da juventude aponta que,

No entanto, podemos dizer que os temas da violência e da pobreza são, em geral, orientadores de políticas de desenvolvimento que viçam a integração social juvenil. Em especial a situação do desemprego juvenil, das baixas taxas de escolaridade e os índices de violência, somados a questões de saúde relacionadas à gravidez precoce e à AIDS, geraram políticas – no geral de natureza compensatória - focalizadas nos setores juvenis considerados vulneráveis. (p. 6)

As pesquisas têm mostrado que ainda existem os discursos de pessoas ou de setores da sociedade que colocam o jovem pobre como presença do perigo para a sociedade. Desses discursos merecem destaque, em função desta pesquisa, aqueles proferidos e cultivados pela mídia e pelo Estado, representado na ação policial. Ramos e Musumeci (2005) em estudo publicado sobre a atuação da polícia no Rio de Janeiro e baseado nas pesquisas de Minayo et. al., (1999) percebem uma ambiguidade no discurso policial sobre a abordagem nas diferentes áreas da cidade. A principal dessas ambiguidades diz respeito à zona sul da

Cidade do Rio de Janeiro em oposição às favelas. A respeito dessa percepção elas afirmam que:

Por um lado, os policiais manifestam profunda hostilidade em relação aos jovens da zona Sul. Mas, por outro, vendo na violência o resultado de determinantes sociais, como a pobreza e desestruturação familiar, atribuíam aos jovens pobres das favelas uma “índole” para o crime, o que os tornaria inimigos “naturais” da polícia. (p. 35)

E as reflexões de Maffesoli (2001) instigam a um redirecionamento de nossos olhares quando escreve que,

A energia juvenil deixou de ter como objeto a reivindicação, o projeto, a história. Ela se manifesta e se esgota no instante – festas, solidariedade na urgência – e não precisa de uma tradução política abstrata. (p. 19)

Para além de todos os problemas, percebo jovens que sonham, cuidam dos amigos e familiares, jovens que são capazes de grandes manifestações de solidariedade. São acessíveis ao diálogo e dispostos a buscar alternativas de mudanças para suas vidas e para a vida de sua comunidade. Enfim são jovens antenados com os problemas a sua volta, inconformados com as situações de injustiça e desigualdade, características da sociedade na qual vivem. Tais direções eu as considero como componentes dos pressupostos para o desenvolvimento desta pesquisa. Tenho constatado que mesmo na precariedade existe um sentimento de dignidade muito forte por parte desses jovens. Estes não se apresentam como derrotados, mas colocam-se a partir de uma situação social marcada pela injustiça e pelo preconceito. Afirmam a sua condição humana, denunciam que a mesma lhes é negada (Freire, 1994), ao mesmo tempo em que proclamam que são vencedores, são fortes (Spósito, 2000). Eles não apontam grandes gestos, mas seus gestos comuns reafirmam a importância do cotidiano. Valorizam a consciência de sua condição de sujeitos de direitos, mesmo que esses direitos sejam lascados. Deste modo, a quotidianidade insere-se na história (Heller, 1989) da juventude como lugar de resistência. O cotidiano é onde o jovem tece redes relacionais, as agregações de caráter cultural (Melluci, 2001), que dão um sentido único à vida desta população.

Os jovens aos quais se referem esta pesquisa não são necessariamente aqueles vinculados unicamente às formas tradicionais de inserção na sociedade, quais sejam escola, associações, grêmios, partidos e sindicatos. São aqueles que encontro nas ruas, nas esquinas, nas festas, entre outros. Uma juventude por vir, a ser fabulada.

Sposito (1994) aponta a década de 1980 e início dos anos noventa como um tempo em que o tema da juventude ganha visibilidade não mais a partir das mobilizações de cunho popular, já que estas formas de ação coletiva tem pouco sensibilizado os setores jovens. A autora ressalta a ocupação de ruas e praças por diferentes agrupamentos juvenis que, ao mesmo tempo em que alteram as paisagens desses locais, chamam a atenção para determinados problemas que afligem a população, especialmente a população juvenil. Dentre essas problemáticas destacam-se o empobrecimento, o desemprego, subemprego, o abandono da escola ou destes pela escola, bem como o acirramento da violência contra esta população ou mesmo das situações de violências em que os jovens são os autores. Neste sentido a presença juvenil aparece como sinal de conflitos. Ela ressalta ainda a presença do RAP – rhythm and poetry, estilo musical bastante difundido nos meios de comunicação de massa, mas que também se torna prática de produção cultural, manifesta no surgimento de inúmeros grupos de rap integrados ao movimento hip hop<sup>25</sup>, possibilitando novas formas de sociabilidade. Esses acontecimentos são entendidos pela autora,

Como produto da sociabilidade juvenil, reveladora de uma forma peculiar de apropriação do espaço urbano e do agir coletivo, capaz de mobilizar jovens excluídos em torno de uma identidade comum. (SPOSITO, 1994, p.167)

Abramo (1994) faz estudos de grupos juvenis articulados em torno de estilos, como maneiras encontradas pelos jovens para cultivar

---

<sup>25</sup> De acordo com as pesquisas de Sousa (1996) e Nunes (1996), o Rap surge nos anos 70 nos Estados Unidos, nas grandes festas Black em New York (Bronx). Os grupos trazem à tona questões ligadas à violência, marginalidade, prisão, etc. No Brasil o Rap chegou por volta de 1984, tendo como um dos principais pontos a cidade de São Paulo. Mais tarde chegou também ao Rio de Janeiro, Brasília e outras cidades. Em torno de 1988 é trazido à Florianópolis por Mizinho, do antigo grupo Sistema Urbano. Em Florianópolis, a grande maioria dos rappers são negros e moram na periferia a cidade. Alguns são moradores do Continente, especialmente o Bairro Monte Cristo. Na Ilha, residem em grande parte no Mont Serrat e imediações.

identidade cultural em um mundo urbano modernizado, caracterizado pela fragmentação e segregacionista, adverso aos jovens pobres. A autora presta atenção nos diversos estilos dentre os quais ela marca os punks, os carecas, os metaleiros, os darks, os rappers, os rastafáris, os rockabillys, e outros. De acordo com esta pesquisadora,

É com essas criações que eles manifestam sua posição no mundo e as questões com que se debatem. Num meio onde a principal forma de comunicação se dá cada vez mais através da imagem e as identidades sociais se expressam principalmente através da ostentação de artigos de consumo, é pela construção alegórica da própria imagem e com o uso estranho de determinados objetos que esses grupos vão tentar se movimentar nesse universo. (p. 83)

Agora me arrisco, me atrevo a apresentar esse jovem do jeito como ele se tem me apresentado. Quero captar, e não capturar, seus modos de existência. É claro que preciso considerar que meu olhar, meu escutar e meu pensar estão acorrentados à linguagem, à cultura e a alguns vícios, meus vícios inclusive.

O escritor Otto Lara Rezende (1992), escreveu um texto, que preciso dizer que é belo, onde chama atenção para os vícios de nosso olhar. Vista Cansada, esse é o nome do texto em questão. E nele podemos ler: *Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. (P.1)*

E ele continua ainda no mesmo texto: *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos. (P.1)*. E estas palavras têm me trazido um incomodo, um incomodo necessário. Tenho me colocado duas perguntas necessárias. O que tenho visto dos jovens da comunidade Chico Mendes? E o que não tenho visto? Com certeza, preciso revisitá-los.

Certa vez lhes perguntei<sup>26</sup> quem eles eram e uma das respostas que ouvi, e que sintetiza as demais, ecoa ainda hoje em minha vida.

---

<sup>26</sup> Quando fazia pesquisa para escrever a minha dissertação de mestrado, realizei com um grupo de aproximadamente cinquenta jovens moradores do Bairro Monte Cristo algumas atividades nos moldes dos grupos focais. No primeiro desses encontros apresentei a pergunta: Quem somos nós?

Somos pessoas, jovens, migrantes, faveladas, trabalhadoras, pobres, lascadas, excluídas, sofredoras. Somos ainda, cidadãos, vencedores, fortes, amigos, comunidade, sonhadores. (LIMA, 2003, p. 57)

Esta resposta tem me acompanhado, iluminado e desinstalado meus modos de olhar os jovens dessa comunidade. Talvez por isso, tenho ouvido outros retratos, escutado outros olhares. Existem, por exemplo, o olhar da escola, o olhar da polícia, o olhar dos pais, o olhar dos estudiosos das questões relacionadas à juventude e o olhar da mídia<sup>27</sup>.

## 1.2 OS JOVENS DA COMUNIDADE CHICO MENDES NA RELAÇÃO COM A MÍDIA

Este último, o olhar da mídia, estou considerando como aquele que mais se sobressai, é um olhar que in-forma outros. Abramo (1997), analisando as diversas maneiras de tematização da juventude no Brasil, escreve sobre o papel da mídia, apontando dois modos principais com que a mídia aborda as questões relacionadas ao tema da juventude. Ela afirma que,

De forma geral, e grosso modo, pode-se notar uma divisão nestes dois modos de tematização dos jovens nos meio de comunicação. No caso dos produtos diretamente dirigidos a esse público, os temas normalmente são cultura e comportamento: música, moda, estilo de vida e estilo de aparecimento, esporte e lazer. Quando os jovens são assunto dos cadernos destinados aos “adultos”, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos “problemas sociais”, como violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou as medidas para dirimir ou combater tais problemas. (p. 25)

Em consonância com a diversidade de olhares considero neste texto a importância da mídia na construção de olhares sobre a juventude de modo geral e sobre os jovens moradores da Comunidade Chico

---

<sup>27</sup> Para este trabalho estou considerando mídia o conjunto ou um conjunto de meios de comunicação social, quais sejam, a televisão, cinema, revistas, jornais impressos, o rádio e a internet, em seus múltiplos usos.



Mendes, de modo específico. Como já apontamos anteriormente a mídia local foi construindo para esta comunidade um olhar, um design, marcado pelo estigma. Souza (2006) faz análise de algumas reportagens ou notícias, publicadas em jornais de circulação municipal ou estadual entre os anos de 2000 e 2001 a respeito da relação entre nova configuração demográfica da cidade de Florianópolis e o aumento da sensação de violência e partir disso afirma que:

Uma indústria de informação é montada sobre o local, produzindo dossiês que circunscrevem tipos, hábitos, cotidianos e saberes sobre a violência. A cidade observa e vigia uma espécie de mundo paralelo ao da Ilha de Florianópolis, onde se contrapõe o grotesco ao belo, sendo que um não se reconhece no outro. Diante desse quadro observou-se a construção de um local violento e de condições precárias de modo de vida. A questão da crescente violência vista, inicialmente, pelo relato dos moradores como algo que faz parte do mundo contemporâneo, é afirmada por promotores, médicos, psicanalistas, policiais e jornalistas como um evento encerrado em um território bem demarcado, ou seja, as favelas. (p. 80)

A convivência com os vários olhares a respeito da comunidade e meu interesse pela juventude como campo de estudos faz com que eu me dedique a buscar respostas para perguntas que têm me acompanhado. Dentre estas perguntas algumas merecem destaque: Que ideias são próximas da realidade e que ideias são mitos produzidos em torno desses jovens? Existe um mito que se possa denominar como mito da periculosidade juvenil? Se o mito existe, como ele é alimentado? Quais os elementos ou aspectos da sociabilidade juvenil que confirmam e quais o que contradizem esses mitos? Em que medida os mitos, se existem, tem influenciado a sociabilidade desses jovens? Quais os estilos de vida da juventude pobre? Como os discursos sobre a juventude passam a configurar um modo de ser jovem, especialmente, quando esses vivem em contextos traçados como violentos?

Mas o que são depende também de quem olha e de como olha. Nesta pesquisa pretendo ainda olhar os jovens no seu cotidiano, olhá-los a partir de sua afirmação de que VIDALOKA TAMBÉM AMA, e a partir das relações com outros olhares, de modo especial aqueles olhares que historicamente tem influenciado na construção de mitos a respeito

de seus modos de vida. Dentre esses mitos destaca-se o mito da periculosidade juvenil, em especial com relação aos jovens pobres.

### 1.3 JOVENS E A COMUNIDADE CHICO MENDES

O local de realização do projeto de pesquisa de que trata este texto é o Bairro Monte Cristo e, de modo especial, a comunidade Chico Mendes, na cidade de Florianópolis.

Documentos da prefeitura local referem-se a esta comunidade como uma das muitas “Áreas de Interesse Social”. Existem aqueles ainda que a chamam de favela, periferia, área de exclusão, e para os jovens vidaloka é “quebrada” ou “Morro”<sup>28</sup>. Esta comunidade começou a ganhar visibilidade justamente no tempo em que nesta cidade iniciou-se um processo de implantação de grandes investimentos, especialmente nas áreas do turismo e da especulação e expansão imobiliária. O período marcante dessas mudanças é a década de 1980, quando ocorre um acelerado movimento de famílias do campo em direção à cidade. Lima e Cunha (1992) afirmam que em Santa Catarina, 100.000 trabalhadores saíram do campo em direção às cidades entre 1970 e 1990. E o diagnóstico elaborado pelo Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis – IPUF, em setembro de 1990 apontava que esta cidade contava com 38 comunidades carentes. O encontro nem sempre amistoso entre os antigos e os novos moradores é descrito por Fantin, (2000) do seguinte modo:

A cidade não é mais só dos seus. Não é mais só daqueles que aqui nasceram. Ela passa a ser de outros "donos", passa a ser compartilhada por outros moradores; outros que encontram na cidade um lugar para realizar seus sonhos, viver utopias, buscar qualidade de vida rareada nas metrópoles; outros que vieram em busca de um simples pedaço de chão e de um modo de ganhar a vida; outros que passaram a disputar o amor pela cidade. (P.36)

No ano de 1989, me pediram pra pintar um painel que deveria ser usado como estandarte em uma romaria, a 1ª romaria dos sem teto de Florianópolis, cujo lema foi “terra é pra morar e não pra especular”.

---

<sup>28</sup> Os relatórios do censo do IBGE 2010 chamam de aglomerados subnormais as populações residentes em favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, rressacas, mocambos, palafitas, entre outros.

Esse foi meu primeiro contato mais direto com a comunidade Chico Mendes, já que esta romaria partiria dali. Anos depois fui morar nesta comunidade e ainda me lembro de muitos detalhes de como ela era. A maioria das casas era de madeira, barracos de madeira. Havia uma grande Escola, a Escola Estadual Professora América Dutra Machado. Os barracos se espalhavam ao redor da Escola onde, nos primeiros tempos da ocupação, as pessoas iam buscar água na única torneira disponível. A rua em frente à escola era larga e coberta com lajotas. E desta rua saíam os becos e servidões que formavam um labirinto de entradas e saídas, alguns becos eram muito estreitos e as pessoas só passavam em fila indiana.

Figura 2 – Uma família chegando para ocupar um terreno em uma das comunidades do Bairro.



Fonte: Acervo da Casa Chico Mendes

A rua da casa onde fui morar é perpendicular à Rua da Escola e, como todas as demais, era puro barro com a chuva ou puro pó com o sol. Não havia grandes comércios, apenas algumas poucas bodegas onde eram vendidas umas poucas mercadorias tais como, bebidas, velas, cigarros, fumo, palha pra enrolar fumo, arroz, feijão, açúcar, macarrão, sal, óleo, etc.. Praticamente todas as casas eram marcadas por uma chaminé do fogão à lenha, que agora não era mais lenha e sim restos de

madeiras. Cavalos e carroças ajudavam a compor o cenário, e ao mesmo tempo em que denunciavam a forte presença dos elementos da vida rural, diziam da ocupação de grande parte da população local, catadores e vendedores de papelão, metais e outros materiais recicláveis. A música era sertaneja, gauchesca, jovem guarda ou evangélica. E havia ainda, bem no centro da Comunidade, um grande campo de futebol. Digo que era grande por que à primeira vista parecia muito desproporcional ao tamanho das casas e quintais. Logo soube que aconteceram muitas discussões acerca da necessidade de deixar ou não um espaço tão grande “sem uso”, mas logo se descobriu a sua necessidade como ponto de encontro e local de lazer para todos. Havia inclusive vários times de futebol, tanto de jovens como de adultos, tanto de homens como de mulheres. Havia algumas construções um pouco maiores que as moradias, os centros comunitários. Nestes locais, havia pelo menos um em cada comunidade, aconteciam as reuniões das Associações de Moradores, os velórios, celebrações religiosas e, principalmente, bailes. Havia ainda várias famílias que criavam galinhas e porcos. Mesmo que não estivesse mais acostumado com estas condições, afinal passei alguns anos no ambiente asséptico e confortável do seminário, o que mais me chamou a atenção foram as pessoas. Uma das coisas que aprendi de minha experiência no seminário é que eu não era “de origem”, ou quando muito era brasileiro<sup>29</sup>. E quando chego à comunidade Chico Mendes encontrei um mundo de gente que também não era de origem. Havia os caboclos, os negros, os bugres e, para minha surpresa havia muitos “de origem” europeia, especialmente alemã, italiana e polonesa, e todos eram pobres e migrantes. Este é um dos aspectos importantes para a compreensão dos sujeitos dessa pesquisa, cujo denominador comum é composto basicamente pela condição juvenil, pela pobreza e pela estigmatização. Almeida (2010) afirma que:

Em Santa Catarina, em um universo de 4.786 milhões de habitantes, em situação de pobreza estão 25,5% deles, nesta realidade social, a pobreza atinge a população branca na ordem de 23,11% enquanto a negra na de 46,8%. Porém, convertidos estes percentuais em números absolutos, teremos o seguinte quadro: 1.037

---

<sup>29</sup> Vivi sete anos numa congregação religiosa fundada na França, mas que todos os Padres que vieram para o sul do Brasil eram Italianos ou alemães.

milhões são pobres e brancos, enquanto 243mil dos catarinenses são pobres e negros. (p.83)

Sempre ouvia a expressão “ir na cidade” o que significava atravessar a ponte e chegar na Ilha, nas ruas centrais da cidade.

E os jovens, havia muitos jovens! Muitos ainda se sentiam num lugar que não era seu, viam que seus pais lutavam uma luta que não era sua. Eram fascinados pela cidade. Era nítido o estranhamento entre a experiência rural e a nova vida na cidade. As falas, roupas, tênis e acessórios, óculos de sol, por exemplo, ainda não estavam acostumados a um corpo com as marcas da vida na roça. A respeito dessa situação, Martins (2002) escreve que,

O moderno entra como aparência, como cultivo da aparência, do traje, do calçado, do equipamento de identificação, dos jeitos, dos gestos e modos. A aparência se desencontra com o modo substantivo da primeira socialização, a recebida na infância, ainda em família. (p.142)

Alguns iam pra Escola onde almejavam “terminar a oitava”. Outros começavam a trabalhar com os pais na construção civil e outra ainda, boa parte deles, “ficavam por aí”.<sup>30</sup> Comecei a perceber que os jovens viviam em constante movimento, à busca de modos de sobrevivência, visto que não podiam contar com apoio material dos pais ou familiares para manter certas despesas.

No final do ano de 1993 acompanhei de perto a dor da família de Silvio, um jovem morador de uma comunidade vizinha, morto com tiros. Certa ocasião, no início do ano de 1994, eu conheci o Seu João Córdoba, que estava numa cadeira de rodas. Ele me disse que fora atingido por tiros quando foi defender seu filho de uma confusão com outros jovens. Logo fui me dando conta de que o conjunto tráfico de drogas e suas consequências estavam se fortalecendo e marcando presença na vida da comunidade e afetando de modo especial a vida dos jovens.

Atualmente mudanças consideráveis podem ser observadas na comunidade, tais como, construção de casas populares, abertura de ruas, instalação de serviços de saneamento, iluminação, construção de praças

---

<sup>30</sup> Em minha dissertação de mestrado fiz uma descrição a respeito das relações dos jovens da comunidade Chico Mendes com a Escola, com o trabalho e com as possibilidades de lazer.

e quadras esportivas, entre outras.<sup>31</sup> Usando o Chiquinho<sup>32</sup>, é possível ir da comunidade ao “centro” em menos de dez minutos, o que relativiza a ideia de periferia como lugar distante da cidade. As distâncias são outras<sup>33</sup>. Essas alterações não significam, contudo, que o traço, o design pelo qual a comunidade é mirada tenha sofrido grandes alterações. Algumas características, contudo, permanecem, quais sejam, o baixo nível de escolaridade, especialmente entre adultos e jovens, o desemprego e subemprego, a presença do comércio de drogas, enfim. E na Chico Mendes ainda não temos outdoors com propagandas de produtos e serviços, como se os moradores deste lugar não fossem também consumidores.

---

<sup>31</sup> A partir do ano 2000 começaram as obras do **Projeto Bom Abrigo – Habitar Brasil /BID** de reurbanização de algumas comunidades do Bairro Monte Cristo, de modo especial as comunidades Chico Mendes, Nossa Senhora da Glória e Novo Horizonte.

<sup>32</sup> Chiquinho é como os moradores do bairro chamam o micro-ônibus que os transporta, cobrando a tarifa social, ou seja, um pouco menos que a tarifa considerada convencional.

<sup>33</sup> Pesquisa do DATAFAVELA (2013) apontam algumas características tradicionais das favelas como cidade informal. Dentre estas se destacam as ruas não asfaltadas, as linhas de transporte que não chegavam, a ausência de iluminação pública, a ausência de creches, escolas e posto de saúde e ainda a autoconstrução de moradias. E a mesma pesquisa aponta alguns dados a respeito do consumo nas favelas Brasileiras. Numa população calculada em 11,7 milhões de habitantes, segundo dados desta mesma pesquisa, a renda anual desta população é de 63, 2 bilhões de reais, o que possibilita acesso aos diversos bens, tais como: cartão de crédito, conta corrente, poupança, automóveis, eletrodomésticos e produtos de tecnologia.

Figura 3: Processo de transformação do bairro Monte Cristo, ao longo de nove anos.



Fonte: Google Earth.





## 2. ENCONTRE-ME NO PERCURSO, NO CORRE.

E aqui estou eu, instado, instigado a sair ao encontro da vidaloka. Encontrar suas pegadas. Ressalte-se que tenho feito isso de maneira bem constante já há um bom tempo. Mas agora preciso fazê-lo com um olhar mais deseducado, preciso refinar meu olhar. Ou seria desafinar? Na verdade posso classificar com um reencontro. Mas tenho em mente o discurso de Santos (2010) que afirma que não conhecemos o real senão o que nele introduzimos, ou seja, não conhecemos o real senão a nossa intervenção nele. Então sou consciente desde já sobre o tempo em que estou afetivamente próximo dos jovens da comunidade Chico Mendes, mas também considero minha intervenção, agora como pesquisador. Andei em outras companhias, de modo especial alguns pesquisadores e seus escritos. Essa ventura tem sido importante, pois me proporciona novos olhares, e muitas dúvidas. A juventude que encontro já não é a mesma, até por que eu também não o sou.

### 2.1 O OLHAR NA E PARA A RUA

Uma das observações preliminares para entender ou iluminar estes meus possíveis encontro com a vida loka diz respeito à Rua. Quem caminha pelas ruas do bairro irá encontrar crianças brincando, pessoas sentadas conversando, tomando chimarrão, cadeiras fazendo vezes de sala de visitas. Os mais incautos poderão fazer julgamentos cheios de desin(g) formação, quando não de preconceitos. Aqui a rua é mais que quintal, ela é extensão da casa. A rua é lugar de encontros e desencontros. Isso é importante assinalar, pois esta pesquisa, não é mais somente a partir da varanda de minha casa, do meu observatório, mas é também na rua. Rio (2008) escreve que a rua é um fator da vida das pessoas e é por sua experiência na rua que ele faz uma descrição densa de personagens e situações. Mas pra isso ele se dispôs a flunar. A respeito disso ele escreve que,

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhes as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flaneur e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flunar.

Aí está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, é ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. (p.31)

A rua será um dos locais onde pretendo buscar os fragmentos de vida que me ajudarão a compor o mosaico multicolor da Vida loka. A rua tem sido um lugar especial de minha vida como educador e agora quero redescobri-la como expecta-ator-pesquisador. Isso já muda tudo. Agora estou pensando nas ocasiões em que uma pessoa, professor, pesquisador ou outro profissional, chegava à comunidade e me procurava quando eu sempre considerei importante caminhar pelas ruas; de modo geral essa caminhada antecedia qualquer conversa. Considero importante sentir o cheiro e o movimento das ruas, experimentar-se no burburinho das crianças, dos jovens, dos carros. Olhar as pipas voando no céu, sentir o calçamento ou a falta deles, olhar jardins, fachadas das casas. Para este estudo estou propondo um rolé investigativo. Poder pensar que “aqui é lugar de gente”. Magnani (2013) pensando sobre as possibilidades de um percurso etnográfico nas cidades, e ele se refere às cidades metropolitanas, aponta para o resgate das práticas invisíveis, as redes e das formas de sociabilidade. Diz ele que

Já os moradores propriamente ditos, que, em suas múltiplas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos, conflitos, etc., constituem o elemento que em definitivo dá vida à metrópole, não aparecem, e quando o fazem, é na qualidade de parte passiva (os excluídos, os espoliados) de todo o intrincado processo urbano. Há uma gama de práticas que não são visíveis na chave de leitura política (ao menos de uma certa visão política): é justamente essa dimensão que a etnografia ajuda a resgatar. (p. 5)

Tenho falado em encantamento com a vida, encantamento com a escrita, não em um sentimento ou posição de Narciso. Tenho essa preocupação e esse cuidado. Penso nos ensinamentos de Santos (2010) em seu *discurso sobre as ciências*, quando defende um conhecimento como aventura encantada. E é encantador encontrar pessoas, ouvir suas histórias, é encantador caminhar pela comunidade, olhar casas, ruas, becos e, ao mesmo tempo, ter em mente os diversos autores que me permitem olhar pra esse fervilhar, no qual o objeto de pesquisa é vivo, muito vivo. Novamente penso em Santos (2010) que afirma que os

objetos têm fronteiras cada vez menos definidas. Eu entendo que a pesquisa, no caso a pesquisa de que trata essa tese, tem um objeto e suas relações. Entendo uma pesquisa viva. Oliveira (2012), ao falar da cartografia como método de pesquisa em educação, aponta que:

Uma cartografia desliza as noções essenciais de objetos de pesquisa que estão em algum lugar desde já e para sempre. Eles, sejam quais forem, de onde vierem, de um mar ou de um deserto, de uma festa ou de um pântano, correm, são fluidos, quase gasosos, escapam. O objeto cartográfico é a dissolução da forma e a instauração da velocidade. (p.284)

Eu gosto da expressão “pegar o bonde andando”, pra falar desse movimento de pesquisador a que me proponho. Eu peguei o bonde<sup>34</sup> chamado Comunidade Chico Mendes andando, nesse bonde aconteceram meus encontros com as crianças, jovens, adultos. E quando terminar essa pesquisa o bonde vai continuar andando.

Tradicionalmente o bonde tem um andar na linha necessário. Ele vai de um ponto a outro. Mas fico a imaginar um bonde com muitas paradas, conexões, um bonde cartográfico, enfim. Um bonde com janelas panorâmicas que deixam ver um mundo inundado de movimentos e forças, um mundo e seus desvios, uma escrita e seus desvios, suas sinuosidades. E as conexões, as sinuosidades, as falas sucateadas me remetem a poesia de Manoel de Barros, especialmente a que fala de seu apreço por máquinas, mas não qualquer máquina. Diz ele:

“Prefiro as Máquinas”

Prefiro as máquinas que servem pra não funcionar:  
Quando cheias de areia de formiga e de musgo – elas  
Podem um dia milagrar flores.

(os objetos sem função têm muito apego pelo abandono.)

Também as latrinas desprezadas que servem para ter

---

<sup>34</sup> Na minha experiência de vida na comunidade Chico Mendes o bonde tem um significado muito particular. Durante algum tempo os bondes vinham em minha casa assim como iam a outros lugares. Para alguns o bonde era perigoso, pois era composto de jovens e adolescentes com os quais a lei conflitava. E havia vários bondes, podia ser o bonde de um lugar (bonde da Chico, da Novo, etc.) ou bonde de uma pessoa ( o Jovem que liderava um bonde ).

Grilos dentro – elas podem um dia milagrar violetas.  
 (Eu sou beato em violetas)  
 Todas as coisas apropriadas ao abandono me religam a Deus.  
 Senhor, eu tenho orgulho do imprestável!  
 (O abandono me protege)<sup>35</sup>

Ao modo de Manuel de Barros, quero cartografar os caixotes da vida, da vida sucateada, para encontrar o material adequado para essa arte de fazer peças novas e surpreendentes, outros designs, moleculares, móveis, hologramáticos. Assim como os metalúrgicos, ao mexer nas caixas vou alterá-las e alterar-me. Visto que busco respostas no cotidiano a partir das biografias individuais ou mesmo das biografias coletivas vou me referenciar no que Michel Maffesoli chama de sociologia de dentro. É esse dentro que vai me alterando. Uma pesquisa dançante que faz o olhar dançar, bailar. Olhar o corre, encontrar o jovem no corre, no movimento, no fluxo. Oliveira (2012) fala em olhares ciganos. Diz o autor que,

O olhar tem sido mesmo um sentido privilegiado na pesquisa em educação. Alguém, entretanto, já prestou atenção nos olhares de um cartógrafo/a? Peguemos, a título de empréstimo, a descrição de Machado de Assis sobre o olhar de Capitu. A figura da cigana oblíqua e dissimulada dá corpo ao olhar cartográfico. Uma presença marginal, condenada a vagar entre as paisagens empreendidas pelos territórios, selvagem, indolente, bárbara, nômade que, com sua maquinaria sibilante, mina todo tipo de sedentarismo e mutismo. Os olhares ciganos desconfiavam da fixidez, preferem o devir. (p. 291)

Nas primeiras páginas deste texto há um poema sobre um possível encontro do pesquisador com os sujeitos da pesquisa. *Não me busque no começo, nem no fim, Aliás, não me busque, Encontre-me, no percurso... No corre!* Tomo então este fragmento como um alerta importante para o modo de aproximação. Meus encontros com a juventude vida loka será movimento. Pais (2001) propõe uma sociologia da pós-linearidade, afinal,

---

<sup>35</sup> Poesia de Manoel de Barros, in Livro sobre o Nada (2010. P. 342)

Perante indícios claros de que as vidas de muitos jovens não seguem trajetórias lineares, impõe pensarmos em métodos pós-lineares de aproximação à vida dos jovens. (p.87)

## 2.2 MEUS CADERNOS

Nascimentos, mortes, alegrias, encrencas, festas, sonhos, crenças, e muito mais. Tudo isso ajuda a compor o que para esta pesquisa chamo de meus cadernos, meus arquivos pessoais. Ali não está escrito sobre encontros de pesquisador e objeto. São encontros que fui anotando, fatos que me chamaram atenção, experiências marcantes devido à sua intensidade. Fui colhendo, colecionando situações. O cotidiano dos jovens e demais moradores da comunidade passou a habitar as folhas brancas. Eu sempre gostei de escrever! Nunca escrevi como quem compõe um diário, até porque a escrita não era diária. Sempre andei acompanhado de um caderno, um papel para anotações. E para esta pesquisa utilizarei de meus cadernos como uma fonte de informações, a minha caixa de sucata. É meu olhar sobre os fatos que estão ali anotados. É uma escrita que carrega então a minha marca autobiográfica (FISCHER, 2005). Mas naquelas folhas está um amontoado de palavras. A primeira providencia foi dar um pouco de organização para estas escritas tão sem lógica, tão dançantes. Ali tem telefones de pessoas, endereços, atas de reuniões, receitas de bolos, lembretes de compromissos, pequenas reflexões a respeito de fatos do dia-a-dia, resumos ou fichamentos de livros, cartas recebidas e coladas nas folhas de caderno, fotografias, cartões postais, e narrativas que falam da vida cotidiana dos jovens da comunidade.

## 2.3 JORNAIS

E tão importante quanto será uma parada nas páginas dos jornais para garimpar os pensamentos, as notícias, os designs enfim, a respeito dos jovens da comunidade Chico Mendes. E não será uma parada rápida, mesmo que penso que basta uma olhada para perceber os modos como os jornais tratam os pobres, os jovens pobres. Para este trabalho será necessário mais que uma olhada. A intenção é realizar uma pesquisa acurada em um jornal de grande circulação no Estado de Santa Catarina, para averiguar os modos como são tematizados os pobres de modo geral e os jovens, de modo específico.



### 3. MEU FLANAR, MEUS CADERNOS E O JORNAL.

A arqueologia, a genealogia, são igualmente uma geologia.  
 A arqueologia não é necessariamente o passado.  
 Há uma arqueologia do presente;  
 De certa maneira ela está sempre no presente.  
 A arqueologia é o arquivo, e o arquivo tem duas partes: áudio visual.  
 A lição de gramática e a lição das coisas.  
 Não se trata das palavras e das coisas ( o livro de Foucault tem esse título por  
 ironia).  
 É preciso pegar as coisas para extrair delas as visibilidades.  
 E a visibilidade de uma época é o regime de luz,  
 e as cintilações, os reflexos,  
 os clarões que se produzem no contato da luz com as coisas.

(Deleuze, 1992, p. 120)

#### 3.1 O FLANEUR

Considero a leitura da obra de João do Rio (2008), A alma encantadora das ruas, inspiradora para este texto, especialmente pelo fato de que este autor tem uma visão positiva das ruas, seus transeuntes e moradores. E ele, inspirado nas poesias e estilos de vidas de boêmios famosos como Baudelaire, vive a rua, ama a rua e fala de seus encantos, fala de sua alma encantadora. E apresenta a figura do flaneur, que segundo ele tem espírito vagabundo, é cheio de curiosidade malsã e tem os nervos com um perpétuo desejo incompreensível. Inspirei-me nele, mas busquei compreender meu desejo. Afinal, o que buscava nas ruas? Magnani (2013) escreve sobre a gama de práticas não visíveis em certas chaves de leitura. Elenquei algumas práticas que pudessem iluminar o meu flunar. Busquei práticas do cotidiano juvenil, elementos de sua sociabilidade. Busquei acompanhar a voltas e mais voltas deste cotidiano, prestando atenção em fatos, situações e contextos que me fornecessem pistas para desvelar os estilos de vida dos jovens, moradores da comunidade Chico Mendes. Apresento então alguns traços desse cotidiano:

- **Sobre festas**

A convocação é feita pelas redes sociais. Um dos convites que recebi em meu perfil era este abaixo. Quatro dias antes do dia da festa vi

que já havia 105 confirmações de presença e 77<sup>36</sup> talvez. E o convite dizia o seguinte:

*Ai rapaziada,*

*Quem venho nas outras festa sabe que é o fluxo pois venho convidar todos vc's e que vc's convidem todos os seus amigos tbm pra esse baile ser o fluxo mais agora dessa vez a pedido do meu mano Cris pq dia 4 foi niver do irmão dele o mano Emerson vamos curti uma festa na paz sem briga sem confusão e tals pq quem brigar vai ser retirado do local na mesma hr tão sabendo então vamos curti na boa na moral mesmo se for sair de casa pra brigar fika dormindo!!!*

*Presença confirmada do dj charles*

*- Homens trazer oq for consumir e tais*

*- Mulheres trazer sua beleza e as amigas e falar pras amigas trazer mais amigas!!!*

*- Local na casa do cris na rua da aresp antes de subir esse morrinho da chico vira a direita que vc já vai ouvir o som perto do depósito de entulhos*

*- Quero ver todo mundo em hehe<sup>37</sup>*

A festa está entre as atividades mais importantes da vida dos jovens, especialmente dos jovens da comunidade Chico Mendes. Geralmente elas acontecem nos fins de semana, incluindo sexta feira, mas isso não impede a realização de festas em outros dias, basta dar vontade. E a realização de festas na própria comunidade têm sido uma constante nos últimos anos. É preciso considerar que as casas noturnas financeiramente mais acessíveis e mais próximas do bairro fecharam suas portas, e mesmo antes disso já haviam restrições quanto ao tipo ou marcas de roupas, cor e corte de cabelos e uso de acessórios como correntes e anéis.

*Aventura Noturna* é o nome de uma festa que aconteceu na Rua Pau Brasil, aliás, foram duas, parte I e parte II. Na primeira festa eu me propus a estar como pesquisador, observador. Fiquei flanando, mas o resultado não foi o esperado, pois me empolguei, tomei umas “bira” e acabei me desviando da função. Na segunda festa fiquei mais de canto, absorvendo e observando, dando cordas à minha curiosidade malsã.

---

<sup>36</sup> Os convites têm três opções de respostas: participar, recusar, talvez.

<sup>37</sup> Mantive a escrita do convite do modo como foi postado.



Quem promoveu foi o Paulo<sup>38</sup>, um jovem de 17 anos. Era uma tarde de sábado quando percebi o movimento de preparação, que consistiu basicamente nos cuidados com o som. Caixas de som foram trazidas e instaladas com a ajuda de dois amigos. A aparelhagem foi colocada sobre duas mesas de plástico. Tudo isso no portão da casa.

A partir das 22:00 horas o som foi ligado e comecei a ouvir as primeiras músicas: O funk foi o ritmo preferido, seguido de músicas eletrônicas.

Aos poucos foram chegando jovens de vários lugares, homens e mulheres em trajes de festa<sup>39</sup>. Cada um trazia a sua bebida, mas o João também foi trazendo garrafas de dentro da casa durante toda festa, geralmente era uísque, energético, vodka e refrigerantes. Alguns acendem um cigarro de maconha e ficam observando. Alguns casais vão se formando. Nesta rua tem três postes de luz: O primeiro, próximo da rua maior e mais iluminada era por aonde a maioria das pessoas iam chegando; o segundo é próximo do portão da casa do jovem anfitrião e ilumina a aparelhagem de som e a família do João que fica por ali como se estivesse num lounge, recebendo os convidados, providenciando gelo e copos plásticos, e o terceiro poste era no final da rua pau Brasil e que sempre tem a lâmpada quebrada. Dizem os jovens que é por questão de segurança. O local mais escuro é por aonde chegam alguns jovens ocupados com o corre. Próximo deste poste é para onde vão vários casais para namorarem. E o movimento de vai e vem é constante.

O som é alto, acho que alguns vizinhos se irritam com isso. Pra mim foi muito bom, inclusive por que pude rever muitos jovens, alguns que conheci ainda crianças.

A festa é um tempo de trégua. Percebo a presença de vários jovens que normalmente não estariam neste local<sup>40</sup>. A Rua não é muito grande, mas está cheia. Nesta hora não passa carro. Fiquei até às duas horas da madrugada, depois fui pra casa e fiquei acompanhando a festa com os ouvidos até cair no sono.

## • Sobre a rua

---

<sup>38</sup> Todos os nomes de pessoas da comunidade Chico Mendes são fictícios a não ser daquelas que estão mortas.

<sup>39</sup> Percebo que algumas roupas só são usadas em ocasiões especiais, por isso utilizo a expressão trajes de festa.

<sup>40</sup> Uma das consequências da violência é a demarcação de territórios. Assim quem mora em determinada comunidade não pode frequentar outra. Nas festas há ainda a presença de jovens moradores de outros bairros.

Fiquei um dia, ou pelo menos boa parte dele, observando o movimento de uma rua.

A rua que escolhi pra observar é próxima da Casa Chico Mendes. Nesta rua, além das moradias, existem duas igrejas, dois bares, um verdureiro, uma oficina de carros que é também compradora e revendedora de materiais recicláveis e uma boca de fumo. Escolhi esta rua por causa do movimento. Por ela passam muitas pessoas que vão pra diversos pontos da comunidade, como escola, creches, posto de saúde, ponto de ônibus, supermercado, etc. A rua amanhece tranquila, muitas pessoas saem pra trabalhar, outras pra estudar, outros ainda dormem (penso eu) e outros ficam observando.

Aos poucos a rua começa a ganhar movimento. “Quantas?” Essa é a pergunta que faz o jovem que cumpre seu horário no corre local. O que se aproxima responde com os dedos a quantidade que vai querer. Logo algumas mães saem acompanhando seus filhos até as creches da região. Umas vão para o trabalho e outras voltam pra casa. As crianças que não irão pra escola neste período começam a sair pra brincar na rua, pra comprar pão, pra tomar chup-chup<sup>41</sup> no café da manhã. Algumas pessoas trazem o pão e o café para comer na rua, enquanto conversam com os vizinhos ou enquanto olhas as crianças. Um grupo de mulheres compartilha um baseado. Logo as pipas começam a subir e grupos de crianças, adolescentes e jovens passam correndo atrás das que caem, nesta hora é preciso muito cuidado para não ser atropelado. Várias jovens mães passam com seus filhos grudados em uma mão e a carteirinha na outra, estão indo no posto de saúde. Vários jovens passam com suas roupas sujas e velhas, característica daqueles que estão viciados no crack e que são conhecidos como casqueiros. Desses, alguns trazem coisas pra vender. Não importa o que seja, o preço é sempre próximo do necessário pra comprar uma pedra de crack. Vi que vários jovens passam levando seus filhos para a escola. Depois pude observar que isso é rotina tanto na entrada como na saída da mesma. Entre 10 e 11 horas algumas pessoas ligam seus aparelhos de som, cada um liga o seu na altura que achar bom. Isso se repete mais ou menos do mesmo jeito na parte da tarde, a não ser no final da tarde, ao término do horário escolar quando há uma maior número de crianças e adolescentes nas ruas. Neste dia eu vi a viatura policial passar três vezes. No final da tarde o número de jovens que se encontram na rua é bem maior. Alguns

---

<sup>41</sup> Em outras regiões do país ele é conhecido como sacolé ou geladinho, e geralmente é feito com refresco em pó, embalado em um saquinho e congelado. Alguns utilizam achocolatados ou suco de frutas.

grupos se formam ao redor de bancos improvisados e até mesmo sofás que ficam colocados nas calçadas até que o sol e a chuva os destruam ou que sejam recolhidos pelo serviço de coleta de lixo.

- **Sobre partilha e improvisos.**

Quando passei vi que a Morena começou a fazer um churrasquinho do lado de fora do portão de sua casa, na volta pude contar pelo menos 07 amigas, algumas com os filhos. Isso se transformou numa festa, com direito a música e luzes.

- **Sobre poesia**

Encontrei o Lucas e um amigo. Ele me perguntou se eu teria livros de poesia para emprestar. No dia seguinte ele veio. Levou um livro do Mario Quintana e outro do Paulo Leminski.

- **Sobre trabalho e afeto**

Felipe fly me contou que está trabalhando e que está morando com sua filhinha. Sua ex-mulher está presa.

- **Sobre nervos à flor da pele**

No status de seu facebook estava escrito “Aff!!! fui pra curtir e voltei muito mal da festinha”.

Logo fiquei sabendo o que ocorreu. Um jovem atirou e matou outro jovem. Logo em seguida atirou em si mesmo, e morreu.

- **Sobre estar no corre**

Hoje o Alex estava no corre. Ficou constrangido quando me viu. Está muito magro e cheio de olheiras.

- **Sobre afeto e violência policial**

Hoje conversei com Paulo Henrique. Falou-me com carinho sobre seu filho de 05 meses. Disse que um policial pegou sua carteira de trabalho e queimou.

- **Sobre violência**

Encontrei o Ivam e vi que ele estava com grande parte das pernas queimada. Ele não sabe quem foi. Sabe que alguém jogou gasolina em seu corpo e também em sua companheira, e ateou fogo.

- **Sobre medo**

Esta noite ouvi vários tiros pela comunidade.

- **Sobre vigilância**

Estávamos na laje quando sentimos o barulho chegando, aumentando. Era o Helicóptero da polícia que sobrevoava a comunidade. Esta bem perto de nossa casa. Dava pra ver detalhes do avião.

- **Sobre um bom encontro**

Hoje senti na esquina pra tomar uma cerveja com a Chica e o Felipe. Logo apareceram outros jovens: Maycon, Bruno, Edna, Caíque e Tatu. Não demorou muito pra buscarem uma mesa pra jogarmos dominó. Isso durou até a madrugada.

O olhar, filtra, julga, escolhe (SOBRINHO, 2004), até mesmo o olhar do flaneur! Poderia ter visto outras coisas, outras situações, mas foram estes, os encontros com o cotidiano que meu desejo selecionou. E nestes encontros posso ver uma mistura de acontecimentos, sentimentos, desejos e comportamentos, condutas heterogêneas (DUBET, 1994) que permitem pensar a juventude como espaço de possibilidades (MARGULIS, 1996). Estes meus encontros com os jovens da comunidade Chico Mendes me mostraram poesia (Lucas), partilha (Morena e suas amigas), carinho com o filho (Paulo Henrique), violência sofrida por quem teve o corpo queimado (Ivam), festa que traz alegria, mas que também proporciona tristeza (desabafo no facebook e a aventura noturna), medo (tiros), intimidação (helicóptero), bons encontros (dominó) e assim por diante. Mas é importante salientar que tudo isso dá significado a dimensão comunitária dos modos de ser, de viver e de experienciar como jovem vidaloka. Os conflitos, as desavenças, a alegrias, encontros e desencontros ou mesmo as encrencas cotidianas são experiências do local (CORDEIRO, 2009) que podem

ser entendidas como liames comunitários de pertença a um lugar. Maffesoli (2010) fala em costume, para objetivar os modos de ser e de viver, e fala ainda em um ritual litúrgico que dá visibilidade à experiência de pertencimento ao grupo ou à comunidade. Dizer que mora na Chico, mais que indicação de endereço, significa apontar uma composição com um lugar, suas histórias, seus modos de ser e de fazer, com seus estilos, é ser jovem com múltiplas relações (DELEUZE, 1992), ou ainda, dar visibilidade a um paradigma estético, no sentido de vivenciar e sentir comum (MAFFESOLI, 2010).

Uma importante constatação sobre os modos de ser e de viver desses jovens é que eles estão sempre ou quase sempre na comunidade, corroborando o pensamento de Dubet (1994) quando se refere a uma sociabilidade do retraimento. Alguns aspectos da sociabilidade desses jovens permitem que se possa observar certa retração, mas é preciso considerar que atualmente alguns grupos se organizem para passeios, em praias, cachoeiras ou ainda para jogos de futebol. Existem ainda aqueles que gostam de passear em Shopping Centers, alguns poucos, bem poucos, tem o hábito de ir ao cinema. Outro dado importante é a carência de políticas públicas de lazer para os jovens de modo geral, e menos ainda para os jovens pobres, que têm a condição de sujeitos de direito constantemente ameaçada, ou negada (LIMA, 2003), o que faz com que estes busquem alternativas na comunidade. Exemplo destas alternativas, vivências experimentalistas (PAIS, 2001) que incentivam e mostram uma sociabilidade do retraimento, são as festas promovidas na comunidade, pequenos eventos quotidianos como o churrasquinho feito pela Morena, o jogo de dominó e que se constituem uma ocasião de encontro de amigos e formas alternativas de lazer (CORDEIRO, 2009). Outra modalidade de contato entre si, com outros lugares, pessoas e situações se dá através uso da internet. Muitos possuem aparelhos de celular conectados diuturnamente, inclusive é comum que se reúnam em lugares que facilitem a conexão. O portão da Casa Chico Mendes é um desses lugares já que a casa tem Wi Fi. É importante ainda ressaltar que isso indica uma rede de relações, o que aponta para aspectos da sociabilidade juvenil que nem sempre são explicitados, e que se tece em torno de estilos musicais, notadamente o Funk o Rap e, com menos intensidade, o samba e o pagode, mediados pelo uso de tecnologias (SPÓSITO, 1994). Percebo que nas festas promovidas na comunidade sempre acontece a presença de artistas de fora da comunidade e que pertencem a uma rede de relações e que pode ser entendida a partir do que Maffesoli (2010) chama da ambiência. Não é comum que no dia-a-

dia os jovens da comunidade Chico Mendes frequentem outros lugares, interajam com outros grupos, mas é importante ressaltar que nas festas acontece um fluxo maior de pessoas, como se fosse um tempo de trégua, a festa é território de paz. Mas também não é comum que outros grupos frequentem a comunidade Chico Mendes, a não ser aqueles que compartilham das mesmas condições de vida e que também vêm para as festas. Esta, contudo, não é uma afirmação fechada, pois existem outros grupos e pessoas que gostam de estar na comunidade. É importante frisar que a existência de uma sociabilidade do retraimento não significa que a comunidade Chico Mendes é território fechado, onde é preciso pagar pedágio pra circular: isso é um mito. Além da sociabilidade, da musica e das festas, os modos de falar e de vestir contribuem para que os jovens da Chico Mendes vivam um estilo (ABRAMO, 1994). O visual é básico, bermuda, camiseta, tênis e boné; sempre de marcas famosas entre os jovens, mesmo que sejam imitações. Muitas vezes os vejo lavando suas roupas à noite para que possam ser usadas no dia seguinte. Também é comum o empréstimo de roupas entre os grupos. Além dos empréstimos de roupas é comum que eles estabeleçam entre si algum comércio de produtos. Os cortes de cabelos seguem algum padrão e suas variações com destaque para o tratamento com tintas. Merece atenção também o fato de que maioria têm desenhos tatuados em seus corpos, muitos escrevem os nomes de pessoas amadas, sendo mais comuns os nomes das mães ou dos filhos. A esse respeito é importante a afirmação de Abramo (1994) ao constatar que:

É com essas criações que eles manifestam sua posição no mundo e as questões com que se debatem. Num meio onde a principal forma de comunicação se dá cada vez mais através da imagem e as identidades sociais se expressam principalmente através da ostentação de artigos de consumo, é pela construção alegórica da própria imagem e com o uso estranho de determinados objetos que esses grupos vão tentar se movimentar nesse universo. (p. 83)

Estes são elementos que sinalizam ainda para a invenção cotidiana de mecanismos de sobrevivência e luta, como apontam os estudos de Cordeiro (2009). A minha experiência de flunar como procedimento de pesquisa me permite apontar elementos marcantes do estilo de vida dos jovens moradores da comunidade Chico Mendes. Dentre estes elementos posso destacar a rede de relações estabelecidas, a diversidade de pertencimentos, as vivencias experimentalistas, o

trabalho, os improvisos, a festas, as preferências musicais, as roupas, a sociabilidade, enfim.

### 3.2 MEUS CADERNOS.

O caminho desta pesquisa me levou a busca de informações escritas durante anos nos meus cadernos. Ao iniciar iniciei a leitura dos cadernos, meus arquivos, para compilar os fragmentos que seguem pude viajar nos acontecimentos ali narrados. E é claro que essa viagem foi carregada de sentimentos diversos. Sentimentos de vida e de morte, de tristeza e alegria, de afetividade. Também procurei narrativas que pudessem expressar olhares diversos. Penso que pude captar acontecimentos marcantes do cotidiano juvenil da comunidade Chico Mendes, com suas voltas e mais voltas (PAIS, 2001). Não fiz uma seleção, apenas fui anotando tudo que dizia respeito aos jovens. Deixei alguns de lado com o único objetivo de não ser repetitivo.

Escrevo por necessidade e por que gosto. Fui aprendendo com o tempo sobre a importância de registrar falas, seja em encontros informais ou em reuniões. Descobri também que não devo ocupar meu cérebro com tantas informações, passo-as para o papel e elas ficam ali, esquecidas às vezes. Tenho um caderninho do ano de 1994, este já está bem amarelado, onde anotava os acontecimentos em torno de um trabalho comunitário específico. Fora isso sempre tinha um material que era usado como agenda. E escrevo muitas coisas: telefones, nomes de pessoas, endereços, falas que considero importantes; anoto participação em reuniões, receitas de comida, endereços, colo bilhetes, enfim, meus cadernos posso dizer que tem “de tudo”. Não deixo que fiquem folheando meus cadernos, sinto que isso significa uma invasão de privacidade, pois em suas folhas fui deixando marcas de minha vida. Aliás, ali estão fragmentos do meu vivido.

Figura 4 – Meus Cadernos



Fonte: Acervo do pessoal

Para esta pesquisa eu procurei catalogá-los para que pudessem ser fonte de informações. Consegui reunir diversos destes cadernos e fiz uma organização por ano. Percebi que em alguns as informações são de parte de um ano e parte de outro, já que eu abria um caderno novo somente quando findava o anterior, independente das datas. Mas fiz uma aproximação o que permitiu que pudesse retroceder até o ano de 2002. Passo seguinte foi uma leitura atenciosa de todas as páginas. Aí fui separando tudo que considero importante para esta pesquisa. Utilizei como indicadores a palavra jovem ou nomes de jovens, comunidade e seus similares. Associar nomes e situações foi outro exercício importante. Passo seguinte foi a transcrição em forma de fragmentos. Nesta ocasião estava lendo os Fragmentos de um discurso amoroso, de Barthes<sup>42</sup>, e achei interessante pensar que fragmentos podem sinalizar para experiências importantes da vida dos jovens da comunidade Chico Mendes, seus estilos de vida e suas sociabilidades. Para este texto os fragmentos estão organizados em blocos, a partir temas pensados a partir dos objetivos da pesquisa, quais sejam, as sociabilidades, os estilos de vida, a presença do mito, medo e do perigo no cotidiano, a busca de alternativas de sobrevivência e, ainda, os desejos de inclusão.

<sup>42</sup> Logo no início desta obra o autor assinala que sua obra oferece um perfil que não é psicológico; é estrutural. E que oferece à leitura um lugar de palavra, o lugar de alguém que fala em si mesmo...



### **3.2.1 Fragmentos dos estilos de vida dos Jovens e suas sociabilidades.**

- **Da amizade**<sup>43</sup>

*Hoje o Mario me ligou da prisão. Ele está esperando minha carta. Amanhã vou escrevê-la.*

- **Ser Gente**

*Hoje o João Carlos esteve aqui. Pediu pra telefonar pra Emanuelle, para avisar que amanhã terá curso de Batismo. Disse também que está pensando em fazer um Churrasco no Domingo, pois afinal, “é preciso fazer alguma coisa para se sentir gente”.*

- **Idas e vindas**

*Meu amigo Mario saiu da cadeia. Ficou três dias pela comunidade, até que nos encontramos. Ele veio me visitar. Conversamos bastante. Disse ele: Dodô, você não imagina como em dois anos as coisas mudam tanto aqui fora, pra quem está La dentro. Sinto-me meio estranho.*

- **Nosso lugar**

*Buco, Doio, Jorge, Gugu, Repolho, André, Jef, Negão e Nego pintam a casa onde será instalado um núcleo de Saúde Comunitária Antroposófica da comunidade.*

---

<sup>43</sup> Os títulos para estes fragmentos foram pensados para esta tese.

- **Deixo a vida me levar!**

*Hoje o Cidinho apareceu bem cedo pra me convidar pra ir em sua casa tomar café, para comemorar o dia do trabalhador, já que ele não trabalha. Ele é compositor de rap.*

### **3.2.2 Fragmentos das presenças de mitos, do medo e do perigo no cotidiano.**

- **O perigo está à espreita.**

*Hoje uma educadora, depois de ser atingida por uma laranja, atirada por um adolescente durante uma brincadeira, disse que, se continuar assim, poderá ser atingida por uma bomba.*

- **O olhar que mede e julga**

*Fui convidado pra participar de uma reunião com pessoas que estão preocupadas com o “aumento da violência na comunidade”, não gosto disso, pois colocada desta forma, parece-me que a questão da violência se sobressai entre outras questões, inclusive as que a geram. Mas vejamos o que vai dar. È uma iniciativa de lideranças da Igreja católica.*

- **Impasses.**

*Segurança; colégio fechado; morte e violência; sem espaço de lazer; falta trabalho. O Bairro é excluído; não somos coitados; temos possibilidades; temos que ter orgulho de morar aqui; o negativo é o que tem prevalecido; tem que pular o muro da escola pra jogar bola; territórios são demarcados. (essas são falas de jovens).*

- **Escuta**

*Cerceamento de liberdades; adolescentes pedem socorro; clima de medo; marginalização; falta mobilização; fome; muitos pedidos de socorro pra que possam manter-se vivos... (Essas são falas de líderes da comunidade).*

- **Pra onde?**

*Muitas famílias estão deixando a comunidade. Muitas estão assustadas.*

- **Um bonde perigoso!**

*Da janela vejo a rua e me espanto. Um bonde caminha, todos exibindo armas. Todos são jovens. Algumas armas são assustadoras, acho que são fuzis.*

- **Vocês estão sendo vigiados.**

*Hoje fomos sitiados pela polícia. Tem homens de preto pra todo lado. Tem até um caminhão grande, parece “caverão”, estacionado no meio do da Chico. Dizem que vão ficar vários dias.*

- **Truculência**

*.... Foi um dia tranquilo. Tranquilo até o momento em que um policial invadia o Hall de entrada, tentando prender um jovem (O Bife). Fizemos uma confusão. O jovem fugiu enquanto o policial saía para solicitar reforço. O policial que já estava nervoso ficou mais ainda. Vieram os vizinhos para ver o que estava acontecendo, pois havia gritos. Uma das vizinhas, uma jovem muito das corajosas, enfrentou o polícia. Ele saiu xingando. Outro policial que chegou à viatura, desceu do carro e também gritou, esbravejou. Por fim, me chamaram de “pau no cu do caralho que fica protegendo bandido”. “O senhor está certo”, me disseram.*

*Passado pouco tempo, uns 15 minutos, a viatura passou novamente em frente à casa para repetir os xingamentos.*

- **Invasão de domicílio**

*Hoje a policia entrou na minha Casa. Fui buscar alguma coisa no andar de cima e quando desci as escadas já os encontrei entrando. Questionados sobre a necessidade de autorização pra entrar eles disseram que era muito necessário, que tinham “jogado algo” sobre a nossa laje e que precisavam verificar. Trouxeram então uma*

*autorização por escrito que eu assinei. Subiram, olharam e não encontraram nada.*

- **Eu sei quem você é!**

*Hoje o Felipe me contou que foi ao mercado Big ontem. Como estava vestido com uma roupa mais simples foi chamado pelo segurança e interrogado: O que você tem aí? Se roubou alguma coisa é melhor devolver!*

### **3.2.3 Fragmentos da preocupação com as alternativas de sobrevivência**

- **Ir atrás.**

*Você tem que ir atrás! Você acha que vai cair na tua mão, assim de vereda? (Deca falando pro Cristiano ir procurar emprego)*

- **Liberdade vigiada**

*Maycon veio preencher uma ficha para prestação de serviço comunitário. Thiago (21anos) está em liberdade condicional. Está muito preocupado, pois precisa de trabalho remunerado dentro de 30 dias para não ser preso.*

- **Fazer o que pode.**

*Fui ao centro comprar remédios. Hoje não encontrei Mauro e Deivid vendendo passes. Estou tentando convencê-los a voltar a estudar. Mas tá difícil. Eles estão descobrindo um mundo no centro. Acho que estão trabalhando de garotos de programa.*

### **3.2.4 fragmentos da dor e dos desejos de inclusão: mortes e angustias,**

- **E agora?**

*Depois do almoço fiquei conversando com o China. E ele me diz: Dodô, não sei o que faço! Como posso esquecer a pessoa que matei? Nem durmo direito!*

- **Um menino chamado Alexandre.**

*Está Chovendo, não uma chuva forte, mas constante. A chuva não é mais importante, mas cria um clima que torna a tristeza mais forte. A chuva é forte, assim como a dor é forte. Dor, que dor?*

*A dor de ver a vida interrompida tão cedo, e de forma tão brutal.*

*Alexandre foi assassinado. Caiu deixando uma mancha de sangue.*

*O menino inteligente, sensível e alegre, só estará presente nas lembranças. Nas alegres lembranças de sua existência e na triste lembrança de sua morte.*

*O menino agora vai ouvir rap em outros lugares, em outras companhias.*

*O menino que com seu jeito de ser contestava a prática de suas professoras, agora, com sua morte, contesta o nosso mundo. Esse mundo que tem visto a morte de seus meninos, tão presente, tão perto.*

*Esta semana ele me disse que voltou a estudar. Ia concluir a 8ª série. E realmente ele fez questão que eu o visse na escola.*

*Agora, quando a família chegou do hospital com a notícia confirmando a sua morte, seus amigos adolescentes, jovens, me olharam profundamente e foram chorar. Eu também chorei. Adeus Alexandre!*

- **Amanhã ele não vai pra aula!**

*Hoje é festa em São José, município vizinho ao nosso. É o aniversário da cidade, comemorado com muitos fogos de artifício. O estouro dos fogos se confunde com o barulho dos tiros que mataram Geovane, o Barata.*

*De repente o céu se ilumina e a esquina recebe uma multidão de pessoas: Parentes, familiares, amigos e curiosos. O corpo é levado ao hospital. Começa a expectativa por notícias. Quando se confirma o óbito, a maioria das pessoas vai pra suas casas e a família fica na sua dor.*

*O adolescente que ontem chorou a morte do amigo, hoje chora a morte do irmão. Quanta dor! Helivelton é seu nome! Ontem ele saiu recolhendo dinheiro pra providenciar o velório do amigo. Hoje ele organiza os amigos para limparem a capela. Ele chora de dor, chora de revolta.*

*Já o Geovane, o menino mirrado que estava se recuperando de um tiro que feriu seu corpo, dia desses me pediu para achar seu histórico, pois queria estudar à noite. É o desejo de ser reconhecido como gente, como cidadão. Mas amanhã ele não vai pra aula.*

- **Era um menino, um menino mimado!**

*Hoje é segunda feira. Poderia ser qualquer uma delas se não fosse o fato de que este final de semana foi marcado pelo assassinato do Maycon. Na sexta feira a noite ele veio conversar comigo sobre a sua PSC – Prestação de serviço comunitário. Disse que está trabalhando na Aresp<sup>44</sup>. Disse que poderia vir no Sábado. Falei que seria meio difícil vir no sábado e que deveríamos pensar um jeito. Seu grande temor era o de ser preso novamente.*

*O Maycom não era mais o mesmo desde a morte do Alexandre, seu parceiro. Com o Alexandre ele se sentia forte. E o Alexandre, o menino chamado Alexandre, se fortalecia a seu lado.*

*Mas o que ele era mesmo? Era também um menino. Um menino mimado, e armado. Um menino que corria riscos. Um menino cheio de medo, às vezes apavorado. O medo o tornava ousado em certas ocasiões, bastante ousado. Uma dessas ocasiões eu o vi saindo dos braços violentos da policia. Pensei na sua coragem, mas logo vi que ele corria em direção aos braços de seus pais.*

*Nossa relação era de amizade. Ele sempre falava de seu carinho por mim. Sua morte me entristeceu muito.*

- **Até você?**

*Esta semana estamos vivendo uma situação que nos traz muita tristeza e preocupação. O Marcos está preso por participar de um assalto a uma residência juntamente com outros jovens. Ainda não consegui elaborar bem a situação. A família busca meios de protegê-los, sem, no entanto, conseguir pensar nas vítima do assalto, ou ao mesmo no aspecto ético de tal atitude.*

---

<sup>44</sup> - ARESP – Associação de recicladores esperança. Esta associação localiza-se na Comunidade Chico Mendes.

- **Amor é só de mãe**

*A Noite o Marcos veio com sua mãe. Trouxe o processo para darmos uma olhada. Segundo pude apurar, a sua situação é muito seria, visto às circunstâncias do assalto.*

\*\*\*\*\*

A ideia de trazer para o texto esses fragmentos do cotidiano da vida dos jovens moradores da comunidade Chico Mendes foi para possibilitar ao leitor uma visão ampla das mais variadas situações e apontar para um contexto comunitário onde os estilos de vida dos jovens são vivenciados/marcados a partir das amplas possibilidades (MARGULIS, 1996). São possibilidades de se experimentar, como jovem, como jovem e pobre em diversas situações, sejam de amizade (Da amizade), participação comunitária (Nosso lugar), busca por mecanismos de sobrevivência (Ir atrás), sensação de medo (O perigo está à espreita), possibilidades de praticar atos de violência (Um bonde perigoso; E agora?), ser discriminado (Eu sei quem você é), viver cercado, vigiado (Vocês estão sendo vigiados; Invasão de domicílio; Truculência) e assim por diante, confirmando o que os jovens tem dito respeito de si mesmos:

Somos pessoas, jovens, migrantes, faveladas, trabalhadoras, pobres, lascadas, excluídas, sofredoras. Somos ainda, cidadãos, vencedores, fortes, amigos, comunidade, sonhadores. (LIMA, 2003, p. 57)

A despeito de todas as dificuldades por que passam os moradores da comunidade Chico Mendes, percebo que os jovens sentem orgulho. Eles se afirmam como cidadãos, vencedores, fortes, amigos, comunidade, sonhadores. Este é um importante pondo de partida para que possamos pensar a condição juvenil na comunidade como uma condição marcada pelo desrespeito os jovens cidadãos, sujeitos de direitos.

A comunidade Chico Mendes, por sua vez, é um lugar que oferece proteção, ou pelo menos a sensação de se sentir protegido.

É um lugar de grande movimento. Há uma avenida que corta a comunidade onde o trânsito de veículo é intenso. O vai e vem de pessoas é intenso. O numero de crianças brincando na rua é grande. Mas agora é hora de falar do movimento de vida dos jovens, movimento que

fui captando em pequenos fragmentos do cotidiano, o cotidiano a vida loka.

Início pela invenção cotidiana de mecanismos de sobrevivência (CORDEIRO, 2009), o que nos remete ao fragmento uma frase do Jovem Deca denota uma preocupação com a busca por trabalho. Em uma conversa a respeito da necessidade e importância do trabalho ele diz: *you tem que ir atrás! You acha que vai cair na tua mão assim de vereda?* E essa preocupação com a luta pela sobrevivência e, portanto, com a necessidade de trabalhar é constante na vida do jovem dessa comunidade. Essa luta, no entanto, esbarra em dois obstáculos importantes, quais sejam, a pouca escolaridade e o preconceito de lugar. Dizer que mora no Bairro Monte Cristo, ou pior, na Comunidade Chico Mendes já é sinal pra não ser bem aceito ou mesmo para não ser aceito. Isso ajuda a explicar o fato de muito jovens aceitarem fazer trabalhos nem sempre sonhados. Conseguir um trabalho para muitos é motivo de alegria. Em um encontro com Felipe Fly ele fala da alegria e da importância de estar trabalhando. Já outro fragmento refere-se aos encontros dois jovens que realizam trabalhos indesejados:

*Fui ao centro comprar remédios. Hoje não encontrei Mauro e Deivid vendendo passes estou tentando convencê-los a voltar a estudar. Mas tá difícil. Eles estão descobrindo um mundo no centro. Acho que estão trabalhando de garotos de programa.*

Vender passes de ônibus no centro ou mesmo aventurarem-se como garotos de programa ou dançarinos em casas de shows foram as ocupações encontradas por esses dois jovens durante um tempo de suas vidas. Eles sempre apontaram o caráter provisório dessas ocupações, já que um treinava para ser lutador profissional de jiu jitsu<sup>45</sup>, seu grande sonho, enquanto o outro pensava em estudar, mas deixava o futuro em aberto. O segundo até frequentou esporadicamente a sala de Educação de Jovens e Adultos onde eu era professor. Estes jovens, assim como tantos outros, rodopiam por uma multiplicidade de trabalhos precários (PAIS, 2001). Acompanhei esses dois jovens por bastante tempo e pude perceber que uma única linearidade em suas vidas era percurso entre o centro e a comunidade, onde moravam suas famílias. Mas sua vida era mesmo no Centro. Com o tempo ficamos amigos e isso me permitiu

---

<sup>45</sup> Esse jovem, Mauro, conseguiu participar de algumas lutas e pode falar de sua felicidade em jornais especializados no mundo das lutas.



perceber que a visita às suas famílias não era sempre constante. Na vida desses dois jovens pude perceber o que Melucci (1997) chama de aproximação nômade com o tempo. Não viviam preocupados em preencher os quadradinhos da vida. Eu sempre teimava em lhes propor uma vida mais linear, mas seus modos de viver me diziam “eu ando num labirinto e você na estrada reta”. Suas vidas eram cheias de aventuras e aberturas. Curtiam o máximo que podiam da vida.

Outro ponto a ser considerado é a presença do tráfico de drogas que para muitos é experimentado como trabalho, como fonte de renda. O trabalho no corre é exigente. Implica em turnos de trabalho, geralmente de doze horas, diurnos ou noturnos. Considero fundamental para ampliar a compreensão sobre o envolvimento de jovens pobres no tráfico de drogas a fala do jovem que diz para a criança “*nós somos bandidos, mas não somos maus*”. Às vezes o trabalho numa boca se apresenta como uma escolha entre outras, mas também pode se apresentar como única escolha. Este é o caso de João Carlos que ficou pai e perdeu o emprego na mesma época. Ele se esforçou muito, mas acabou por trabalhar um tempo vendendo drogas. Ele tinha consciência que aquela era uma ocupação provisória. Quando ele me diz que é preciso fazer alguma coisa pra se sentir gente (Ser gente), está se referindo ao incômodo pelo trabalho que faz à noite e, é claro, que pelo meu olhar é pesado, mesmo que eu não queira. O menino chamado Alexandre começou a se envolver com o tráfico de drogas, ou foi envolvido por ele, por volta dos treze anos de idade. Morava com a avó, catadora de papel. Na mesma casa ainda moravam mais cinco adolescentes. A atração pela suposta facilidade em ganhar dinheiro e poder ajudar nas despesas da casa o levou ao envolvimento com a venda de drogas. Isso também o levou à morte. Existem ainda aqueles que viveram a experiência de passar um tempo da vida encarcerado e que depois se vem na obrigação de procurar um trabalho, como é o caso dos jovens do Thiago e Maycon (Liberdade vigiada).

Os adultos têm rotinas, horários, tem um tempo pra cada coisa. Eu andei bisbilhotando a vida dos meus vizinhos adultos para perceber como organizam o seu tempo. Eu tenho uma vizinha que sai para trabalhar às sete da manhã e retorna pra casa às sete da noite, quando começa a limpar a casa. Terça à noite é dia de ir à Igreja. Outra sai às oito da manhã, mas antes leva uma filha para a escola e o filho menor para a creche. Voltas as 18:30 e fica conversando um pouco na rua com as vizinhas que também foram buscar seus filhos na creche. Alguns vizinhos saem às cinco e meia da manhã, pois a condução que os leva

para a obra passa as cinco retorna pelas dezenove horas. Sábado pela manhã é dia de lavar carro, jogar futebol e ouvir musica num volume bem alto. Domingo tem cerveja e mais musica até o inicio da noite quando todos vão se silenciando, para retomar o ritmo de segunda feira. Enfim, é um tempo bem organizado, ocupado, previsível.

A relação que os jovens da comunidade Chico Mendes estabelecem com o tempo merece atenção, pois essa relação está intimamente ligada a seu modo de estar no mundo. A primeira percepção que chama a atenção é o fato de que o tempo dos jovens tem uma organização no mínimo diferente daquela dos adultos. É claro que tem uma parcela de juventude que estuda, trabalha e tem certa organização temporal mais próxima do que se considera próximo da normalidade ou da normatividades. Mas a intensidade é outra, afinal, as fitas são muitas e, como afirma Canevacci (2005), os jovens são intermináveis. Nas redes sociais é comum que os jovens façam publicações dando boas vindas aos feriados e finais de semana. Mas isto, mais do que pensar esses dias como merecido descanso para quem trabalha ou estuda, diz respeito à possibilidade de estar junto, fazer festa, namorar, praticar esporte, passear, ficar sem fazer nada, reafirmando outros aspectos da sociabilidade do retraimento quais sejam a proteção mutua e a criatividade a partir do território reduzido. Tudo precisa e pode ser feito, aproveitado, o que, de acordo com os estudos de Margulis (1996), corresponde à Moratória vital, um excesso temporal, uma reserva que precisa ser aproveitada ao máximo. É possível, na vida desses jovens, iniciar a comemoração do aniversário de um amigo ao mesmo tempo em que se lamenta a prisão de outro, isso tudo na hora em que os adultos e alguns jovens estão indo trabalhar ou estudar. Mas não se pode pensar que essa sociabilidade da retração implique e nem signifique harmonia, muito pelo contrário. Além de conseguirem fazer muitas coisas os grupos juvenis também experimentam muitas sensações. Discussões, brigas violentas e xingamentos convivem com manifestações de solidariedade e cumplicidade. Os jovens, de acordo com Dubet (1994), participam e protagonizam todas estas manifestações sem que nenhuma os defina totalmente. Vale lembrar ainda de Melucci (1997) quando escreve que a incerteza, a mobilidade, a transitoriedade e abertura para a mudança são atributos tradicionais da juventude, enquanto que os escritos de Deleuze e Guatari (1995 e 2010) permitem entender a juventude a partir das suas relações, na sua multiplicidade.

### 3.3 A MÍDIA IMPRESSA.

Elegi o jornal Diário Catarinense (2006) como fonte importante de informações para perceber como os pobres de modo geral, e os jovens, de maneira específica, têm sido tematizados pela mídia. Alguns estudos foram importantes para se chegar até esta parte da pesquisa. Como já acenamos em parte anterior desta tese, a mídia local foi construindo para esta comunidade, um olhar, um design, marcados com traços do preconceito, contribuindo para a criação de mitos, especialmente o mito da periculosidade.

Vale lembrar aqueles estudos realizados por Sanches-Jankosk (2007), que discorre sobre a importância das mídias na formação de opiniões. O autor citado afirma ser a mídia principal fonte de informações, tanto pra cidadãos médios como pra pretensos especialistas. Os estudos de Abramo (1997) por sua vez abordam os modos de tematização da juventude. Essa autora afirma que:

Quando os jovens são assunto dos cadernos destinados aos “adultos”, no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos “problemas sociais”, como violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou as medidas para dirimir ou combater tais problemas. (p. 25).

Deste modo os fragmentos que seguem trazem diversas publicações deste jornal. Prevaecem as notícias e reportagens, mas também são encontrados editoriais, crônicas, opiniões, entre outras. Todos os textos foram tratados como o mesmo valor. Nas 365 edições do ano de 2006 busquei o que foi publicado sobre jovens, pobres, comunidades, perigo/criminalidade/violência. Para escrever estes fragmentos preservei o título original e fiz um breve resumo, utilizando frases e expressões trazidas pelo jornal<sup>46</sup>. Novamente utilizo a ideia de fragmento, agora no sentido de fragmentação da pessoa, de seu estilo de vida. Uma visão fragmentada que opera para a constituição de mitos, de um design, cujos traços carregam a marca do estigma.

---

<sup>46</sup> Mantive a escrita original sem preocupação com as possíveis imprecisões no uso da língua portuguesa.

- **Bolso e coração - 04/01/2006**

Na crônica deste dia se pode ler:

Será mesmo que as razões do bolso sempre prevalecerão sobre as do coração? O que significa isso? Que uma moça rica não se vai apaixonar por um pé rapado? E que se isso acontecer, ainda assim, ela resistirá ao amor e com ele não casará, para não sofrer das carências da pobreza?

Deve ser isso. Já pensei sobre isso. E tenho uma posição sobre a questão...

Não acredito que dê certo a união de pessoas desiguais. Desiguais em tudo.

Nunca vai dar certo. Nem com a ilusão do amor. Os diferentes não se atraem, é mentira, se afastam, mais cedo ou mais tarde.

- **A menina das flores ( 05/01)**

Parei o carro e vi de um lado uma garota, quase criança, oferecendo, vendendo flores aos motoristas. Do outro lado, na mesma esquina, dois pivetes, dois guris, pedindo uma moeda aos tios.

Ferveu-me o sangue. Por que a menina vendia flores, trabalhava, e os pivetes “pediam” dinheiro? Por que não vendiam balas ou engraxavam sapatos? Por que pedir com cara de sofrimento quando a cara foi ensaiada?

E os pivetes, quero dizer e os guris? Será que vão engrossar a fila falaciosa, dos que se dizem “excluídos”?

Trabalhar...

Cai pedaço? E a mãe, nem falo dos omissos e desconhecidos pais, dos meninos por que não faz o mesmo, os obrigando a trabalhar? E desde quando trabalhar tira pedaço de criança, desde quando é crime?

Crime é mandar filhos não desejados pedir trocados na esquina, e isso quando vão só pedir, dá pra entender?

- **Segurança do cidadão (31/01)**

Dever intrínseco à sua existência, a segurança do cidadão deve ser proporcionada pelo Estado de modo a permitir ao cidadão que desenvolva normalmente suas atividades e que tal proteção se estenda ao seu patrimônio e aos que lhes são caros. Não obstante semelhante conceito ser de uma obviedade atroz, hoje, no Brasil, ninguém está livre

de receber uma bala perdida, de se ver em meio a uma discussão fútil cujo desenlace seja um tiro ou uma facada. ... Mesmo que seja compreensível que às polícias é difícil combater o comércio ilegal de drogas em razão da escassez de recursos, é imperativo que o Estado deflagre guerra sem quartel a este tipo de atividade, sob pena de o tecido social da nação degradar-se a ponto de baldar qualquer esforço por sua regeneração.

Se o dinheiro disponível é limitado, se o efetivo policial está aquém das necessidades, se o tráfico encontra nas legiões de jovens desocupados farto recrutamento de mão de obra para a capilarização do crime, é imprescindível que esses poucos recursos sejam utilizados com inteligência.

- **Sociedade sitiada (01/02)**

Para os brasileiros, sempre às voltas com um noticiário farto em chacinas, sequestros, estupros, tiroteios, corrupção policial, rebeliões em penitenciárias e diversas outras variantes de criminalidade, pode até ser enfadonho esse relato cotidiano de violência pela imprensa. Vivemos literalmente num ambiente em que a crescente violência foi banalizada e a crescente insensibilidade da sociedade para a questão denota que estamos chegando a uma situação limite.

Todavia, percebe-se aqui também o crescimento da violência, como de resto em todo o país.

São elogiáveis os esforços do poder público estadual para reforçar o aparelho coercitivo e combater a criminalidade, esta semana foram comprados 300 fuzis que serão distribuídos pelo território catarinense.

Enquanto o governo central pouco fizer, o que se pode esperar são medidas paliativas como o deslocamento de policiais para o litoral durante o verão.

- **Três jovens mortos (13/02)**

Em menos de 48 horas, um adolescente de 16 anos e um jovem de 19 e outro de 21 anos foram assassinados em Florianópolis.

Às 18 horas de ontem, Jackson Fogaça foi assassinado em uma Rua do Saco dos Limões.

- **Ouvir o jovem (27/02)**

Um estudo recente divulgado pela revista do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), fundamentado em uma pesquisa nacional, aborda o porquê de a juventude participar mais ou menos da vida social e política do Brasil, e chegou a uma constatação: existe uma íntima relação entre as condições materiais de vida dos jovens e a sua participação social e política. E vai além, o agravamento das condições de vida do jovem incide diretamente no aumento da sensação de insegurança em relação ao presente e de incerteza com a vida futura.

A juventude quer uma política de direitos na educação e os novos desafios que se apresentam na pauta estão na instalação de um estreito diálogo com os jovens, com suas demandas individuais e coletivas e os seus projetos de futuro.

As denúncias dos jovens, infelizmente, ainda são muitas, porém as falas dos jovens, se ouvidas pelos agentes políticos e públicos, irão documentar a esperança que eles têm em transformar a realidade.

- **Balanço da violência (02/03)**

Todos os números referentes à violência durante o carnaval deste ano em Santa Catarina são superlativos. O balanço até o começo da noite de terça-feira, registrava um total de 28 mortos em acidentes de trânsito.

Além das vidas ceifadas no massacre do trânsito insano, houve oito homicídios durante os quatro dias de folia.

A região da Grande Florianópolis, por exemplo, na proporção, hoje registra índices de crimes violentos – de homicídios a assaltos com reféns e sequestros relâmpagos – que rivalizam com alguns dos maiores aglomerados do país. Lamentavelmente, mas verdadeiro. Na raiz, o tráfico e o consumo de drogas, que correm a solta por essas bandas. A particularidade mais cruel deste quadro do horror: a maior parte das vítimas é constituída por jovens, com idade entre os 16 e os 24 anos.

Já o combate ao crime e à marginalidade, mazelas que também tem causas sociais, não podemos esperar que medidas assistenciais e demagógicas dêem certo para restaurar um mínimo de segurança nas ruas um dia.

O remédio mais rápido, que tarda a ser aplicado é polícia, polícia e polícia. Treinada, remunerada e equipada à altura para fazer frente à ação dos delinquentes antes que a situação fuja ao controle.

- **Assassinatos crescem 46% (03/03)**

Nos dois primeiros meses deste ano, o nº de pessoas assassinadas na Grande Florianópolis cresceu 46% em relação ao mesmo período de 2005.

Em janeiro e fevereiro deste ano, ocorreram 38 assassinatos na região. No ano passado, foram 25. Das 38 mortes deste ano, 18 foram registradas em janeiro e 20 em fevereiro. Em 2005, foram 17 em janeiro e nove em fevereiro.

A maioria das vítimas, segundo a Polícia civil, tem entre 16 e 25 anos, vive em morros.

O chefe da Polícia civil diz que 98 % dos crimes são esclarecidos. O comandante da PM diz que a corporação tem aumentado a ostensividade e feito ações mais planejadas para frear a criminalidade.

O secretário de Segurança Pública afirma que a secretaria tem contratado policiais, aberto vagas nos presídios e participado de programas sociais.

- **Segurança – (revista em ônibus) (03/03)**

Sob o pretexto de “segurança preventiva” usuários das linhas de ônibus Aracy Vaz Calado, Jardim Atlântico, Monte Cristo, Promorar, Vila Aparecida e Vila São João, da Área continental de Florianópolis foram obrigados a desembarcar no Portal turístico, no feriado de carnaval a partir das 19h30min horas. Submeteram-se ao constrangimento da revista individual. Haveriam suspeitos em outras linhas ou meios de locomoção? Os serviços de inteligência subestimaram a astúcia dos verdadeiros delinquentes.

- **Acusado de matar jovem atira contra a PM e é liberado (06/03)**

Os dois adolescentes de 17 anos, suspeitos de participação na execução da estudante de medicina Mariah Ghizoni Vieira, 21 anos, quinta feira à noite (São José SC), foram apreendidos em flagrante na sexta feira com uma arma furtada depois de atirarem contra policiais

Militares, em Palhoça. Um dos Jovens ferido de raspão no joelho prestou depoimento e foi liberado na delegacia.

O Outro jovem ferido no tiroteio com a Polícia Militar (PM) continua internado no Hospital Regional de São José com um tiro no abdômen, mas passa bem. Um policial que fica no hospital fazendo a escolta de outro criminoso conversou com o adolescente sobre o assassinato da estudante.

Após a localização do carro a policia continuou na região à procura de suspeitos. Os dois jovens chegaram numa moto e ao perceberem a presença dos policiais tentaram fugir. Eles chegaram a abandonar a moto e atiraram contra os policiais. Segundo o centro de Operações da PM, os policiais fizeram 20 disparos.

- Todos os policiais estão indignados com o comportamento do delegado de Palhoça de não ter representado pela apreensão do adolescente. Ele tentou matar os policiais e saiu impune em seguida – afirmou um policial que não se identificou.

O Estatuto da Criança e do adolescente (ECA) prevê a apreensão do jovem somente quando o mesmo coloca a vida de outras pessoas em risco. O adolescente vai se apresentar na quarta feira na central de policia de São José.

- **Caso Mariah (07/03)**

Com frieza e sem demonstrar uma lágrima de arrependimento, o adolescente conhecido por Grilo, 17 anos, baleado na sexta feira em Palhoça e internado no Hospital Regional de São José, na Grande Florianópolis, confessou que matou a estudante de Medicina. Mariah Ghizoni Vieira, de 21 anos. O Motivo: queria dinheiro pra sair à noite.

A Estudante foi executada, quinta feira à noite, com um tiro, dentro do carro de seu namorado, que estava estacionado no Bairro Kobrasol, em São José.

O adolescente, que tem antecedentes criminais por furto a uma madeireira contou com detalhes a tentativa de roubo a uma pessoa e o assalto contra o casal de namorados Mariah e Sidney, que é advogado.

- **Meninos da capital – (21/03)**

Meninos da Capital chamam atenção do país.

Se alguém ainda tinha dúvidas, agora não tem como ignorar. A imagem da Ponte Hercílio Luz ao fundo provou para o Brasil que



Crianças e adolescentes de Florianópolis trabalham na “fábrica” do narcotráfico.

Pelas mãos deles passam os papelotes que envolvem a cocaína, a maconha e as pedras de crack compradas pelos usuários e que sustentam o crime organizado na capital de Santa Catarina.

(reportagem a respeito da exibição do documentário “Meninos do tráfico”, pela Rede globo de Televisão).

- **Crescimento das favelas preocupa (21/03)**

O crescimento da cidade, a proliferação de favelas e a evolução da criminalidade têm tirado o sono dos moradores de Florianópolis nas últimas décadas.

Na segunda feira da semana passada, dia, 13, uma bala perdida atingiu a porta da frente do Instituto Estadual de Educação (IEE), a maior escola pública de Santa Catarina, no centro da cidade. O disparo ocorreu no horário de saída dos alunos do turno da manhã. Na tarde da última quinta feira, a Polícia militar cercou e subiu o Morro do Mocotó, também no centro, e do Horácio, no Bairro Agrônômica. Na ocasião, o comandante do 4º Batalhão da PM, coronel Manoel Gomes Filho, afirmou que a operação fora deflagrada em resposta ao “clamor dos moradores contra a insegurança”.

- **Combate à violência é desafio na capital (21/03)**

Algumas das consequências do crescimento desordenado da Capital são a desigualdade social, o aumento do número de crimes e a sensação de insegurança.

A falta de polícias nas ruas é queixa recorrente e pode ser explicada por ....

- **Comunidade Chico Mendes é cercada (30/03)**

Cento e trinta homens. Entre policiais militares e civis, executaram ontem uma rápida ação na comunidade Chico Mendes, em Florianópolis.

A Operação Polvo, considerada rotina, cercou 16 saídas do bairro e realizou incursões pelas ruas e vielas durante cerca de três horas. Um helicóptero do Grupamento aéreo ( GRAER) auxiliou a operação.

A intenção era buscar armas e drogas, além de “abafar” o tráfico, mas nada foi encontrado.

- **Violência: crime abala o coração de São José (08/04)**

O sossego acabou no Bairro Kobrasol, em São José. Antes comparado a uma cidade do interior, hoje tem problemas de uma grande metrópole, como drogas e criminalidade.

Na quinta feira à noite, na frente de uma escola, um adolescente foi assassinado a tiros e outro ficou ferido. No dia 02 de março o município foi abalado pelo assassinato da estudante de Medicina Mariah Ghizoni Vieira, 21 anos, na frente de seu apartamento.

Segundo a Secretária de Segurança Publica (SSP), este foi o 18º homicídio ocorrido em São José este ano.

- **Medo muda antigos hábitos dos moradores (08/04)**

A artista plástica Marilane Hatori, 64 anos, que mora há duas décadas e meia no Kobrasol, tem autoridade para afirmar que o cenário de tranquilidade e paz da década de 1980 não existe mais.

- A gente podia largar a porta aberta que não tinha problema, recorda.

Hoje a situação é bem diferente e as famílias vivem atrás das grades, que protegem a casa. Antes de sair a artista plástica costuma dar uma espiada na rua para ver se tem alguém suspeito na rua. Até para colocar o lixo fora ela tem essa preocupação.

- **“Bairro boêmio” perde charme (08/04)**

O clima de cidade do interior ficou mesmo no passado. Os típicos passeios à noite pelo “centrinho” do Kobrasol, por exemplo, são cada vez menos frequentes.

- **Jovens delinquentes (20/04)**

O numero de menores delinquentes nos cenários urbanos aumenta assustadoramente a cada dia. Se até algum tempo atrás, os delitos costumeiros eram mais leves, como furtos de oportunidade e rixas, agora temos entre eles homicidas – alguns com varias mortes “nas costas”, assaltantes, traficantes e até matadores de aluguel. Antes de

completarem 18 anos, maioridade penal, só podem ser recolhidos aos chamados “centro educacionais” – e quem conhece esses abrigos há de rir do eufemismo com que o poder público os designa. Pois a lotação dos Centros Educacionais em Santa Catarina está esgotada e os delinquentes menores, mesmo presos, tem que ser devolvidos às ruas e à reincidência certa.

- **Barbárie à solta (26/05)**

Os atos de vandalismo praticados por um grupo de indivíduos ainda não identificados em uma escola de Biguaçu são emblemáticos dos tempos correntes neste país, em que os piores exemplos vêm “de cima”. Quando escolas públicas são depredadas e a merenda escolar – muitas vezes a única refeição decente que uma criança desvalida recebe durante o dia – é destruída, todos os alarmes devem soar diante de tal vileza, pois esses atos dão a medida da violência como culto de uma parcela da juventude.

A lei é branda demais no tratamento dos jovens delinquentes e na sua punição e acaba funcionando como convite à transgressão. Há que pensar nisso também.

- **Triste recorde (22/06)**

Um jovem de 16 anos já foi apreendido 79 vezes pela policia. O adolescente mora numa favela de Florianópolis, e na madrugada de quarta feira foi recolhido outra vez depois de participar de um assalto em São José com outros três delinquentes. Tranquilo em sua certeza, na delegacia esperava apenas o momento de ser liberado pela 79ª vez.

Há que lamentar pelo jovem “recordista de apreensões”, e ter pena dele. Mas que tem pena da cidadania agredida 79 vezes pelo juvenil meliante?

- **Eca completa 16 anos (13/07)**

Ele nasceu no ano em que entrou em vigor o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA).

Mas aos 16 anos, Márcio Marioti pouco sabe das leis que o protegem.

Nunca debateu o assunto na escola, muito menos discutiu em casa. O único dado que sabe é que não pode ser preso até completar 18 anos.

- **Reféns do medo: população atrás das grades (20/08)**

Antes paraíso sonhado por moradores de tantos outros lugares do país. Florianópolis não contempla mais o sinônimo de uma ilha de paz, amor e sossego. Impera na população um sentimento de impotência diante da insegurança imposta pela criminalidade, uma sensação de reféns do medo.

Para estudiosa da UFSC, a situação de medo e insegurança é real em parte, por que também existe uma contaminação no ambiente, lembrando as consecutivas ações de terror impostas pelo Primeiro Comando da Capital.

Para o Delegado licenciado da Polícia Federal e atual Secretário municipal de Defesa do Cidadão, a explosão da violência em Florianópolis, também pode estar relacionada aos mais de 60 pontos de ocupação desordenada da Ilha, principalmente na região norte.

**O Problema no Monte Cristo:**<sup>47</sup> Quem sai de carro pelas ruas do Continente costuma travar a porta do carro antes de dar a partida. Sair à noite somente nas ruas em que o policiamento não está esquecido. Com medo de bala perdida, mães não deixam os filhos curtirem à noite.

**A Solução:** As comunidades do Monte Cristo e de Chico Mendes, além do Morro da Caixa, precisam ter ações especiais da Polícia Militar – operações de varredura, pente fino e de barreiras..

- **Ruas do medo (21/08)**

Descrentes, as vítimas muitas vezes sequer registram queixa. A cidadania é refém do medo na outrora pacífica e hospitaleira capital catarinense. Refém do medo e prisioneira de si mesma atrás das grades e aparatos de segurança com que tenta se defender da marginalidade, que age sempre com desenvoltura e audácia cada vez maiores...

---

<sup>47</sup> A reportagem mapeou vários pontos considerados críticos no que se refere aos temas da violência e do medo, com destaque para as comunidades pobres da cidade. Destacamos o que foi escrito a respeito do Bairro Monte Cristo e Comunidade Chico Mendes.

- **Comprimidos de ecstasy (26/08)**

Sete jovens de classe média e alta, acusados de envolvimento com comércio de drogas, foram presos em Criciúma. Os 210 comprimidos de ecstasy e quatro torrões pequenos de maconha, apreendidos, abasteceriam uma festa rave que seria realizada hoje, em Içara, município vizinho. Também foram recolhidos R\$ 2, 3 mil.

Os envolvidos eram investigados, havia três meses e já tinham mandados de prisão temporária solicitados. Na casa de um dos Jovens havia mais 30 comprimidos.

- **Polícia neles (08/09)**

Até o final do ano 336 novos policiais civis começarão a atuar em delegacias de todo o Estado.

A sociedade ordeira produtiva de Santa Catarina, principalmente nos centros urbanos, tornou-se alvo fácil para os delinquentes e os violentos de toda a laia.

- **Camelutti e Mv Bill (19/10)**

Francesco Carnelutti, em sua celebre obra AS Misérias do Processo Penal, se preocupava em demonstrar as mazelas de um processo criminal. Desta forma, provocou à época, uma (re) leitura acerca das causas da criminalidade, dos calvários que é o processo e, por via de consequência, levou a desacreditar no homem da época que acreditava bastar ter boas leis e bons juízes para se alcançar a justiça.

O documentário do artista MV Bill divulgado tempos na televisão, Falcão – Meninos do Tráfico e, guardadas as devidas proporções, também cumpre relevante papel: o de demonstrar que a gênese da crise que vivemos é muito mais política enquanto inoperância do Estado em resolver questões sociais prementes, do que legislativa. Tanto o Jurista quanto o rapper – cada um a seu modo -, sentam no último degrau da escada ao lado do acusado, como advogados de uma causa impopular, injusta e desigual.

- **Irresponsabilidade penal (20/10)**

O artigo 228 da constituição Federal fixou os 18 anos como idade penal cronológica. Estabeleceu a imputabilidade através de um critério

de idade fixa, pressupondo que o menor de 18 anos não possua capacidade intelectual de entender o caráter ilícito de sua conduta, ou seja, de ter discernimento suficiente para entender que matar, roubar, estuprar ou assaltar são atos criminosos.

- **O trânsito que mata mais jovens (17/11)**

O trânsito coloca Santa Catarina mais uma vez como destaque negativo no cenário nacional. A pesquisa Mapa da Violência: os jovens do Brasil, divulgada ontem pela Organização dos Estados Ibero Americanos, apontou que as estradas e ruas catarinenses lideram o ranking de mortes de pessoas entre 15 e 24 anos em acidentes.

- **Distribuição de presentes (21/12)**

Embora a noite da véspera de natal seja a data oficial de ganhar presentes, na comunidade Chico Mendes, em Florianópolis, Papai Noel se antecipou e distribuiu cerca de mil brinquedos para as crianças moradoras do local.

Uma primeira consideração a ser feita diz respeito ao fato de que o jornal, nesta pesquisa o jornal Diário Catarinense, se pronuncia a respeito de diversos acontecimentos, qualquer acontecimento significativo (HERNANDES, 2012), da vida do povo de Santa Catarina a partir de uma visão ainda não superada segundo a qual existe uma sociedade perfeita, um homem plenamente realizado (MAFFESOLI, 2004), o que induz a ver parcela da sociedade sempre como carente, defeituosa. E a sociedade defendida por este jornal, a parte composta por pessoas do bem, é uma *sociedade sitiada* (04/01) que vive *refém do medo* (20/08), anda pelas *ruas do medo* (21/08), *muda seus hábitos por causa do medo* (08/04) e assim por diante. Alguns escritos deste periódico trazem esta visão notadamente preconceituoso, especialmente quando utiliza um vocabulário que desqualifica a pessoa: Utiliza *pé rapado* como sinônimo de pobre (04/01), fala de *pivete* para referir-se a criança e adolescente (05/01) e a expressão *delinquente* é largamente utilizada em referência aos adolescentes e jovens autores de atos infracionais (02/03, 20/04 e 22/06). Quem lê e se (in)forma a partir do que é publicado neste jornal pode ser levado a não conseguir ver pessoas pobres com estilos de vida, com sonhos e sociabilidades, mas apenas como ameaça, perigo e incomodação (SOARES, 2004), atualizando um

modo de pensar que já poderia estar superado sobre os pobres a partir de sua situação considerada irregular (SOARES, 1998).

Outra importante consideração a ser feita é sobre o modo como este jornal lê e transmite a realidade em forma de notícias. É fundamental para este trabalho entender suas abordagens sobre os jovens e, de modo especial, os jovens pobres. Aqui é necessário lembrar novamente de Abramo (1997) quando fala sobre os modos de tematização da juventude em revistas e jornais. Diz a autora que, nestes casos, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos problemas, como violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou medidas para dirimir ou combater tais problemas. Dentre os textos jornalísticos que foram trazidos para este estudo, destacam-se dois deles que apontam para uma visão mais positiva da juventude na relação com seus problemas: O Primeiro texto, intitulado “*Ouvir o jovem*” (27/02), aborda a importância desta escuta para se captar a esperança que os jovens têm em transformar a realidade. O segundo texto, *Camelutti e MV Bill* (20/10), aborda a proximidade desses dois personagens, um rapper e um jurista, quando tratam da questão dos jovens na relação com a Justiça. O último texto fala em causa impopular, injusta e desigual. A proximidade entre os demais textos, ao contrário destes, é justamente a associação entre juventude e problemas, adolescência e problemas: *Legião de jovens desocupados* (31/01); *Jovens mortos* (02/03); *Jovens delinquentes* (20/04 e 26/05); *consumidores de crack* (22/06); *Jovens de classe média e Ecstasy* (26/08); *jovens vítimas do trânsito* (17/11); *Adolescente autor de assassinato* (01/02); *Adolescente assassinado* (13/02); *Adolescente suspeito de assassinato* (06/03 e 07/03); *adolescente operário do tráfico* (21/03); *Adolescência e impunidade* (22/06 e 13/07).

Este jornal além de abordar o tema da juventude sempre ligada aos problemas, ou como os problemas, ainda propaga a ideia de que estes não têm solução, a não ser que aconteça um endurecimento das leis associado ao incremento do efetivo policial para conter essa população. Em seus textos este jornal faz coro com aqueles que vivem bradando sobre impunidade, ineficácia do sistema penitenciário e a brandura das leis. Incentiva a crença na eficácia da autoridade para controlar e integrar as energias juvenis. De acordo, com Fraga e Lulianelli (2003) essa vigilância produz mitos, que fazem com que os jovens sejam visto como violentos e contestadores. E pessoas assim precisam de mais vigilância, mais controle. Já nos referimos sobre a presença constante e numerosa de policiais nas ruas da Comunidade Chico Mendes. E essa

presença ostensiva é notícia importante para uma parcela da sociedade, leitores de jornais. A resposta da polícia para acontecimentos ligados à (in) segurança, significativos na vida da cidade e que são noticiados tem sido mostrar sua força e seu poder de contenção do perigo, leia-se pobres ou, mais especificamente, jovens pobres. Dois textos publicados dão a dimensão destas respostas da polícia e alardeada pelo jornal. O primeiro, publicado tem como título “Crescimento das Favelas Preocupa” (05/01), e notícia a subida e o cerco dos morros do Mocotó e Horácio pela polícia militar. A notícia traz um depoimento do Coronel da Polícia afirmando que a operação foi uma resposta a “clamor dos moradores contra a insegurança”. O segundo, publicado com o título “Comunidade Chico Mendes é Cercada” (30/03), informa sobre esta operação espetacular. A Informação é de que foram utilizados 130 homens e um helicóptero para buscar armas, drogas e abafar o tráfico, mas nada foi encontrado.

É preciso considerar ainda a associação entre criminalidade, insegurança e pobres como se fossem sinônimos. Coimbra e Nascimento (2003), em seus estudos, apontam que aqueles que estão encaixados nos padrões modelares de comportamento vêm os demais como ameaças, como portadores potenciais de perigos. Ramos e Musumeci (2005) alertam para o modo de pensar que enxerga nos pobres uma índole natural para o crime. Durante o ano de 2006 o Jornal pesquisado publicou vários textos, ou conjunto de textos que deixam claro esta associação.

Não devo dizer que a comunidade está acostumada a ser tratada dessa maneira, mas preciso salientar que esse tratamento faz parte do cotidiano da Comunidade Chico Mendes deste o tempo de sua ocupação, na década de 1980.

Por fim, a reportagem do dia 21/12 fala do ideal de pobre. Aquele que sabe seu lugar, que espera pacientemente pela bondosa ação das pessoas de bem. Este pobre não incomoda, é pacífico e fica feliz que uma vez por ano, pelo menos, seja lembrado, mesmo que seja como necessitado. “Só que não agora”.

### 3.4 A FRAGMENTAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DE UM DESIGN

Assim que se iniciaram os processos de ocupação organizados em Florianópolis, a cidade começou a espocar diversas reações. A Comunidade Chico Mendes, onde acontece este estudo, localizada numa



área antes denominada Pasto do Gado, testemunhou, junto com as comunidades do entorno<sup>48</sup>, essas reações. Em um documento de 34 páginas a COHAB/SC<sup>49</sup> – Companhia de Habitação do Estado de Santa Catarina entrou na Justiça com pedido de reintegração de posse da Área Ocupada. Nesse documento o advogado desta Companhia faz um relato detalhado do que ela denomina esbulho<sup>50</sup>, ao mesmo tempo em que descreve e adjetiva as pessoas protagonistas dos processos de ocupação, de maneira pejorativa. A lista é grande e variada, mas trago para este texto alguns exemplos de como vai se traçando um perfil, um design das pessoas que chegam. Palavras como desocupados, amasiados (em oposição aos casados, ou seja, fora da norma), criminosos, estão sempre presentes. Em determinado trecho pode-se ler:

Grupos com indisfarçável vinculação político partidária, que somente têm lume em meio ao caos, à desgraça e à pobreza. Compostos por mentes atrofiadas e intoxicadas de ideologia esquerdista estão empenhados em obstruir os planos do Governo do Estado de solucionar parte do angustiante problema da moradia da Capital. (p. 9).

E o texto segue,

Ocorre, Excelência, que Santa Catarina nunca tinha sido local de problemas migratórios ou fundiários, “coincidentemente” com a criação do tal CAPROM<sup>51</sup> a cidade de Florianópolis – palco

---

<sup>48</sup> Nove comunidades compõem o Bairro Monte Cristo: Chico Mendes, Nossa senhora da Glória, Nova Esperança, Novo Horizonte, Santa Terezinha I e Santa Terezinha II, Monte Cristo, Promorar e Panorama. Destas, apenas as duas últimas não são frutos dos processos de ocupação urbana.

<sup>49</sup> Este documento, datado de 11 de outubro de 1989, foi encaminhado ao Juiz de Direito da Vara Cível da comarca de Florianópolis e assinado pelo Senhor Manoel Antonio Bruno Neto – OAB/SC 4.104.

<sup>50</sup> Esbulhar, de acordo com o dicionário Aurélio, significa despojar, espoliar, privar de posse por violência ou fraude.

<sup>51</sup> CAPROM – Centro de Apoio e Promoção do Migrante. Uma organização criada por religiosos, sindicalistas, professores, estudantes, militantes de partidos políticos e movimentos populares, com o objetivo de apoiar o grande contingente de migrantes, sem tetos, ou mesmo moradores de aluguel e pessoas que ia perdendo suas casas em função dos grandes projetos turísticos e

principal da vida política e social do Estado – passou a ter intermináveis invasões de grupos de sem-terras, sem-tetos e sem vergonhas.

E ainda, em um exercício de oratória, como se falasse de uma tribuna, o advogado arremata seu pensamento escrevendo:

Mas quem são estes “migrantes”?

Qual a sua índole?

Os documentos (...) parecem apontar numa certa direção: A direção do Crime! Do furto! Da Lesão corporal! Do roubo! Do rapto! Da invasão de domicílio! Da ameaça e do homicídio! (p.23)

Essa imagem elaborada a partir de documentos e corroborada por reportagens vinculadas por jornais locais foi fomentando um design a respeito de cunidades pobres e de seus moradores. Souza (2006) escreve sobre essas reações sintetizadas em um pensamento: Barracos não combinam com a estética dessa cidade.

Atualmente a Comunidade Chico Mendes não é exatamente constituída por barracos. Estes existem, mas não se sobressaem na paisagem de uma comunidade urbanizada. Urbanizada, mas habitada por pessoas com duas impactantes características aos olhos de uma parcela da população. São coitados ou perigosos. É uma população sobre quem pesam estigmas, mitos. É uma identidade virtual em oposição à identidade real (GOFFMAN, 1988).

---

imobiliários que estavam crescendo na cidade e região. Esta situação é analisada por Fantim (2000).

Figura 5 - Minha Quebrada: Foto da pagina da Comunidade Chico Mendes



Fonte: Facebook

E desta população, de acordo com os estudos de Abramo (1997) o jovens são considerados depositários privilegiados dessa angustia e desse medo. O olhar preconceituoso, de acordo com Soares (2004), não vê jovens com nomes, com seus estilos de vida, suas sociabilidades. Esse olhar vê apenas a encarnação da ameaça. E a ameaça anunciada nas páginas dos jornais precisa ser exposta junto com a ação da policia, que exerce importante papel na deterioração da identidade comunitária (Goffman, 1988).

Figura 6 - Comunidade Chico Mendes



Fonte: Facebook

Essa cena cotidiana ilustra a ação da polícia militar que passa pela comunidade vigiando, procurando bandidos, intimidando pessoas. Aqui todo mundo é suspeito. As pessoas são revistadas a qualquer hora. Do mesmo modo suas casas são invadidas, revistadas e reviradas sem autorização legal. O dia-a-dia da comunidade, onde as ruas, extensão das casas, são espaços de sociabilidade, daí serem povoadas de movimentos, incomoda uma sociedade que, de acordo com Coimbra e Nascimento (2003) é ancorada em padrões modelares de comportamento, tais como emprego fixo e família organizada. Então é preciso vigiar, proteger a parte boa da sociedade, a sociedade ordeira produtiva de Santa Catarina (08/09), daquilo que as autoras acima entendem como perigos virtuais. Essa vigilância fica expressa ainda em uma reportagem (03/03) quando os ônibus que saíram dos bairros pobres em direção ao centro foram barrados na chegada da ponte pra que seus passageiros fossem revistados, em nome do que o comandante da operação policial chamou de segurança preventiva, para que todos pudessem pular carnaval com segurança. É preciso que a sociedade de bem tenha a sensação de segurança e a vigilância dos locais onde moram os pobres, com sua índole natural para o crime (Ramos e Musumeci, 2005), o que transforma as comunidades pobres numa espécie de colônia penal, confirmando o pensamento de Bauman (2007), quando escreve que a liberdade sacrificada em nome da segurança tende a ser a liberdade dos outros. Isso é confirmado em reportagem do publicada com o título de “Comunidade Chico Mendes é cercada” (30/03).

Além do policiamento ostensivo é preciso dar à sociedade uma sensação de segurança e isso requer outros dispositivos. Um dos principais artifícios é engendrado e levado à cabo pela mídia que se encarrega de espetacularizar a ação policial (Debord, 1994). Além do espetáculo, as mídias exercem importante papel de design (in) formação a respeito do tema da segurança, seus autores e suas consequências, pois, de acordo com pesquisas realizadas por Sanches-Jankosk (2007), elas são a principal fonte de informação não somente do cidadão médio, como também dos pretensos especialistas (p.126).

#### 4 - E AGORA DODÔ?

*No principio era o Verbo.....*

A intenção deste capítulo não é apresentar um estudo sobre a história da juventude, mesmo que faça um recuo no tempo para situar melhor os modos de tematização da juventude na atualidade. Assim, pretende-se buscar diversos olhares pelos quais a juventude tenha sido tematizada, aproximando dos estudos de autores dedicados ao assunto. Ao mesmo tempo em que me aproximo do jovem da Comunidade Chico Mendes, com intenção de melhor traduzir seus estilos, segundo suas histórias e principalmente entender a relação destes jovens com a mídia, notadamente com relação aos mitos a seu respeito.

No mês de agosto do ano de 2013 foi sancionado pela Presidenta da República o Estatuto da Juventude<sup>52</sup> que, assim como foi o Estatuto da criança e adolescente, constitui-se como marco legal para essa categoria social. Esta lei aponta já no início a sua compreensão da juventude. Diz que jovens são aquelas pessoas com idade entre 15 e 29 anos. E utilizando ainda o critério etário faz distinções entre jovem-adolescente (entre quinze e dezessete anos), jovem-jovem (entre dezoito e vinte e quatro anos) e jovem adulto (vinte e cinco e vinte e nove anos). Considerando que se trata de um texto legal, a ser válido para todo o território nacional, poderíamos nos dar por satisfeitos. No entanto, uma simples caminhada pelas ruas da cidade, um olhar atento, criterioso, nos fará pensar que jovem é muito mais. Bourdieu (1983) chamou atenção para o fato de que o critério é etário manipulado e manipulável em função de interesses, culturas e épocas. O olhar deste pesquisador permitiu que dissesse da juventude que é apenas uma palavra, mas não apenas isso. Arrisco-me a pensar que a juventude possa ser apenas uma palavra, apenas uma imagem de pensamento, se não nos desafiarmos a um esforço de reflexão, um aprofundamento.

Destemor, energia, olhos fixos no futuro, vigor físico, sonho presente, são características que ajudam a compor uma imagem mítica da juventude. Parece simples, mas o aprofundamento necessário indica que é preciso ir além. A juventude pode ser isso também, mas está

---

<sup>52</sup> O Estatuto da juventude, lei nº 12.852/2013, sancionado pela Presidente Dilma Rousseff em 05 de agosto de 2013, dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude, bem como o estabelecimento do sistema nacional de juventude.

relacionada com outros fatores, tais como cultura, situação econômica, gênero, pertença de classe, época, etc. Estou entendendo que a juventude enquanto conceito não é estática, fechada, mas é um acontecimento que se trama com outros conceitos. Deleuze (1992) escreve que

Numa palavra, dizemos de qualquer conceito que ele sempre tem uma história, embora a história se descobre em zigue-zague, embora cruze talvez outros problemas, outros planos diferentes. (p. 25)

É importante que se assinale isso para que não caiamos na armadilha de pensar numa única concepção de juventude que abarque todas as juventudes, em todos os seus modos e condições, tendo ainda em que este projeto pretende olhar para a juventude, de modo especial a juventude vidaloka, na comunidade Chico Mendes.

Levi e Schmitt (1996) organizaram um estudo que chamaram de História dos Jovens e já na introdução da obra afirmam que:

A juventude é ritmada pela sucessão de uma série de ritos de saída e entrada que dão a imagem de um processo de consolidação por etapas, o qual garante uma progressiva definição de papéis da idade adulta. (p. 11)

A obra desses autores percorre um longo período de tempo, visitando a juventude desde a antiguidade, que para eles é o mundo grego e romano até chegar a era contemporânea, considerada nesta obra com um ensaio sobre a juventude como metáfora de mudança social, pós-guerra (Itália fascista e jovens americanos dos tempos da grande crise), chegando até a década de 1950.

Flitner (1968) afirma que os primeiros estudos sobre infância e juventude a partir de uma perspectiva que ele chama de empirismo sociológico, datam do século XVIII. De acordo com este estudioso a maioria das abordagens, no entanto, fixam-se no período da infância. Ao mesmo tempo ele aponta a fragilidade desses estudos sobre as questões específicas de juventude, e quando estas aparecem, são ligadas a temas de formação moral e pedagógica, bem como apontam um alinhamento com estudos psicológicos que, neste período estão se afirmando como científicos. Este autor afirma que o século XVIII é marcado por uma pedagogia pietista, preocupada com questões relativas à fé, ao pecado e à autonomia da vontade, desembocando em uma psicologia individual, apontando para uma grande preocupação sobre como lidar com os jovens. A esse respeito ele escreve que:

A maior parte das notas referentes à juventude desconhece qualquer cesura digna de nota; a posição especial do período de maturação só é mencionada de leve no que se refere à formação moral, estética e social. Não é possível ignorar a falta de precisão com que são aplicados os conceitos “juventude”, “rapazes e moças”, “os jovens”, que são utilizados como contraste para “criança”. (p. 40)

Este autor salienta ainda a importância da obra de Rousseau<sup>53</sup> no que se refere ao valor e a particularidade de qualquer faixa etária. Contudo ele aponta que a preocupação com as ideias educacionais se sobrepunha àquelas dirigidas especificamente à juventude. Seus estudos indicam que,

Esse setor, os campos das pesquisas juvenis, só passou a ser considerado independentemente e o período juvenil como ramo socialmente autônomo, ambos merecedores de atenção, quando as formas do movimento juvenil e da “cultura juvenil” surgiram em público qual aparições excêntricas. (p.47)

Um dos exemplos clássicos dessas aparições é o *movimento juvenil alemão*, que entra em cena quando um estudante propôs a seus pares a organização de viagens pelos campos, nos períodos em que não estivessem envolvidos com as atividades escolares. Essa aproximação, longe das instituições, de modo especial a escola, que os mantinham atrelados a uma rígida disciplina, de acordo com os interesses do mundo adulto. De acordo com Valitutti (1968) essas viagens proporcionaram aos jovens a descoberta de si enquanto portadores de novos valores, em especial os da autonomia e da invenção. A esse respeito o autor escreve que,

---

<sup>53</sup> Rousseau escreveu vários livros sendo Emilio um dos mais populares, especialmente no campo da Educação. Nesta obra o autor discorre sobre a educação do personagem Emilio, desde a infância até a fase adulta. Dozol (2006) aponta algumas questões que, de acordo com seus estudos, Rousseau busca responder nesta obra. Destaco duas: Que tipo de educação não estragaria o homem, mas ao contrario realçaria seus encantos? ; Quais condições seriam necessárias para que a virtude – possibilidade humana de expressão de uma vontade maior e benfezaça – florescesse em toda sua exuberância, tal qual uma flor de cactus em meio ao árido e impróprio dos desertos?

Numa existência regulada pelos outros e cujos atos eram previsíveis e previstos, o ideal dessa nova vida, autônoma e inventiva, foi a origem de uma grande animação tanto mais veemente quanto mais as regras impostas pelos outros eram restritas e usuais. Os jovens alemães foram conquistados rapidamente por este ideal que não tardou a impeli-los contra a sociedade dos adultos. (p. 128)

Abramo (1994) aponta certa plasticidade entre grupos etários nas sociedades primitivas, destacando que as migrações de um grupo para outro eram marcadas por rituais cerimoniais, já que os papéis e funções de cada grupo estão previamente definidos. Já nas sociedades modernas a passagem entre as idades, especialmente a passagem para a vida adulta apresenta certa dramaticidade. A autora justifica esta reflexão, apontando que:

A acentuada divisão do trabalho e a especialização econômica, a segregação da família das outras esferas institucionais e o aprofundamento das orientações universalistas agudizam a descontinuidade entre o mundo das crianças e o mundo do adulto, implicando um tempo longo de preparação que, comparado ao das sociedades primitivas é menos institucionalizada e com papéis menos definidos. (p. 3)

Neste contexto, a autora destaca a função propedêutica da escola cuja função é transmitir conhecimentos e valores necessários para a vida futura, inclusive profissional. Este modo de pensar é compartilhado por aqueles estudiosos que se reportam às pesquisas de Ariès (2012). De acordo com este autor o sec. XVII aponta para uma mudança no comportamento familiar que abandona uma sociabilidade coletiva, retraindo-se para a esfera privada, corolário disso é o aparecimento de um novo sentimento com relação à infância e logo mais o aparecimento de outra classe de pessoas, a juventude. É preciso notar, contudo, que o aparecimento de um período intermediário entre a infância e a fase adulta é percebido de modo especial nas famílias burguesas, que compunham o maior contingente de estudantes. Canevacci (2005) escreve que

Como é amplamente sabido, tanto o trabalho agrícola (ainda pior) quanto o trabalho industrial, absorveram em seguida, já desde a mais tenra adolescência, os filhos das classes populares; e



então, “jovem” em sentido estrito, podia ser o aristocrata isento do trabalho ou, mais adiante, o filho do burguês educado para o trabalho. (p. 22)

Como já apontamos neste texto, é comum que olhemos a juventude a partir de seus problemas, ou como problema. Abramo (1994) assinala que a juventude como problema torna-se tema de interesse para a sociologia. Diz a autora que.

Esta disciplina se interessa pela juventude na medida em que determinados setores juvenis parecem problematizar o processo de transmissão das normas sociais, ou seja, quando se tornam visíveis jovens com comportamentos que fogem aos padrões de socialização aos quais deveriam ser submetidos. (P. 8)

#### 4.1 A JUVENTUDE SOB O OLHAR DOS ADULTOS

Ainda neste âmbito, Flitner (1968) afirma que abandono e criminalidade começam chamar atenção como sendo questões específicas da juventude. A leitura da obra desse autor permite compreender que a conjugação juventude, criminalidade e abandono são fenômenos da nova sociedade, agora industrial. Pais (1996), analisando o aparecimento da juventude como tema de preocupação para a sociedade e, ao mesmo tempo, interesse para a ciência, de modo especial a sociologia afirma que,

O prolongamento da escolaridade, a legislação sobre o trabalho infantil, que incrementava a idade a que os adolescentes podiam começar a trabalhar, o próprio surgimento da família contemporânea, com o correspondente aumento da dependência dos jovens em relação às suas famílias de origem, a proliferação de casas de correção para menores e outras medidas públicas, constituíram a expressão do reconhecimento social dos “problemas” da adolescência. (p. 31)

Neste mesmo sentido, Abramo (1994) aponta as primeiras décadas do século XX como um tempo profícuo de manifestações de juventude, o que contribui para que esta possa ser percebida como sujeito social específico, com experiências e formulações particulares. Esta autora destaca ainda a especificidade e a importância do período

entre guerras, quando experiências macabras contribuem para que a juventude adote comportamentos marcados por perplexidade, ressentimento e niilismo. Do mesmo modo, ressalta também que a juventude pode ser percebida e destacada quando seus modos de ser, pensar e de se organizar, apresentam-se como contrastantes com o ponto de vista daquilo que é considerado normal, ou seja, os padrões dominantes. A respeito das considerações acima é relevante a abordagem de Matza (1968), que escreve sobre a importância das tradições ocultas da juventude aponta o choque entre a rebeldia juvenil e o mundo dos adultos respeitáveis. A propósito, o autor fala em molestamento entre gerações. Diz ele que,

A juventude, permanecendo fora da ordem estabelecida e não sendo responsável pelos defeitos da mesma, talvez assuma uma atitude entre, o que parece aos adultos, um idealismo demasiadamente exigente e um cinismo desapiedado. (P. 88)

É preciso assinalar que quando a sociologia traz à tona a juventude como campo de estudo importante, outras ciências acompanham esta tendência, oferecendo as mais diversas abordagens. Para esta pesquisa, contudo, considero suficientes estas informações para que possa fazer um deslocamento para os estudos mais recentes, de modo especial aqueles realizados por autores como Pais (1996), Margulis (1996) e Abramo (1994). Outros autores irão aparecendo para travar um diálogo necessário.

Pais (1996) aponta duas tendências sociológicas na abordagem da juventude. A primeira tendência que pode ser entendida como corrente geracional é aquela que olha a juventude a partir de sua pertença a uma fase da vida. Considerando esta perspectiva o autor escreve que,

A juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada “fase da vida”, prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam essa fase da vida. (p. 23)

Outros estudiosos, todavia, tem relativizado esse modo de olhar. Bourdieu (1983) já apontou nesta direção. Ao afirmar ser a juventude *apenas uma palavra* o sociólogo indicou, entre outras coisas, que o critério etário, caro à corrente geracional, possa ser manipulado e manipulável, em função de interesses políticos e culturais, por exemplo,

apontando então para a necessidade de deslocamento para uma compreensão da juventude a partir de outros olhares. Seguindo a mesma linha de raciocínio, a partir de estudos com enfoques antropológicos, Canevacci (2005) afirma o *não funcionamento* das distinções entre faixas etárias. Escreve ele que,

As distinções modernas entre faixas etárias não funcionam mais. Os jovens são atemporais no sentido de que ninguém pode sentir-se excluído desse horizonte geracional. Evidentemente há profundas e diversificadas pressões culturais e comunicacionais que empurram, ou melhor, auxiliam pessoas normais a sentir-se ainda (para sempre) dentro de uma condição que não é mais determinada – para utilizar exatamente uma palavra anglo-saxônica – pela *teenage*. (P. 36)

A segunda corrente apresentada por Pais (1996) é aquela que podemos ler a partir de uma visão classista, que privilegia o pertencimento juvenil a uma cultura, às classes, à situação econômica, etc. Com relação ao modo como essa corrente aborda a juventude o autor escreve que,

A juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, etc. Nesta tendência a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em diferentes situações sociais. (P. 23)

Se saíssemos às ruas para perguntar às pessoas sobre o significado de ser jovem certamente teríamos surpresas. Isso se ouvíssemos as respostas com um ouvido de pesquisador. Flor da idade, tempo em que se pode tudo, futuro da humanidade, tempo para provar, experimentar, certamente estariam entre as respostas. Por outro lado, se consultássemos uma bibliografia escrita por aqueles que se debruçam sobre o tema juventude encontraremos dissonâncias, mas também será possível mapear o que Abramo (1994) aponta como *noções básicas e amplamente generalizadas* na busca dessa caracterização. E essa autora indica algumas dessas noções, quais sejam, transitoriedade, ambiguidade, suspensão da vida social, vir-a-ser, entre outras.

Uma das primeiras dessas noções a qual podemos destacar é a condição de transitoriedade da juventude. Os estudos de Ariès (2012) apontam que esse é um tempo de preparação para o ingresso na vida adulta. Isso está posto tanto no pensamento comum quanto para muitos outros mais elaborados. O primeiro se manifesta em atitudes que pedem, por exemplo, que se tenha paciência com os jovens, ou então quando se afirma que com o tempo isso passa. O pano de fundo para isso se ancora em uma visão adultocêntrica da sociedade. A esse respeito, Abramo (1994) escreve que:

A ideia central é a de que a juventude é o estágio que antecede a entrada na “vida social plena” e que como situação de passagem compõe uma condição de relatividade: de direitos e deveres, de responsabilidades e independência, mais amplos do que os da criança e não tão completos quanto os do adulto. (P. 11)

#### 4.2 JUVENTUDE(S) SOB A CONSTRUÇÃO DAS MÍDIAS

Além dessas maneiras de se abordar a juventude, de uma perspectiva sociológica, existe ainda o que podemos chamar de construção social de uma imagem de juventude.

Neste ano de 2013 o Brasil foi reapresentado às grandes manifestações de rua. Os acontecimentos ou as jornadas de junho/julho eclodiram na cidade de São Paulo e logo se espalharam pelo país, marcando o cotidiano das muitas cidades brasileiras, não importando seus tamanhos. O acontecimento recente que resultou nessas manifestações foi o aumento das passagens de ônibus na capital paulista. Mas logo a pauta de reivindicações foi sendo acrescida de pontos próximos e outros contraditórios até. Entre estes pontos destacam-se as lutas por transporte público gratuito e de qualidade, contra a corrupção, a favor e contra a redução da maioridade penal de dezoito para dezesseis anos, pelas reformas política e tributária, contra a violência do Estado, especialmente a violência policial contra os jovens e o conjunto da população pobre, contra os gastos públicos na realização de mega eventos, de modo especial a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e as Olimpíadas em 2016. Os principais protagonistas dessas manifestações foram jovens, e especialmente jovens estudantes universitários pertencentes às classes médias.

E o país tomou ciência desses acontecimentos pela ação da mídia e das redes sociais. Mas a televisão teve um papel preponderante

na informação e na interpretação desses acontecimentos. Um dos motes das transmissões sobre as manifestações, segundo seus critérios, dizia que eram manifestações pacíficas de um lado e vandalismo de outro. Deste modo, atualizou o pensamento de Debord (1994) quando este afirma que a realidade surge no espetáculo e o espetáculo é real. Podemos perceber aí uma “imagem saudosa dos jovens” contestadores dos anos 1960/70, dos jovens “cara pintada” dos anos 1990. É a imagem de jovens que passamos a conhecer e admirar, mirar juntos com a mídia. Por outro lado, os programas de televisão apresentam uma juventude que também compõe a nossa imagem de juventude, aquela dos “realities shows”, das novelas e novelinhas, dos programas de auditórios, etc. Aquela juventude branca na sua maioria, estudantes, empreendedores sociais junto aos pobres, filhos das classes médias. Uma juventude preocupada com seus problemas amorosos, suas intrigas familiares. Uma juventude que é sinal, é estética da vida cotidiana (MARGULIS, 1996) com seus estilos de vestir e de falar, por exemplo. É o que as ruas têm chamado de “juventude coxinha”. Enfim vamos acreditando em um mito chamado juventude. A esse respeito, País (2005) afirma que.

A juventude é um mito ou quase um mito que os próprios média ajudam a difundir e as notícias que estes veiculam a propósito da cultura juvenil e de aspectos fragmentados dessa cultura (manifestações, modas, delinquência, etc.) encontram-se afetadas pela forma como tal cultura é socialmente definida. (p. 27)

O pensamento de Margulis (1996), no entanto, nos ajuda a pensar a juventude a partir de outra perspectiva. Este autor apresenta a moratória como uma categoria chave e que considero de muita importância para este estudo. De acordo com seus estudos,

Se dice que juventud depende de una moratoria, un espacio de posibilidades abierto a ciertos sectores sociales y limitado a determinados períodos históricos. (p.15)

Nesta perspectiva, a da moratória social, a juventude é entendida como espaço de possibilidades que se realiza no tempo intermediário entre a infância e a entrada para o mundo adulto com suas obrigações. É tempo de estudar, de experimentar coisas é tempo onde ainda não se tem, por exemplo, o compromisso com o trabalho. Todavia, é preciso

salientar, a compreensão da juventude a partir desta visão de moratória é restrita a alguns setores sociais. Margulis (1996) afirma que,

A partir de mediados del siglo XIX y en el siglo XX, ciertos sectores sociales logran ofrecer a sus jóvenes la posibilidad de postergar exigências – sobre todo las que provienen de la própria familia y del trabajo - , tiempo legítimo para que se dediquem al estudio y la capacitación postergando el matrimonio, lo que les permite gozar de un cierto período durante el cual la sociedad les brinda una especial tolerância. (p. 15)

Pensar a juventude como um espaço de possibilidades corresponde a pensá-la na intensidade da sua experiência, e o pensamento de Margulis vai além, nos aproxima do que poderíamos chamar de um pensamento corriqueiro sobre o significado de ser jovem. Aparentemente é isso: o jovem pode muito, às vezes pode tudo. No entanto, uma aproximação criteriosa nos fará ao menos repensar tais ideias.

O conceito de *moratória vital* complementa o de *moratória social*, e nos permite expandir, democratizar o conceito de juventude, pensando-a do ponto de vista de outras relações, de modo especial a experiência do tempo, de um tempo da juventude na relação com o social.

A sensação de energia inesgotável, a sede de viver, a relação com as gerações mais velhas as quais estão mais próximas do ocaso da vida permitem pensar a juventude a partir de uma moratória, uma moratória vital. De acordo com Margulis (1996),

En este sentido es que la juventud puede pensarse como un período de la vida en que se está en posesión de un excedente temporal, de un crédito o de un plus, como si se tratara de algo que se tiene ahorrado, algo que se tiene de más e del que se puede disponer, que en los no jovenes es más reducido, se va gastando y se va terminando antes, irreversiblemente, por más esfuerzos que se haga para evitarlo. (P.20)

O autor chama ainda a atenção para a passagem, para a superação dos critérios etários e biológicos em vista da valorização dos aspectos culturais e históricos. Deste modo, para compreender a juventude se faz necessário ter no horizonte as mudanças pelas quais têm passado a

família e seus novos arranjos, as novas possibilidades de sociabilidade, a relação com o tempo, as novas condições epistemológicas, hoje encharcadas de tecnologias, entre outras. Desta forma a expressão “no meu tempo não era assim” é verdadeira e nos empurra para buscar compreender a juventude a partir de condições culturais e históricas hodiernas. É preciso e possível olhar para a juventude a partir de outros olhares outras janelas.

#### 4.3 OUTROS OLHARES E DIÁLOGOS SOBRE A JUVENTUDE

Como diz minha amiga Martinha<sup>54</sup>, “estava tudo certinho, dentro do vidrinho”, quando iniciei este curso de doutorado em educação com o propósito de me aproximar da juventude da qual já sou bastante próximo.

Aos poucos, porém, fui percebendo a necessidade, a possibilidade de praticar um novo olhar, novos olhares quem sabe! Sei que quero aproximar-me criteriosamente<sup>55</sup> com o intuito de conhecer seus estilos de vida (Maffesoli, 2010) e, suas sociabilidades (DURAND, 2000; PAIS, 2001), para compreender os mitos que se produzem a seu respeito. Assinalo de antemão que estou considerando a importância de buscar nas mídias um forte elemento construtor dos mitos sobre a juventude. Mas é isso mesmo, preciso olhar de novo, olhar com novos olhares. Eu pensava até que já sabia essas coisas. E já tinha até mesmo um repertório de palavras, de categorias que me guiariam neste estudo, nesta escrita enfim. E esse repertório de palavras revela sua importância na medida em que aponta o modo como a juventude tem sido olhada a partir dos estudos de diversos estudiosos do tema. Por isso, quando falo em aproximação criteriosa estou apontando a necessidade de tecer olhares para essas diferentes compreensões, as quais foram compondo meu modo de olhar, ou meus modos de olhar.

Mas eis que percebo um fio de luz à minha frente. Olho pra cima e vejo que é um fio de luz que vazou<sup>56</sup> pelo tecido do meu guarda chuva, um fio que atravessou o espaço e passou a acompanhar meus passos.

---

<sup>54</sup> Martinha é minha colega de doutorado, minha amiga.

<sup>55</sup> Quando anuncio o desejo de uma aproximação criteriosa estou me referindo à necessidade de estabelecer a relação entre a juventude e os objetivos estabelecidos para esta pesquisa. Isso significa entre outras coisas a necessidade de “abandonar” questões de militância, por exemplo.

<sup>56</sup> Neste texto estou utilizando o termo vazou no sentido de sobrar, transbordar, correr, atravessar.

Não sei se esse fio se fez seta<sup>57</sup>, acho que não! Era uma meta<sup>58</sup> ou um simples incômodo? Afinal ele estava ali. Em todo caso, aproximei o guarda chuva ainda meio temeroso e espiei pelo buraquinho como quem espia pelo buraco da fechadura. Não vi uma sala ou um quarto fechado, não vi uma pessoa, não vi uma situação. O que vi foi movimento em uma paisagem linda, linda porque intrigante. Havia luzes, atravessamentos, pontos e linhas interrompidas. Ouvi cochichos e buchichos. Tentei prestar atenção com minhas pupilas, mas elas não davam conta, pois estavam viciadas, mecanizadas, talvez treinadas para os clichês, para o julgamento, a medida. Então minha pupila pediu socorro aos meus ouvidos. Este pedido de socorro foi contaminando minha garganta, passando por todas as partes de meu corpo, desde os fios de cabelos até as unhas dos pés. Contaminou meus prospectos. Prospectos, que horrível! Em pouco tempo toda a profundidade de minha pele estava absorta naquele lugar de vazar, de vazar pra fora e vazar pra dentro. Fiquei meio tonto, um pouco mais tonto do que fico quando me desperto de minhas crises de epilepsia, esta minha companheira que me deixa em convulsão.

Que furo fantástico, este do meu guarda chuva! Não sei se ele me tirou do chão ou se tirou meu chão. Mas sei que vislumbrei vultos de pessoas que queriam entrar por ele. Acho até que preciso fazer mais furos. Conversei rapidamente com algumas destas pessoas. Ainda me lembro dos nomes de alguns. Deleuze<sup>59</sup>, Nietzsche<sup>60</sup>, Spinoza<sup>61</sup>,

---

<sup>57</sup> Utilizo o termo seta no sentido apresenta pelo cantor e compositor Paulinho Mosca em sua musica O Alvo e Meta. Mais adiante aprofundarei o uso e apresentarei a letra da musica.

<sup>58</sup> Vale a nota anterior.

<sup>59</sup> Comecei a prestar atenção às ideias deleuziana de Devir, de tempo como Chronos e como Ayon e de sujeito que é múltiplo. Comecei a “linkar” estas ideias com as observações que tenho feito a respeito da vida louca de jovens que venho conhecendo.

<sup>60</sup> A vida como obra de arte e, o perspectivismo, frutos do pensamento de Nietzsche, me afetaram e, corolário, afetaram a minha maneira de olhar as juventudes.

<sup>61</sup> Em Spinoza encontrei a ideia dos bons encontros que logo associei a espaços de sociabilidade juvenis. Neste período pude conversar bastante a respeito do tema com um jovem estudante, mestrando do curso de psicologia da UFSC, e que estava escrevendo sua dissertação onde um capítulo fala dos bons encontros da Casa Chico Mendes. Ver Strappazon (2011).



Bataille<sup>62</sup>, Foucault<sup>63</sup>, Skliar<sup>64</sup>, Barthes<sup>65</sup>, por exemplo.<sup>66</sup> Acho que não tinha muitas mulheres! Mas havia várias mulheres que estavam comigo sob o guarda chuva. Elas também olhavam pelo buraco. Ali estavam: Pollyana, Martinha, Elaine, Iracema, Paola, Marluce, entre outras. Estavam também o Rogério, o José Rogério, o Eduardo, e outros<sup>67</sup>.

Deleuze, quando me viu meio sem chão veio em meu socorro e me disse: Vá para o campo de imanência<sup>68</sup>. E Deleuze (2009) me apresentou o Chronos e o Ayon. Eles estavam lá, me olharam, acho que me viram e me contaminaram. Pra dizer a verdade eu gostei muito do ayon. Quero conhecê-lo melhor. Sinto que seremos amigos. O ayon é especial, ele me mostrou o devir louco. Nesta hora me lembrei da vida loka. Consigo associar Chronos ao tempo do calendário enquanto que o Ayon eu o associo ao plus a que se refere Margulis quando fala da moratória. Esse plus me remete ainda a pensar a juventude na sua intensidade E Deleuze nos olhava com seu modo de ser, professoral<sup>69</sup>. Ele estava ao lado do Foucault e eles se falavam através de escrituras. Senti que eram próximos.

Outra pessoa que me impressionou foi o senhor Spinoza. Acho que ele também é um pouco vida loka. Lembro-me que conversamos sobre paixões tristes, paixões alegres, alegrias ativas, sobre potência, afectos e ética. Ele me falou muito. Até me deu vários escritos e disse

---

<sup>62</sup> A leitura de um texto de Bataille me despertou para a noção de despesa improdutiva, a qual aproximei de elementos da vida dos jovens que se caracterizam pelo desapego, esbanjamento, generosidade.

<sup>63</sup> Onde está o sujeito? Como ele está? Quem e? Ainda me lembro de uma colega de aula pronunciar estas palavras, até mesmo de forma teatral, a partir da leitura de Foucault. Depois comecei a ruminar a noção de poder pastoral, especialmente a partir de minha experiência de vida.

<sup>64</sup> Skliar me chamou a atenção ao escrever sobre a diferença, sobre a obsessão pelo outro.

<sup>65</sup> O estudo das obras de Barthes foi muito profícuo e um dos pontos altos foram os desafios com relação à prática da escritura.

<sup>66</sup> É importante assinalar que nem todos esses autores compõem o rol de obras a serem consultadas na elaboração desta tese, mas a leitura dos mesmos foi apontando direções dos caminhos possíveis.

<sup>67</sup> Estes são alguns colegas da minha turma de doutorado.

<sup>68</sup> Estou utilizando a expressão campo de imanência no sentido deleuziano que para mim é a vida. O campo de imanência não é imanente à vida, mas a vida é imanente a si mesma.

<sup>69</sup> Gallo (2008) Escreve que Deleuze nunca foi um homem de mídia, um filósofo da mídia, mas foi um grande professor. P. 16

pra eu ler com tranquilidade, mas ler. Com certeza esse foi um bom encontro.

Ainda pelos buracos do guarda chuva escutei uma música! Era um rap! A melodia me atraiu e comecei a prestar atenção no refrão que dizia:

Sou um príncipe do gueto. Só quem é desce e sobe a ladeira. Sou o príncipe do gueto e meu castelo é de madeira. (música e letra do grupo de rap A Família)

Fiquei meio confuso no início, mas aos poucos fui percebendo que estava acontecendo algo muito interessante. Amigos se aproximavam, eram amigos cheios de sombra. As juventudes da Comunidade Chico Mendes, meus chegados tinham vazado pelo buraco e estavam conversando com o pessoal todo. Era uma conversa bastante animada, meio sem jeito às vezes. Havia mesmo momentos de silêncios. Não eram daqueles silêncios constrangedores. Mas eram daqueles silêncios cheios de significados, densos, povoados de afetos, intrigantes e instigantes. Vi que o Foucault era bem interessado nesta conversa. Nietzsche lhes falou de Zaratustra, praticante de street-dance e analista social, assim como muitos rappers. Daí apareceu o ayon, montado em seu devir louco e me disse: traz um pouco do passado para o presente, mistura tudo, convida os jovens pra te ajudarem. Fala de teus desejos, pratique a escritura! Não sofra tanto com os paradoxos! Não queira resolvê-los! Hesitei, mas topei. Comecei minha narrativa a partir de uma perspectiva chrono-lógica<sup>70</sup>. O Chronos gostou, sentiu-se contemplado.

Hoje entendo que somos vários, podemos ser vários (DELEUZE e GUATARI, 1995, p. 11). E isso me faz pensar nas diversas possibilidades de ser dos jovens, tudo depende do momento, das circunstancias e das relações. Amigos, parceiros, pai e mãe, policia, escola, filhos, vizinhos, roupas, joias, sapatos, desejos, rivais, amores, sexo, crime, enfim, não dá pra ser sempre o mesmo. Temos, em nosso modo de existir varias maneiras de estar no mundo. E nesta perspectiva quero continuar a pensar questões relativas às juventudes, de modo especial a juventude que me diz que *VIDA LOUCA TAMBÉM AMA*. Será que posso pensar que o devir<sup>71</sup> louco também ama? Estou instigado, estou com larica de saber.

---

<sup>70</sup> A partir de algumas leituras de Nietzsche estou me apropriando da categoria perspectivismo como sendo uma maneira possível, dentre outras.

<sup>71</sup> Utilizo aqui o termo devir no sentido de movimento, como mudança, a única permanencia.

E a música continua. Agora a letra é outra:

*Rasgar o verbo! Vou rasgar o verbo. Doa a quem doer. Rasgar o verbo!  
Vou rasgar o verbo. Doa a quem doer! (Spainy e Trutty, Rasgando o  
Verbo)*

Então me dou conta que quero entender as juventudes como um conceito, um personagem na sua comunicação com o mundo. Tomo aqui a ideia deleuziana para expressar meu entendimento sobre a emergência de um conceito: um conceito é duplo, triplo, etc., ou seja, possui vários componentes, mas não possui todos os componentes. Um conceito em relação. (DELEUZE e GUATARI, 2010, p 23). Considero fundamental pensar que a conceituação da juventude possui vários componentes, outros conceitos incidentes. Lima (2003) aponta várias relações, componentes, categorias importantes, para se pensar a juventude, fugindo de um olhar monolítico, sejam eles a fase da vida, a faixa etária, situação de passagem, transitoriedade, portanto.(p.31ss). Melluci (1997) afirma que:

Incerteza, mobilidade, transitoriedade, abertura para mudança, todos os atributos tradicionais da adolescência como fase de transição, parecem ter se deslocado bem além dos limites biológicos para tornarem-se conotações culturais de amplo significado que os indivíduos assumem como parte de sua personalidade em muitos estágios da vida. (p.10).

Quero rasgar o caos, caminhar, olhar, escutar, sentir enfim. Quero falar também. Assim como João do Rio (2008), quero praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flunar. Quero me dedicar ao ofício do flaneur.

Como iniciante que sou, quero acercar uma juventude da qual sou mais próximo. Afinal, o que elas querem me dizer, e me dizem? O que elas querem nos dizer a nós e sobre nós? Aliás, será que elas querem dizer alguma coisa?

O hábito, o vício e o quadrado! Somos fissurados em perceber as juventudes a partir de seus problemas ou, não sei se pior, ou melhor, como problemas. É comum que textos, filmes, músicas e programas de TV, por exemplo, ao se referirem aos jovens o façam sempre a partir de temas como violência, drogas, gravidez, irresponsabilidade, entre outros. A esse respeito, Sousa (1999) aponta que,

Como preocupação social, ela – a juventude - pode ser caracterizada como uma fase da vida dos indivíduos marcada por circunstâncias de instabilidade, associada a determinados problemas que se vão evidenciando como próprios, embora compartilhados por uma mesma faixa de idade em momentos que se constituem como uma cultura juvenil. (P. 17)

De modo especial, isso está posto quando nos deparamos, com discursos que constituem, instituem um lugar aos jovens, e em especial os jovens pobres como manifestações encarnadas do perigo, da irresponsabilidade e da perturbação da ordem. Até mesmo as políticas públicas para esta população partem deste princípio<sup>72</sup>. Assim fica fácil pensar em modos de conter essas energias desordenadas e colocar cada um no seu quadrado. Muitas vezes o quadrado é uma cela de prisão. Prisão sócio-educativa para adolescentes. Esse é um sonho! Esse é um pesadelo! Sonho pra quem? Pesadelo pra quem? Precisamos nos repensar!

A cidade tem construído como que um design acerca das juventudes a que me refiro colocando-as em uma situação de fixidez, de rigidez. É um design, uma escrita que vem marcada pelo preconceito e pelo medo. É a escrita traçada com as tintas do estigma.

As juventudes, contudo conseguem se reescrever, se reinventar. Os jovens são intermináveis (CANEVACCI, 2005, p.28), eles fazem um jogo quando dizem bem alto: somos vidaloka, e vidaloka também ama, ou quando repetem o refrão de uma letra de funk que diz “*ai meu deus, como é bom ser vidaloka!*”. Dizendo isso eles afirmam seus modos de existir, apontam para uma ética e para uma estética que trazem consigo a marca da diferença, que pleiteiam uma relação de alteridade. Nem pior, nem melhor, diferentes apenas.

A história que tenho vivido com jovens e adolescentes tem apontado para direções que contradizem os discursos monolíticos, rasgam os verbos, os designs eivados de preconceitos e autoritarismos, designs viciados, enfim. Talvez estejamos empobrecidos, necessitados de pensamentos, sentimentos ancorados na possibilidade, na necessidade de inscrever a palavra diferença na nossa escrita, na nossa narrativa. Talvez possamos pensar a diferença que ligue nosso motor de arranque para um movimento de hospitalidade, no sentido de acolher mais e

---

<sup>72</sup> A este respeito ver Spósito (2006), onde ela analisa o incremento de políticas públicas para a juventude a partir da associação entre juventude e violência.

julgar menos. A diferença como atitude certamente nos livrará de olhar o outro, o que nos assusta e mete medo, como algoz ou como vítima. A hospitalidade pode nos ajudar a viver menos na hostilidade. Pensar e assumir a diferença têm sido desafio para estes meus caminhos de educador e pesquisador. Volto a fazer coro com a letra do rap: *Vamos rasgar o verbo! (Spainy e Trutty)*. Assumir que a diferença não se faz a partir do nosso eu como ponto de referência. Precisamos pensar uma diferença que nos permita ver o outro como outro. Começo a imaginar que a diferença também pode estar no meu olhar, no meu escutar, no meu sentir. Quem sabe até possamos nos descobrir vidaloka!

Outro hábito, outro vício, é pensar o mundo a partir de uma perspectiva adultocêntrica. Tornar-se adulto é o máximo, o ápice da existência. Isso nos leva a pensar a juventude como um tempo que fica lá no nosso passado. É como uma doença que dá, mas passa. A esse respeito Quapper (2001) afirma que

A partir deste olhar se reforça a ideia de pensar o social a partir do adulto, marcando o juvenil – aquele que vive a juventude – sempre tendo como parâmetro central o adulto. Assim o juvenil perde importância em si mesmo e sempre será avaliado em função do que o mundo adulto há colocado como parâmetro para o modo de ser. (p. 60)<sup>73</sup>

Os que pensam a juventude apenas a partir da transitoriedade desta condição correm o risco de jogá-la num limbo, mesmo que passageiro. E nós adultos curtimos essa dor da juventude vivida, mas perdida, não incorporada (ABRAMO, 1994. p.11 ss).

Para nós o que resta é caminhar, caminhar para o fim, pois a vida adulta também passa, ficamos velhos. A explosão da vida louca nos incomoda, ela mostra o que não somos mais ou, até mesmo o que gostaríamos de ser e não somos talvez por medo. Nossa existência agora está em contagem regressiva. É o nosso ocaso. Podemos, precisamos encarar a juventude como condição, como fase da vida, que tem valor próprio na sua relação com o mundo. É importante ser jovem.

Fica ainda o convite para pensar a juventude no plural: juventudes (QUAPPER, 2001). Vamos multiplicar o conceito, encarná-lo. Perfurar a escrita do estigma, do preconceito. No lugar da ameaça e do perigo, do estranho e do incógnito, vamos enxergar juventudes. Juventude de boné, de roupas extravagantes talvez, juventudes de falas e

---

<sup>73</sup> Tradução minha.

ritmos que pedem para serem ouvidos. *JUVENTUDE VIDA LOKA*, por que não? Essa juventude que não joga com as mesmas cartas que nós, juventude que está em outro jogo, faz outras jogadas. Não vamos nos encontrar em nossa mesmice e mandar cortar o barato do outro. Afinal, o estilo é sempre um estilo de vida. De algum modo é algo pessoal, é a invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência.

Vamos rasgar o verbo, repito.

Inventar modos de existência descolados dos olhares que se deslocam do passado, que passam pelo presente e se projetam no futuro. Mas que futuro? Que passado? Que presente? O mundo dos adultos é o mundo do teleológico, o mundo do para: para que? Para depois! Para com isso! Para mais além! Para o além! Aí a vida fica insípida.

Assinalo essa questão, pois uma maneira de captar (captar aqui não é capturar) o modo de existência dos jovens a quem me refiro exige uma relativização da dimensão cronológica da vida. Não se pensa mais em termos de passado, presente e futuro, mas em termos do atual, o que está aí. O atual é denso, cheio de significados importantes, o atual é devir. Quem sabe aí está um dos grandes desafios para educadores e agentes de políticas públicas para as juventudes: Pensar o jovem na sua relação com o tempo, o Chronos e também o Ayon.

Esse exercício certamente nos levará a pensar o saber e o sabor de viver, o saber e o sabor de devir. Devir juventude. O tempo do Chronos nos iguala, nos ordena a todos. Aí vem o jovem e bagunça tudo, pois ele tem outra percepção de tempo. Essa percepção cria a possibilidade de diálogo, chama para a diferença. Ele não aceita receber os scripts já prontos, vindo de quem vier.

Hoje, em tempos de crise econômica planetária, é comum a preocupação com países que podem declarar moratória, ou seja, dar calote. E eu estou tentado a pensar que o ser vidaloka é dar calote até mesmo na moratória. Daí o dilema. O que pode esse jovem? O que pode um corpo jovem?

A cidade é craque em dizer o que não pode. E o jovem vai criando seus modos de ser, de viver. Ele é vidaloka. É premência de vida. Não vou me ater em apontar limitações e também não vou me ater nas transgressões

#### 4.5 NÓS SOMOS BANDIDOS, MAS NÃO SOMOS MAUS!

Não existe nada pior que alguém querendo fazer o bem,  
especialmente o bem aos outros.  
O mesmo se aplica aos que “pensam bem”,

com sua irresistível tendência a pensar por e no lugar dos outros. Encouraçados em suas certezas, eles não têm espaço para dúvidas. É claro que não aprendem a complexidade da vida. A coisa em si não teria tanta importância se esses donos da verdade, Intitulando-se detentores legítimos da palavra, não decretassem o que a sociedade ou o indivíduo “devem ser”.

(MAFFESOLI, 2004, p. 11)

Temos necessidade de segurança, mesmo que para isso tenhamos que sacrificar a liberdade (Bauman, 2003). De acordo com este autor a humanidade sente uma espécie de saudade de um mundo que pode estar no passado ou no futuro, tanto faz desde que seja um mundo que ofereça a sensação de segurança. E isso nos leva a uma busca pela segurança que pensamos poder ser encontrada na comunidade, o lugar do aconchego. O lugar do aconchego é diferente para cada grupo de pessoas, para cada classe de pessoas e assim por diante. Pode ser um condomínio fechado, um local cercado de câmeras de vigilância, uma cidade ou uma comunidade com policiamento constante, pode ser um local fechado tipo shopping Center, mas pode ser também um local sem interferência da polícia, pode ser a família, o grupo de amigos, entre outros. Mas o mundo em que vivemos é o mundo que temos, mesmo que acreditemos que outros sejam possíveis, estes ainda estão no campo das possibilidades. Nesta perspectiva Maffesoli (2004) nos alerta que, está na hora de superar a problemática do homem realizado em sua totalidade, da sociedade perfeita, ainda que como ideal, como tensão, como projeto. (p.28)

O mercado da segurança, com certeza é um dos mais rentáveis do mundo. Existem grandes investimentos tanto em sistemas de seguranças para as nações como para a segurança privada. Novas e caras tecnologias são expostas em feira de produtos exclusivos para o setor. A cada momento aparece um novo invento. Alarmes, grades, cercas, muros, aparelhos eletrônicos, sensores, blindagens, cães de guarda, guardas, enfim, uma gama de recursos é utilizada para aplacar nossos medos e dar uma sensação de segurança, mesmo que toda essa parafernália vá encurralando quem a utiliza. É Bauman (2003) que nos diz que a promoção da segurança sempre requer o sacrifício da liberdade, enquanto esta só pode ser ampliada à custa da segurança (p. 24)

Medo de assalto, medo de sequestro, medo de bala perdida, de atos terroristas, muitos medos, enfim. Podemos dizer que uma das

marcas de nosso tempo é o medo. O medo pode derrubar governos e levar outros ao poder. O medo pode nos paralisar ou nos tornar mais ativos e até mesmo perigosos, para nós mesmos inclusive. Alguns jovens me dizem que quem tem medo tem coragem! É um medo que se esconde e, ao mesmo tempo se revela. Estamos com medo! O perigo está sempre à espreita para nos derrubar. E é novamente Bauman (2003) que nos diz ainda que a segurança sacrificada em nome da liberdade tende a ser a segurança dos outros; e a liberdade sacrificada em nome da segurança tende a ser a liberdade dos outros.

Mas a humanidade sempre conviveu com o medo. Tivemos medo dos fenômenos da natureza, medo dos bárbaros, medo do fogo do inferno e de seus demônios, medo de um deus vingador, medo das pestes, enfim, a cada época corresponde um medo ou medos (DELUMEAU, 2009).

E hoje estamos aprendendo a ter medo do vizinho, da vizinha, medo de pessoas que encontramos na rua, medo de conhecidos e de desconhecidos. O outro nos amedronta, de modo especial temos medo do diferente. Sentimos a necessidade de ter um sujeito para personificar esse medo. Nesta situação parece que o jovem, o jovem pobre de modo especial, é o sujeito que mais se adéqua no papel de amedrontador. Fraga e Lulianelli (2003) entendem que a sociedade, leia-se os adultos, tem buscado exercer um papel de autoridade visando ao controle e integração das energias dos jovens. Dizem as autoras que,

Essa vigilância produziu mitos, por influencia dos quais se passou a perceber o jovem como alguém mais violento e contestador. Em virtude disso, foram necessárias ações que visassem coibir a exacerbação dessas características. As manifestações e formas de resistência dos jovens – que muitas vezes não estavam atreladas à sua condição etária, mas a outras atribuições sociais e culturais – eram reconhecidas como tendência a cometer atos de vandalismo e práticas ilícitas, como meio de afirmação de “identidade”. (p. 10)

Coimbra e Nascimento (2003) apresentam um estudo a respeito da construção social do mito da periculosidade juvenil. De acordo com suas reflexões esta construção está ligada ao surgimento do capitalismo industrial, quando ganha força a ideia que associa pobreza e violência. É importante ressaltar que esse período coincide com o aparecimento da juventude como categoria social importante, merecedora de estudos pelas diversas áreas da ciência. Justamente por se afastar, como seus



modos de pensar e de agir, do mundo dos adultos. A partir das leituras de obras de Michel Foucault essas autoras apontam a preocupação das elites com os perigos “reais”, mas de modo especial com os perigos virtuais, assim com a criação de dispositivos de identificação e de controle desses perigos. Dizem essas autoras que,

Em nosso país, desde o século XX, diferentes dispositivos sociais vêm produzindo subjetividades onde o “emprego fixo” e uma “família organizada” tornam-se padrões de reconhecimento, aceitação, legitimação social e direito à vida. Ao fugir a esses territórios modelares, entra-se para a enorme legião dos “perigosos”, daqueles que são olhados com desconfiança e, no mínimo, evitados e afastados, quando não enclausurados e exterminados. (p. 27)

Da mesma maneira, de acordo com as autoras acima, as produções de uma infância e de uma juventude desiguais, expressas legalmente no Brasil através do Código de Menores de 1927, propiciam o reforço de uma mentalidade que vai percebendo nos pobres a encarnação da classe perigosa.

Outra reflexão importante é a respeito dos sujeitos que personificam este perigo. Tenho suspeitado que os jovens possam ser entendidos como um desses personagens emblemáticos, encarnação do perigo. Estudos realizados por Abramo (1997) apontam nesta direção quando afirmam que:

Como vítimas ou como promotores da cisão e dissolução social, os jovens se tornam depositários desse medo, dessa angustia, o que os faz aparecer, mesmo para aqueles que os defendem, e que desejam uma transformação social, como a encarnação das impossibilidades de construção de parâmetros éticos, de parâmetros de equidade, de superação das injustiças, de formulação dos ideais, de diálogo democrático, de revigoração das instituições políticas, de construção de projetos que transcendam o mero pragmatismo, de transformação utópica. Ou seja, como encarnação de todos os dilemas e dificuldades com que a sociedade ela mesma tem se enfrentado. (p. 32)

Faz-se necessário então um exercício de pensamento a respeito da origem ou origens deste modo de pensar, assim como sobre os mecanismos usados para a sua manutenção. Nepomoceno (2004) em seus estudos sobre a face escura do sistema penal no Brasil discorre sobre o que ele chama de criminalizações, entendidas como mecanismos do sistema penal pra conferir o status de criminoso para algumas pessoas. Para aprofundar a questão da criminalização este autor a divide em primária e secundária. Com relação à criminalização primária o autor fala de uma seletividade quantitativa, pois o Parlamento é quem determina quais condutas são ilegais ou não. Assim, a própria composição do parlamento é fator de seletividade, pois este é composto por pessoas oriundas de determinados extratos sociais, com formação ideológica, cultural, religiosa e moral específica, e, por isso, nem sempre representa a vontade de todos. Diz o autor que,

A seletividade do sistema penal recai especialmente sobre os setores vulneráveis da sociedade, em que a violência do aparato estatal é real. Já para as camadas sociais “superiores” essa violência não é sentida, tendo, portanto, apenas conteúdo simbólico. Isso já começa a ser percebido na primeira fase da seletividade do sistema penal, que é quantitativa. Acontece quando da aprovação das leis penais, que têm por fim regular as condutas consideradas negativas na sociedade, mediante a aplicação de pena que castigue, previna e ressocialize quem cometeu o atentado ao bem jurídico tutelado pela norma. (p.55)

Ao discorrer sobre criminalização secundária o autor fala de uma seletividade qualitativa. Para ele as condutas criminosas são assim determinadas e pela lei, enquanto as agências de poder do sistema penal, a Polícia e o Ministério Público, é que dirão quem é o criminalizado. Com relação a agencia policial o autor afirma que esta,

Tem a possibilidade de ser as instâncias de maior exercício de seletividade das condutas tidas como criminosas que, de antemão, são “julgadas” com base, principalmente, no “código ideológico”. Fora a violência real adotada e utilizada para aquilo que é chamado de “repressão à bandidagem” que, no mais das vezes, olvida fragorosamente os direitos fundamentais do ser

humano, como a aplicação de sevícias, torturas e execução sumária. (p. 59)

O Ministério público é a agência que faz acusação, elabora e arquiva inquéritos, exercendo assim a criminalização secundária. Conduto, de acordo com o mesmo autor,

O seu perfil ideológico é o de defensor dos fracos e oprimidos que vivem na sociedade, o que o faz exercer o papel de acusador. Por causa disso, não é difícil, em vez de promotores de justiça, encontrar vingadores públicos que denunciam tudo, principalmente as condutas perpetradas pelos setores da sociedade, os quais já se espera que assim se conduzam. (p.59)

Por fim cabe ressaltar a recente legislação, leia-se Lei nº 8.069 de 1990, que reconhece como sujeito de direitos todas as crianças e adolescentes brasileiros, bem como o Estatuto da Juventude, lei nº 12.852 de 2013, que dispõe sobre os direitos de todos os jovens brasileiros. Antes desse marco legal, os adolescentes e jovens, leia-se “menores”, adolescentes e jovens pobres eram considerados como cidadão de segunda classe. Um dos marcos da legislação brasileira sobre o tema foi o Código de Menores de 1927, conhecido por Código Melo Matos e que já dispunha de uma criminalização dos pobres, ou seja, daqueles e daquelas em situação irregular (Silva, 1998).

Onde está o Amarildo?<sup>74</sup> Por que o Senhor atirou em mim?<sup>75</sup> Estas são duas perguntas muitos presentes nos últimos meses na cabeça de muitos brasileiros, especialmente aqueles que frequentam redes sociais. São perguntas simples mas que apontam para uma situação mais ampla, a violência policial nas comunidades pobres. Estas situações corroboram os estudos realizados por Ramos e Musumeci (2005) acerca

---

<sup>74</sup> A pergunta é sobre o destino do ajudante de pedreiro Amarildo Dias de Souza, de 47 anos, que desapareceu no dia 14 de julho, após ser detido por policiais e levado para a Unidade de Polícia Pacificadora da Favela da Rocinha, um daqueles postos comunitários criados pelo governo do Rio de Janeiro. (fonte: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/>)

<sup>75</sup> De acordo diversos jornais, no dia 28 de outubro de 2013, Douglas passava com o irmão de 13 anos em frente a um bar quando foi abordado por policiais, quando sofreu um disparo certo no peito. ‘Por que o senhor atirou em mim?’, teria perguntado ao PM, segundo a mãe, Rosana de Souza. Douglas foi levado para um hospital da Região, mas não resistiu. (Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/525156>)

da abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro e que é comum nas polícias do Brasil. Depois de realizarem grupos focais com policiais participantes de suas pesquisas a autores que esses policiais,

Vendo na violência o resultado de determinantes sociais, como pobreza e destruturação familiar, atribuíam aos jovens pobres da favelas uma índole para o crime, o que os tornaria inimigos “naturais” da polícia. (p.35)

E Santa Catarina não foge à regra quando se trata de discriminação com relação aos pobres, em especial aos jovens pobres. Uma fala recorrente que ouço em minha atuação como educador é a respeito de ações para “tirar os jovens do crime”, como se este fosse o destino natural de todos os jovens moradores nas comunidades pobres. E é muito difícil explicar o contrário, é difícil falar em sujeitos de direito. O pensamento já está cristalizado, a ideia é fixa. O Mito já é pronto.

Considero necessário prestar atenção ao importante papel das mídias na construção desse design/mito. Estamos acostumados a assistir, por exemplo, as programações de televisão e a partir do que é apresentado tirar conclusões. Estamos vivendo um tempo em que precisamos ter um comportamento politicamente correto e isso faz com que programas de rádio e televisão cuidem um pouco mais de seus modos de falar, o que não significa que tenham repensado seus conteúdos. O preconceito está sempre presente. É comum que os programas de forte “apelo popular” invistam bastante em assuntos que possam causar comoção para, deste modo, segurar a audiência. Hernandez (2012) afirma que notícia é um recorte específico da realidade, um fragmento. Diz esse autor que é fato jornalístico qualquer acontecimento que possa ter significado para a humanidade e que o jornal, a partir de sua visão de mundo, elege e se apropria para transformar em notícia. O pensamento comum é contaminado pelo modo como os fatos são noticiados, influenciando de forma contumaz a opinião pública. De acordo com Sanches-Jankosk (2007)

As mídias são a principal fonte de informação não somente do cidadão médio, como também dos pretensos especialistas responsáveis pela elaboração e realização de medidas de luta contra as gangues. (p.126)

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Abramo (1997) ao analisar os modos de tematização da juventude afirma que:

Quando os jovens são assunto dos cadernos destinados aos “adultos”, no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos “problemas sociais”, como violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou as medidas para dirimir ou combater tais problemas. (p. 25)

Claro está então que as mídias tem importante responsabilidade na criação e difusão de uma imagem dos jovens, de modo especial na criação e difusão de um design onde os jovens pobres aparecem associados à problemas bem conhecidos pela população, com destaque para os problemas relativos à segurança. Ainda agora, e, 2012, recebo um telefonema de uma aluna do curso de jornalismo da UFSC convidando para uma pequena entrevista. Aceito o convite e ouço a primeira pergunta: *Como vocês fazem para conviver com tanta violência aí na comunidade?* Tento argumentar, mas vejo que o tempo não permite tanto. Pergunto de onde ela tirou esta informação que é inexata e inadequada, mas a resposta que ouço piora o teor da conversa. Ela me diz que pesquisou em jornais e conversou com jornalistas já formados. Então começa um discurso onde o preconceito prevalece. Ela fala que “sabe” que nem todos da comunidade são violentos; que existem famílias de trabalhadores, o que permite então que sobre para o jovem a pecha de violento, eles são o sinal de ameaça.

Atualmente, em tempos de comunicação pela internet, as reações dos consumidores de notícias podem ser observadas imediatamente às publicações. No dia 20 de março de 2012 o Jornal Diário Catarinense publicou uma matéria a respeito de um adolescente que foi supostamente morto pela ação da policia. Sob o título “Família de jovem morto após assalto na capital questiona ação da PM.”, a reportagem discorre sobre a possibilidade de ter havido uma execução e sobre a reação da família diante do ocorrido. Logo a publicação online, diversos leitores esboçaram reações parecidas entre si. Transcrevo algumas dessas reações:

**Comentário 1:** *parabéns aos policiais militares em ação. Infelizmente uma vida se foi, mas felizmente um vagabundo a menos para incomodar.*

**Comentário 2:** *RBS sempre fazendo jornalismo imparcial e de qualidade.*

**Comentário 3:** *Pobre criança... 8 passagem pela policia aos 16 anos de idade? Pena dos pais e*

*familiares, mas para nós, sociedade, o sentimento é o mesmo... um a menos pra incomodar.*

Outro importante apontamento a ser feito refere-se ao que podemos entender como espetacularização da violência. Em cores e, muitas vezes, ao vivo. Basta lembrar episódios recentes como aquele que é conhecido como o sequestro do ônibus 174<sup>76</sup>, no Rio de Janeiro e o caso da jovem Eloá Pimentel, em São Paulo.<sup>77</sup> O primeiro trata-se do chamado sequestro de um ônibus com passageiros, na cidade do Rio de Janeiro, por um jovem chamado Sandro Dias. Este sequestro acabou na morte de uma professora e, em seguida, da morte do próprio Sandro quando era conduzido por policiais a caminho da delegacia. O segundo episódio refere-se ao jovem que manteve prisioneira a sua namorada no apartamento da família. O desfecho de tal episódio foi a morte de uma jovem e o ferimento de outra. Poderíamos aqui focar na análise da atuação atrapalhada da polícia, mas chamou a atenção a cobertura feita pelos meios de comunicação, com a participação de juristas,

---

<sup>76</sup> Este episódio aconteceu em 12 de junho de 2000, na cidade do Rio de Janeiro. O sequestro foi filmado e transmitido ao vivo pela televisão. No momento de sua rendição o sequestrador, um jovem sobrevivente do massacre da candelária, usava uma jovem professora como escudo. Houve tiros e esta acabou morrendo. O Jovem Sandro foi imobilizado e morreu asfíxiado na viatura da polícia. As imagens foram utilizadas posteriormente para compor um documentário onde o cineasta sustenta o argumento de que o rapaz em foco, o sequestrador, fora vítima de um processo de exclusão social, o que fez com que ele acabasse se bandeando para o crime não por escolha livre, mas por negligência e abandono por parte das autoridades do Estado do Rio de Janeiro. O documentário mostra ainda o processo de transformação da criança em criança de rua e depois em bandido, apontando ainda causas da violência nas grandes cidades do Brasil. <http://wikipedia.org/wiki/> (acessado em março de 2013).

<sup>77</sup> Em outubro de 2008, Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, foi mantida refém por 101 horas pelo ex namorado Lindemberg Alves, 22 anos, em Santo André, no Grande ABC paulista. Inconformado com o fim do relacionamento, o motoboy invadiu o apartamento em que Eloá morava com a família e rendeu a adolescente juntamente com sua amiga Mayara Rodrigues da Silva. Após quatro dias de negociações e trapalhadas – Nayara retornou ao cativo para negociar com Lindemberg mesmo após ter sido libertada – a polícia invadiu o apartamento. Segundo os agentes, a ação aconteceu depois de um disparo ter sido ouvido no local. Eloá foi resgatada, baleada na cabeça e na barriga e Nayara, atingida no rosto. Eloá morreu no hospital. A amiga sobreviveu aos disparos. <http://www.com.br/noticias/infograficos/30-crimes-que-abalaram-o-brasil/> (acessado em março de 2013).

especialistas em segurança, negociadores em caso de sequestro, psicólogos, educadores e outros.

Atualmente as redes sociais interagem com as mídias tradicionais e refletem os mais diversos pontos de vista a respeito do tema. Um exemplo é o link que acessei via facebook e que me conduziu a um artigo escrito pela jornalista Eliane Brum (2010) e que fora publicado pela revista Época. Este artigo trata da abordagem feita por uma jornalista a um suspeito dentro de uma delegacia. O “sobrenome” do artigo é “a repórter que condenou, humilhou um suspeito mostra a convivência entre parte da imprensa, da polícia e do sistema penitenciário na violação dos direitos dos presos pobres (ou pobres e presos)”. E o artigo segue falando da formação dos jornalistas brasileiros, com forte influência dos tempos da ditadura militar e suas práticas de tortura e condenação sem julgamento. Analisa ainda a importância das mídias sociais na propagação das ideias condenadas pelo artigo, bem como nas reações contrárias, que também não são poucas.

Em Santa Catarina podemos destacar programas “jornalísticos” que misturam prestação de serviços, como oferta de empregos, reportagens sobre problemas localizados e casos de polícia. Mas de modo geral o carro chefe desses programas são as reportagens sobre casos de violências, os casos de polícia. Merece atenção o fato de que estes casos são explorados à exaustão. Quando se trata de jovens ricos existe todo um cuidado em manter o anonimato dos envolvidos bem como seus endereços e familiares, o que não ocorre quando os envolvidos são jovens pobres. Esses têm seus rostos, seus familiares, seus endereços e o interior de suas casas expostos. De modo geral não são tratados pelos nomes, mas são referidos como “o masculino”, “o vagabundo”, “o fio desencapado”, “o ladrão pé-de-chinelo”, e assim por diante. São descritos como aqueles que vivem pra perturbar a ordem, para incomodar os pais de famílias, os trabalhadores, as pessoas de bem, enfim. É comum que os repórteres desses programas separem os envolvidos nas situações de violência em três categorias distintas: os bandidos, os policiais e as pessoas ou cidadãos. Um dos programas mais populares é o “Jornal do Meio Dia”, cujo apresentador, Helio Costa, parece ter acesso ilimitado às delegacias, inclusive ele acompanha os policiais em suas incursões pelas favelas. Em sua coluna no Jornal Notícias do Dia este senhor escreveu o seguinte:

#### **Tanso**

O carroceiro Rafael pensou que era esperto e foi tentar “fazer dinheiro” numa loja de

departamentos, furtando objetos para vender. Só que o **fio desencapado** se esqueceu que a loja está protegida pelo sistema de videomonitoramento. As câmeras filmaram toda a ação do **istepô**<sup>78</sup> colocando oito talheres na mochila. Quando o **esperto** foi passar no caixa com apenas um potinho de margarina, os seguranças mandaram-no abrir a mochila e o levaram para uma salinha especial, até a chegada da PM. (Jornal ND ONLINE, 25/09/2012)

Deste modo, com forte contribuição da mídia a sociedade vai se sentindo cindida: de um lado os bandidos, os jovens bandidos e de outro as pessoas de bem. De um lado os lugares pacíficos onde moram as pessoas de bem e, de outro, os lugares perigosos, onde moram os bandidos, onde mora o perigo.

Nas ocasiões em que participo de atividades de formação com profissionais da educação que trabalham em escolas públicas ou ONGs do Bairro Monte Cristo, percebo a dificuldade de aproximação da população juvenil. A violência é presença constante nas falas. Suspeito que exista um imaginário constituído segundo o qual os jovens dessas comunidades estão armados em trincheiras, dispostos a atirar em todos aqueles que se aproximam. Tenho percebido isso também nas falas e comportamentos de técnicos de programas dirigidos à população local. Em nossas sociedades tem-se desenvolvido uma visão negativa a respeito dos jovens e dos adolescentes: Imputam-lhes a culpa por muitos sucessos negativos. Considero também que algumas instituições sociais, família, escola, igreja, entre outras têm uma facilidade de pensar modelos ideais de sociedade e de pessoas, o que resulta numa facilidade para estigmatizar aquelas pessoas ou grupos que não se enquadram nestes modelos, os fora da norma. Nossa dificuldade em conviver com o diferente fala muito alto. A este respeito Soares (2004) afirma que,

O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos. Quem está ali na esquina não é o Pedro, o Roberto ou a Maria, com suas respectivas idades e histórias de vida, seus defeitos e suas qualidades, suas emoções e seus medos, suas ambições e seus desejos. Quem está

---

<sup>78</sup> De acordo com o Dicionário da Ilha, Istepô é uma expressão usada para dizer que uma pessoa não é coisa boa, normalmente usada de forma carinhosa.



ali é o “moleque perigoso” ou a “guria perdida”, cujo comportamento passa a ser previsível. (p.133)

Até mesmo os discursos politicamente corretos reforçam os mitos nas suas falas inocentes. Um exemplo disso é a expressão “na Chico Mendes também tem gente de bem”, ou seja, gente de bem é só uma parte, é uma exceção e Chico Mendes é um nome que carrega um design pronto; é como um adjetivo, já que Chico Mendes, apenas uma das comunidades do bairro, significa perigo, miséria.

E assim vou concluindo essa escrita sobre o príncipe do gueto, sobre o estilo de ser vida loka, sobre modos de relação que esses jovens têm de se relacionar com o mundo. Não é uma escrita pra dizer que este estilo de vida é melhor e nem pior. É apenas para dizer que ele está aí. É uma escrita que propõe que a sociedade possa repensar seus modos de olhar para os pobres, para os jovens pobres. Assim como os demais jovens, esses, os jovens vida loka, querem viver, fazer festa, namorar, querem, enfim, ser reconhecidos como Pessoas. Querem se tematizados de outras maneiras, mas justas e menos preconceituosas.

#### 4.4 JUVENTUDE – VIDA LOKA

Vida Loka não briga... Arranja treta  
 Vida Loka não bebe... Chapa o coco  
     Vida loka não cai... Capota  
     Vida loka não entende... Se liga  
     Vida loka não fuma... Dá um pega  
     Vida loka não passeia... Dá um rolé  
     Vida loka não come... Ranga  
     Vida loka não entra... Cai pra dentro  
 Vida Loka não mata... Destrói... Dichava  
     Vida Loka não fala... Bola uma ideia  
     Vida Loka não dorme... Apaga  
     Vida Loka não namora... Dá uns cato  
     Vida Loka não mente... Dá uns migué  
 Vida loka não ouve música... Curte um som  
     Vida Loka não se dá mal... A casa cai  
     Vida loca não acha interessante... Acha bem loco  
     Vida loka não tem amigos... Tem uns truta, parceiros  
 Vida loka não mora em Bairro... Se esconde nas quebradas.

(<http://rap-rationaismcs.blogspot.com.br/2008/02/site-oficial-dos-rationais-mcs>)

“É nóis na fita”!

Que fita é essa afinal? Talvez possamos traduzir esta expressão tão cara às juventudes, especialmente aos jovens pobres, como um ato de autoafirmação, afirmação de um jeito de ser, de um modo de estar no mundo. E olha que as fitas são muitas. Fita pode ser um acontecimento banal, um estilo de ser no cotidiano, as diversas possibilidades de sociabilidades, bem como ser uma ação mais pensada, elaborada. É nois na fita, a fita da vidaloka.

Desde o início da gestação deste projeto de pesquisa ouço com frequência perguntas a respeito do significado da expressão vida loka. Eu tinha um entendimento, um design mais a partir de minha biografia, o que não permitia dar respostas concisas, especialmente para aquelas pessoas que associavam vidaloka ao tráfico de drogas somente.

Nunca respondi de forma enfática que era isso ou aquilo, ou que não era nem isso nem aquilo.

Apenas dava algumas pistas de como estava pensando em escrever sobre a vidaloka, era tempo de maturação, de ruminância. Mas agora é a vez e a hora de enfrentar o desafio de escrever os pensamentos.

Comecei pelo Google e ali encontrei muitas pistas sobre vidaloka. São muitas notícias, músicas, poesias, blogs que abordam o tema. Duas explicações me chamaram atenção, pois já as tinha ouvido sobre elas.

A primeira aponta que a expressão vida loka fora popularizada pelo cantor porto-riquenho Rick Martin, que no ano de 1999 alcançou grande sucesso com uma música intitulada “livin’la vida loca”. Antes disso, em 1987, o cantor brasileiro Lobão havia composto a música Vida Louca que fora popularizada por Cazuza. Um trecho dessa canção dizia: “vida louca, vida breve, já que eu não posso te levar, quero que você me leve”.<sup>79</sup>

---

<sup>79</sup> Ainda no Google encontrei uma nota instigante: A expressão “Carpe Diem” (“aproveite o momento”, em latim) vem sendo colocada em desuso, perdendo espaço para a expressão nacional “vida loka”. 9 entre 10 tatuagens de funqueiros, corinthianos e congêneres estão saindo com essa expressão, que mostra que a Classe C, além de tudo, valoriza o conteúdo nacional. Um exemplo a ser seguido, sem dúvida. <http://revistaabsurda.com/vida-loka-supera-carpe-diem-na-pele-da-classe-c/>

Não podemos negar que essas informações acenam para um estilo de vida, mas para este projeto de pesquisa é necessário considerar ainda outros fatores, de modo especial, a cultura “hip hop”, que cunhou e popularizou a expressão vida loka, Escrevo “de modo especial” por considerar a necessidade de deixar abertura para compreender a vidaloka para além da cultura “hip hop”<sup>80</sup>, mesmo por que os jovens curtem sons variados, além do rap, com destaque para música eletrônica, pagode, funk, entre outras. Neste universo existem muitas palavras para falar o que é ser vida loka: um ser errante, às margens da lei, sem medida das consequências, desandado. É um estilo de vida, enfim... Livre como um pássaro, perigo constante, aventura e muita adrenalina na veia, corre atrás do que quer e passa por cima de tudo para conseguir. É um estilo de vida sem medo de correr risco e de enfrentar tudo e todos. Vidaloka é revolta. A respeito da popularização desse estilo é importante o artigo de Spósito (1993) onde ela aponta que

...cenários diversos de conflitos e de ações coletivas aparecem nos anos 80 e início da década atual, trazendo outros atores, formas de apropriação e uso do espaço urbano, redes de sociabilidade e novas imagens da conflitividade social na cidade. Nesta conjuntura, o tema da juventude – em especial dos jovens filhos de trabalhadores – torna-se visível, revestido de novas indagações, podendo ser analisado sob vários aspectos. (p. 162)

Penso então que é possível uma aproximação dos jovens em questão, entendendo vida loka como um estilo de vida. Para isso considero importante olhar para elementos da vida cotidiana. Um cotidiano que se insere num contexto que chamo de ambiência (Maffesoli, 2010). Este autor, para expor ser pensamento a respeito do tribalismo, aponta amplos elementos que circunscrevem este fenômeno.

Comportamentos, pensamentos filosóficos e sociológicos, artistas, e outros são citados por ele como pano de fundo onde se situa sua compreensão a respeito do tribalismo. Ele chama esse conjunto de *ambiência*, entendida como *paradigma estético, no sentido de vivenciar*

---

<sup>80</sup> De acordo com Dayrell (2005) o RAP, palavra formada pelas iniciais de rhythm and poetry (ritmo e poesia) junto com as linguagens da dança (o Break) e das artes plásticas (o grafite), seria difundido para além dos guetos com o nome de cultura Hip Hop (p. 47)

*e sentir comum*. Então podemos entender que vida loka é um estilo de vida com muitas variações e que é partilhado pelos milhões de jovens brasileiros que moram em favelas e que partilham, além da situação de pobreza, uma relação conflituosa com os demais estratos sociais, um mundo de símbolos, falas, músicas, etc., ou seja, vidaloka não é geração espontânea, mas necessita de uma série de fatores para se fazer presente na cena.

É fundamental considerar que um primeiro traço do design é o fato de que vida loka é um acontecimento prioritariamente coletivo, comunitário. É difícil que um jovem se diga vidaloka na solidão, mas ele sempre o faz ancorado em vivências, em práticas próprias de seu grupo ou de seus grupos, de seus pares, enfim. Esse modo de ser e de viver podemos entendê-lo a partir do que Maffesoli (2010) chama de costume. De acordo com este autor, do mesmo modo que o ritual litúrgico torna uma igreja visível, o costume faz uma comunidade existir como tal (p. 55). Estou entendendo então, que existem certos costumes que conferem significado à vidaloka. Tais costumes passam pela cotidianidade das linguagens e sentimentos, dos fazeres, dos modos de se vestir, das preferências musicais, dos modos de relacionar-se entre si e com o mundo apontando características específicas de sua sociabilidade. Pais (2001) sinaliza para as voltas e mais voltas do cotidiano juvenil, apontando o movimento. Para este autor,

As “voltas e mais voltas” retratam expressivamente, muitos dos actuais quotidianos juvenis. Diversos são os fatores que contribuem para este volteio: culto da sensação multiplicada. (...) Tudo que possa chocar a moral burguesa, proporcionado ao mesmo tempo vivências experimentalistas, numa aversão clara a tudo os situacionismos, teúdos e manteúdos. É nesta lógica que se desenvolvem muitas sociabilidades juvenis, criativas por natureza, mas também geradoras de intolerância, agressão e delinquência. (p. 70)

Importante ainda assinalar na sociabilidade dos jovens referidos nesta pesquisa o que Pais (2001) denomina de vivências experimentalistas, o que nos permite falar em juventude como experiência. A juventude experimenta “coisas”, experimenta a vida, e, deste modo, se constitui, se reconhece uma pessoa na relação com o mundo, mediado por aquilo que experimenta. A respeito dos modos de ser de jovens pobres, Dubet (1994) fala em condutas heterogêneas

(p.193) o que dificulta o estabelecimento de um princípio estável e uma hierarquia significativa. Para este texto consideramos que exista um princípio estável, a ambiência, na instabilidade. Dubet (1994) aponta ainda para uma sociabilidade do retraimento (p. 196) que denota uma integração enfraquecida com os demais setores da sociedade bem como uma experiência de exclusão social. Este autor aponta para uma sociabilidade de autoproteção de uma juventude que se vê constantemente ameaçada pelos mitos e designs que se criam a seu respeito. Acredito que esse possível retraimento acaba por fortalecer os laços comunitários entre os pares. A esse respeito, Cordeiro (2009) anuncia que,

Os jovens pobres vivem a experiência do local por meio de ações que muitas vezes escapam às formas instituídas de funcionamento e de organização, inventando outros mecanismos de sobrevivência e luta, de modo a subverter destinos prefixados pela sociedade capitalista. (P. 59)

Outro aspecto importante da invenção de mecanismos de luta e sobrevivência refere-se à necessidade de provimento das necessidades materiais como roupas, sapatos, perfumes, bebidas, cigarros, e alguma alimentação. A despeito dos altos índices de desemprego entre jovens, ou mesmo do subemprego, o trabalho faz parte das preocupações entre os jovens. A escolaridade inadequada, a falta de experiência, assim como o preconceito com relação aos jovens e , mais ainda, com relação aos jovens moradores das comunidades pobres são fatores que emperram a entrada ou mesmo a permanência no mundo do trabalho ou a permanência em subempregos. É preciso considerar ainda o estilo de vida dos jovens ser, de certa forma, incompatível com as exigências. País (2001), analisando os encontros e desencontros dos jovens como o mundo do trabalho escreve que,

Hoje em dia, muitos jovens rodopiam por uma multiplicidade de trabalhos precários, intervalando inserções provisórias no mundo do trabalho com desinserções periódicas. Para estes jovens não há realidade que se encaixe no conceito tradicional de trabalho. Em lugar de uma rotina estável ou de uma carreira previsível, atributos que caracterizavam os tradicionais postos de trabalho, há um enfrentamento com um mercado de trabalho flexível. (p. 15)

Para os jovens com os quais tenho convivido, aqueles que aparecem “do nada”, ou seja, não tem relação de pertencimento com outro grupo, ou tribo, para ser de acordo com o pensamento de Maffesoli (2010), mesmo que seja uma tribo rival, é no máximo um “todo estranho”, afinal, a lógica individual se apoia numa identidade separada e fechada sobre si mesmo, a pessoa (persona) só existe na relação com o outro. Assim, a partir do pensamento de Deleuze e Guattari (1992) podemos entender o jovem vidaloka, que como um personagem conceitual vive, insiste (p. 78) na relação com outros personagens, na relação com o mundo ou ainda que vidaloka seja um personagem cujo nome próprio é uma composição. Vidaloka está composto de vários elementos que apontam para uma estética do viver.

O percentual de jovens no total da população do Brasil é grande, contudo a relação destes com o conjunto da população é marcada por conflitos, desencontros. Apesar de muitos os esforços<sup>81</sup> para a criação de mecanismos de participação da juventude na vida do país, nos níveis sócio, político, econômico e cultural, esses esbarram num design-traço adultocêntrico cultivado pela sociedade. Este design-traço advém do modo de pensar a juventude a partir da ideia de transitoriedade. É um transito para se chegar ao mundo dos adultos. A esse respeito Quapper (2001) aponta que:

Desde esta mirada se refuerza la Idea de pensar lo social desde lo adulto, señalando lo juvenil – aquello que vive la juventud- siempre en referencia al parâmetro de medida central que es lo adulto. Asi lo juvenil pierde importancia en si mismo, y siempre será evaluado en función de lo que el mundo ha parametrado como lo que debe ser. (p.60)

O *design-traço* adultocêntrico tem uma linha marcadamente escatológica<sup>82</sup>, o que coloca a sua vida sempre na direção de algo que

---

<sup>81</sup> Um grande marco destes esforços é a aprovação do Estatuto da Juventude, mas é possível apontar ainda a atuação de diversos movimentos estudantis, a importância dada às alas jovens nos diversos partidos políticos. Destaque-se ainda a produção de programas culturais, a criação de linhas de produtos dirigidos ao público jovem.

<sup>82</sup> O uso da palavra “escatológica” é resquício de minha experiência como estudante de teologia. Escatologia é o estudo das doutrinas que se referem às coisas futuras, ou coisas últimas. O Dicionário Aurélio aponta ser a doutrina

está no futuro, mais além<sup>83</sup>. A partir desta perspectiva estamos somente de passagem rumo ao futuro. Deste modo a vida é planejada quase que detalhadamente para se atingir uma finalidade, que está sempre além do horizonte. Um fim, que, aliás, pode nunca chegar<sup>84</sup>. Desde esta perspectiva a vida se assemelha a um jogo onde se vai pulando de casa em casa até chegar a um objetivo final. A criança desde cedo é educada para repetir a vida dos pais. Já existe o traçado, o design, é só preencher. Contudo, essa linearidade fica relativizada quando se trata de vidaloka. Aqui preciso assinalar a importância de se fazer um exercício de “perspectivação” que nos ajude a fugir dos julgamentos de valores, ou seja, não estou aqui defendendo que isto seja melhor que aquilo, mesmo considerando que, de acordo com Sobrinho (2004),

O ponto de partida do perspectivismo (perspectivismus) nietzschiano é a constatação de que o homem não pode abster-se de julgar. O homem é um animal que mede, o seu olhar é já sempre um juízo; contudo, o seu erro originário foi acreditar que para cada coisa particularmente deveria haver apenas um conceito que a definiria enquanto tal, na medida em que a coisa era tida como possuindo uma existência em si, própria, uma, idêntica, essência e eterna. (p.6).

O calendário é um dos comandantes principais da nossa vida. Nosso tempo é organizado em manhãs, tardes e noites; em dias, semanas e meses! Temos até os horóscopos e mapas astrais. De forma aproximativa podemos dizer que esta é uma relação que mantemos com o tempo. Pensamos no futuro, projetamos o futuro, nos preocupamos com o futuro e tendemos a economizar o viver no presente. Em tempo, temos saudades do passado. Melucci (1997) analisando o que ele chama de nossa relação com a experiência moderna do tempo aponta que hoje, o tempo é uma das categorias básicas pela qual nós construímos nossa experiência. Nossa relação é cronológica, nossa vida segue certa linearidade a partir da qual tudo, ou quase tudo, é planejado. E é ainda Melucci (op. Cit.) que aponta duas modalidades de relação que

---

sobre a consumação do tempo e da história, sobre os fins últimos do homem. Mas diz também ser o tratado acerca dos excrementos.

<sup>83</sup> “Mais além” de acordo com a linguagem corrente entre os jovens designa uma relação como o tempo cronológico. Mais além é depois.

<sup>84</sup> É preciso ressaltar aqui um fim comum entre jovens pobres: Morrer jovem! E isso é comprovado pelas estatísticas a respeito da morte de jovens no país.

estabelecemos com o tempo: a máquina e a finalidade. A máquina, um elemento sintetizador da sociedade capitalista industrial, está presente no relógio que é um modo mecânico de “marcar o tempo” e, deste modo, marcar a vida. Já o tempo como finalidade nos coloca em direção a algo que está por vir ou no porvir. Vivemos, caminhamos em direção a algo que está mais além ou no além. Todas as passagens da nossa vida ganham contornos de transitoriedade já que estamos sempre para chegar lá. Assim, o nosso tempo, na verdade, é o tempo da máquina. E no mesmo artigo ainda, o autor sinaliza para o fato de que a diferenciação das nossas experiências do tempo está passando por um processo de aceleração. Ele acena para as experiências de dilatação do tempo por meio do uso de drogas, rituais ou não, ou ainda as experiências exóticas ou turísticas de liberação do corpo. Os tempos por nós experimentados podem ser diferentes, até mesmo opostos, diluídos ou concentrados. Corolário disso tudo, segundo o autor é que, um tempo diferenciado é cada vez mais um tempo sem uma história, ou melhor, um tempo de muitas histórias. (P. 35). Se considerarmos a experiência moderna do tempo a partir de uma orientação finalista, a nossa experiência de tempo será comprimida entre o agora e o ponto final da história. È como se existisse um elástico que nos ligue ao ponto e é lá que deveremos chegar. Margulis (1996) nos diz que a juventude é um signo, um sinal, e o encontro desse entendimento com os estudos de Melucci (1997) nos permite dizer que o jovem se converte em sinal de experiências diferenciadas de tempos diferenciados. De acordo com este autor,

Um tempo diferenciado é cada vez mais um tempo sem uma história, ou melhor, um tempo de muitas histórias relativamente independente. Então é também um tempo sem final definitivo, o que faz do presente uma medida inestimável do significado da experiência de cada um de nós. (p.8)

A associação dessas e outras possíveis e próximas considerações a respeito do tempo são fundamentais para esta pesquisa visto que podemos vislumbrar que os jovens, de modo especial aqueles a quem identifico como vidaloka, vivem a experiência do tempo de modos diversos e até mesmo opostos ao modo como os adultos geralmente o fazem. Um primeiro apontamento é que os jovens não acentuam o caráter teleológico na experiência do tempo. Eles vivem uma experiência em aberto, acalentam o presente como experiência única, que não pode ser reproduzida, e no interior da qual cada um se realiza.



Até porque, estudos que procuram entender a juventude a partir do conceito de moratória vital (Margulis, 1996) falam de um excedente temporal, um crédito, um plus que explode o aspecto da linearidade na experiência do tempo. Diz o autor que,

En este sentido es que la juventud puede pensarse como um periodo de la vida em que se está em posesión de um excedente temporal, de um crédito o de um plus, como si se tratara de algo que se tiene ahorrado, algo que se tiene de más y del que se puede disponer, que em los jovenes és más reducido, se vá gastando y se vá terminando antes irreversiblemente, por mas esfuerzos que es haga para evitarlo. De este modo, tendrá más probabilidades de ser joven todo aquel que posea este capital temporal como condición general (dejando de lado, por el momento, consideraciones de classe o de gênero). (p. 20)

O cantor brasileiro Paulinho Moska compôs uma canção intitulada Meta e a Seta, onde chama a atenção para a possibilidade de se jogar no presente, relativizando futuro pontual, já que o mesmo é incerto. Diz um trecho da canção:

*Eu ando num labirinto  
E você numa estrada em linha reta  
Te chamo pra festa,  
Mas você só quer atingir sua meta.  
Sua meta é a seta no alvo,  
Mas o alvo, na certa, não te espera.*

Como será nosso futuro? Será que teremos futuro? Essas questões devem ser consideradas fundamentais para a compreensão dos jovens na sua relação com o tempo. Burak (2001) enumera importantes situações que afetam a humanidade de modo geral, e a juventude de modo especial, nesse século que estamos iniciando, dentre as quais podemos destacar o acirramento das violências, o aquecimento global acelerado e a consequente destruição ambiental, dúvidas com relação à capacidade de a humanidade produzir alimentos, o aparecimento de novas doenças, entre outras. Não faltam profetas do apocalipse para anunciar quotidianamente o fim da humanidade. Tudo isso acaba produzindo incertezas com relação ao futuro. E as questões da linearidade e da finalidade como modos de relação com o tempo ganham nuances

específicas quando se trata da juventude vidaloka. Podemos acenar para diversas situações ou contextos que comprovam essas diferenças. Neste sentido Melucci (1997) fala em aproximação nômade em relação ao tempo, espaço e cultura (P. 9). De modo geral podemos dizer que a vida é programada de acordo com o calendário. Os quadradinhos já estão prontos e vamos nos encaixando nos dias úteis, feriados, finais de semana, férias, ano letivo, etc. É comum vermos pela TV propagandas de escolas, de modo especial escolas , que anunciam uma educação completa “do maternal ao vestibular”, denunciando assim uma programação prévia do que deve ser a vida. Parece uma coisa banal, mas aí reside uma grande diferença entre os moradores do calendário e os jovens visitantes nômades do tempo. Note-se que aqui estamos apontando para uma possibilidade de ser jovem, pois, como já afirmamos anteriormente, não acreditamos em uma visão monolítica, unificadora. Outra diferença importante a ser demarcada diz respeito ao aspecto geracional. Nascemos, passamos pela infância, juventude e nos fixamos na idade adulta, ou seja, trilhamos o caminho natural, cumprimos nosso destino. Os jovens, ao contrário, têm até saudade da infância e desconfiança, no mínimo, da idade adulta, mas curtem a juventude.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apostando na ideia de que vida loka também ama este texto buscou uma aproximação com a vida cotidiana de jovens moradores de uma comunidade pobre da cidade de Florianópolis com o intuito de problematizar outras ideias, dentre as quais aquela que percebe esses jovens como encarnação de perigos para o restante da sociedade, acreditando ser esta ideia um mito que é construído, de modo especial, pela mídia. Essa problematização se a partir de uma aproximação da vida desses jovens, quando pudemos perceber com mais acuidade o seus estilos de vida.

Partimos da ideia de que vida cotidiana dos jovens da comunidade Chico Mendes é permeada por eventos significativos que apontam para seus modos de ser e se experimentar como jovens. Conhecendo suas festas, músicas, amizades, roupas, perigos, medos. Suas buscas por alternativas de sobrevivência e sociabilidade, pudemos entender um pouco mais sobre seus estilos de vida. Tais eventos, dos quais me aproximei para este trabalho, buscados nas leituras de fragmentos escritos em cadernos de anotações, assim como nos encontros do flaneur com o cotidiano, permitiram que pudesse ver uma vida para além dos padrões modelares da nossa sociedade, uma vida loka, enfim. Coloquei esse estilo de ser em diálogo com as ideias que são apresentadas pela mídia a respeito do mesmo. Problematizei, elaborei questões, experimentei interrogações, inquietações.

Na primeira parte deste trabalho apresentei o que tenho chamado de observatório, que tenho considerado comum um lugar/contexto privilegiado a partir do qual tenho olhado para a vida das pessoas moradoras da comunidade Chico Mendes, de modo especial a vida dos jovens. Este observatório tem possibilitado que eu possa construir conhecimentos a respeito de suas vidas, assim como o acesso a outros conhecimentos.

Minha maneira de conhecer tem possibilitado que os veja como jovens que sonham, cuidam dos amigos e familiares, jovens que são capazes de grandes manifestações de solidariedade. São acessíveis ao diálogo e dispostos a buscar alternativas de mudanças para suas vidas e para a vida de sua comunidade. Enfim são jovens atentos com os problemas a sua volta, inconformados com as situações de injustiça e desigualdade, características da sociedade na qual vivem.

Mas ao mesmo tempo tenho percebido que meu olhar não é único. Existem outros olhares, contrastantes inclusive. Percebo que parte

da população da cidade, assim como os meios de comunicação, cultiva uma percepção depreciativa a respeito desses jovens. De acordo com estes olhares, esta parcela da população, constituída por jovens pobres, é ameaça à estética e ao modo tranquilo de viver da cidade.

A discrepância entre os diversos modos de olhar foi se constituindo como elementos importantes na elaboração do problema de pesquisa. O meu olhar sobre estas disparidades foram aguçando o meu senso de pesquisador, o que me levou a construir perguntas a respeito dos mitos, dos designs que são construídos sobre os jovens pobres. Essas perguntas me levaram a olhar novamente para a juventude da comunidade Chico Mendes, um olhar diferente, agora pesquisador.

Um texto do escritor Otto Lara Rezende (1992) me fez pensar sobre o vício do olhar. Minha vista poderia estar cansada, embaçada. De tanto olhar eu poderia não estar vendo. Pra esta empreitada eu precisaria de um olhar dançante, cigano. Um olhar que pudesse me fazer mergulhar na paisagem da vida, no palco da existência. Então conheci o flaneur, com seu espírito vagabundo, sua curiosidade malsã e seus nervos com um perpétuo desejo incompreensível.

A revisão da literatura dedicada ao tema da juventude possibilitou perceber os modos como a juventude tem sido tematizada de modo especial procuramos trazer elementos que pudessem contribuir para uma melhor compreensão do que estamos chamando de juventude vida loka. Para dar maior significado á compreensão teórica foi fundamental a busca de elementos da vida cotidiana dos jovens ancorada na prática do flaneur, na busca e seleção de anotações feitas durante vários anos em meus cadernos, meus arquivos, bem como a pesquisa em textos jornalísticos a respeito de jovens.

Ao estudar os quotidianos da vida desses jovens, prestando atenção em fragmentos de suas vidas, anotados em cadernos antigos, bem como em escritos produzidos depois de observações e encontros, inspirados na pratica de flunar, podemos apontar elementos importantes da vidaloka, quais sejam; a consciência que tem os jovens de sua condição de sujeitos de direitos, ao mesmo tempo em que vivem situações e condições desafiadoras.

Produzimos um entendimento a respeito dessas sociabilidades a partir das festas, dos pequenos eventos quotidianos, das partilhas, enfim. Pudemos conhecer os jovens nas suas múltiplas relações, quais sejam a família, os amigos, a polícia, o trabalho, os amores e outras. Pudemos perceber a presença de situações de violência, mas também pudemos observar praticas de solidariedade e desejo de paz. Pudemos conhecer alguns de seus mecanismos de luta diária pela sobrevivência. Pudemos

constatar que eles constroem estilos de vida que não condizem com certos designs que são elaborados sobre suas vidas. Designs cujas trações são eivados de preconceitos, medos e muita desinformação.

O tempo deste estudo e desta escrita foi de alegria. Alegria pelas descobertas, pelas novas possibilidades de compreensão. Alegria de poder compartilhar com muitos desses jovens os avanços diante de tantos obstáculos. Muitos foram estudar, muitos tiveram filho, outros se apaixonaram, namoraram, brigaram e se apaixonaram novamente. Amizades se fortaleceram e outras nasceram. Alguns conseguiram trabalho com carteira assinada.

Mas também foi tempo foi de tristezas. Tristeza de pensar nos jovens que morreram ou nos que mataram durante este tempo. Muitos estão presos.

Preciso assinalar um importante acontecimento desse tempo de estudos que foi a assinatura pela Presidenta da República, do Estatuto da Juventude, (lei nº 12.852/2013) sujeitos de direito.

E agora estou novamente no observatório. Algumas perguntas reverberam em mim: o que aprendi? O que vejo? O que Ouço? O que sinto?

Vejo a caminhada junto aos jovens, dos jovens Vida loka, moradores da comunidade Chico Mendes.

E alguns pensamentos me perseguem:

- Está na hora de superar a problemática do homem realizado em sua totalidade, da sociedade perfeita, ainda que como ideal, como tensão, como projeto (Maffesoli, 2004). O mundo é esse!

- Nem bandidos, nem mocinhos. Os jovens que motivaram esta pesquisa são pessoas com qualidades, defeitos, alegrias, sonhos, como qualquer pessoa. São produtores e vítimas de produtores de violências.

Algumas perguntas ainda estão sem respostas, algumas emblemáticas: Onde está o Amarildo? Por que o senhor atirou em mim? São perguntas emblemáticas porque questionam os modos como são tratados os jovens pobres especialmente por parte da polícia. Questionam a invisibilidade dos pobres.

Situações se tornaram dramáticas. Vivemos um tempo em que pessoas jovens estão sendo amarradas, espancadas, linchadas, assassinadas. E isso com a conivência de parcela da população, com o silêncio ou a participação da polícia, com imobilidade dos governos e com o incentivo da mídia.

Um pergunta necessária: Até quando?

**E AGORA, UM POUCO MAIS DA POESIA DE MANOEL DE BARROS!****Uns homens estão silenciosos**

Eu os vejo nas ruas quase que diariamente.

São uns homens devagar, são uns homens quase que misteriosos.

Eles estão esperando.

Às vezes procuram um lugar bem escondido para esperar.

Estão esperando um grande acontecimento.

E estão silenciosos diante do mundo, silenciosos.

Ah, mas como eles entendem as verdades

De seus infinitos segundos.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena W. *Cenas juvenis: Punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Editora página aberta Ltda., 1994.
- ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: *Revista Brasileira de Educação*, nº 06, 1997.
- ALEXANDRE, Fernando. *Dicionário da Ilha: falar & falares da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Cobra coralina, 1994.
- ALMEIDA, José Nilton de. *Tessituras da pele: Juventude(s), relações raciais e experiências sociais*. Tese de Doutorado. UFSC. 2010.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- BARROS, Manoel de. *Poesia completa*, São Paulo: Leya, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Isto não é um diário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- BRUM, Elaine. *A Imprensa que estupra*. <http://revistaepoca.com> – acesso em 02 de junho de 2010.
- BURAK, Solum Donas. *Adolescencia y juventud: viejos e nuevos desafios en los albores del nuevo milênio*, in *Adolescencia y juventud en América Latina*. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001.
- CANELLA, Francisco. *A UFECO e o Movimento dos Sem-Teto: práticas instituintes nos espaços políticos da cidade*. Dissertação (Mestrado Sociologia Política) Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1992.
- CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.
- CARDOSO, Rafael. *Uma introdução à historia do design*. São Paulo: Blucher, 2008.

- CASTRO, Eduardo. Vocabulário de Foucault. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.
- CHAUI, Marilena. Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- CNBB – Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil. Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais. Série estudos da CNBB, nº 93. São Paulo: Paulus, 2006.
- COIMBRA, C. M. B.; NASCIMENTO, M. L. Jovens pobres: o mito da periculosidade. In: FRAGA, P. C. P.; IULIANELLE, J. A. S. (Orgs.). Jovens em tempo real. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CORDEIRO, Denise. Juventude nas sombras: Escola, trabalho e moradia em territórios de precariedades. Rio de Janeiro: Lamparina – Faperj, 2009.
- DAYRELL, Juarez. A Música entra em cena: O rap e o funk na socialização da juventude. Belo horizonte: Editora UFMG, 2005.
- DEBORD, Guy. A sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1994.
- DELEUZE, Gilles. Lógica do Sentido. São Paulo, SP: Perspectiva, 2009.
- \_\_\_\_\_, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_, Gilles.; GUATTARI. Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. e Vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.
- DIAS, Rosa Maria. Nietzsche, Vida como obra de arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- DOZOL. Marlene de Souza. Rousseau: Educação: A máscara e o rosto. Petrópolis – RJ: Vozes, 2006.
- DUBET, François. Sociologia da Experiência. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- DURAND, Olga Celestina das Silva, Jovens da Ilha de Santa Catarina: Sociabilidade e socialização. Tese de doutorado em Educação, Universidade de São Paulo - USP. São Paulo: 2000



FANTIN, Márcia, *Cidade Dividida*, Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Maria Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FLITNER, Andreas. Os Problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude. In *Sociologia da Juventude, I: Da Europa de Marx à América Latina de Hoje*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

FREI BETTO, O que é Comunidade Eclesial de Base. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FRAGA, P. C. P. & IULIANELLE, J. A. S. (Orgs.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, Paulo, *Pedagogia do Oprimido*. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GALLO, Silvio. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica 2008.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

GOVERNO DE SANTA CATARINA, S.E.D.S.F. *Estatuto da Criança e do Adolescente*, 1999.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 3. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

HERNANDES, Nilton. *A Mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público*. São Paulo: Contexto, 2012.

IBASE, Pesquisa “Juventude integração sul americana: caracterização de situações Tipo e Organizações juvenis”. Doc. de trabalho 1; (2004-2005).

LEVI, Giovanni.; SCHIMITT, Claude. *História dos Jovens*. Vol. I e II. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Eliete Maria de; CUNHA, Gisele. *Homens e Mulheres Construindo o Caminho para a Libertação*. (TCC) - curso de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 1992

LIMA, Donizeti José de. ...Isso aqui é um pouquinho do Brasil... Monografia do Curso de Especialização em Metodologia de Atendimento à Criança e ao Adolescente em situação de risco. Florianópolis: UDESC. 2000.

LIMA, Donizeti José de. “Só sangue bom”: construção de saberes e resistência cultural como expressões do protagonismo juvenil. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Educação. UFSC. Florianópolis: 2003.

MAFFESOLI, Michel. A parte do Diabo. Rio de Janeiro: Record. 2004.

\_\_\_\_\_, Michel. O Conhecimento Comum, Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_, O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo na sociedade de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 17, nº 49. 2002.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In Sociologia da Juventude I: Da Europa de Marx à América latina de Hoje. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MARGULIS, Mario (Editor). La juventud es más que una palabra: Ensayos sobre cultura e juventud. Buenos Aires: Editaría Biblos, 1996.

MARGULIS, Mario. Juventud: Una Aproximación conceptual. BURAK, Sólón Dunas (compilador). Cartago: Libro Universitário Regional, 2001.

MARTINS, José de Souza. A Sociedade vista do Abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATZA, David. As Tradições ocultas da juventude. In Sociologia da Juventude, III: A vida coletiva Juvenil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MELLUCCI, Juventude, tempo e movimentos Sociais, in Revista Brasileira de Educação. P. 3-14. 1996.

\_\_\_\_\_, Alberto. A Invenção do Presente: Movimentos sociais nas sociedades Complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEPOMOCENO, Alessandro. Além da Lei: A face obscura da sentença penal. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de. Mapas, dança, desenhos: A cartografia como método de pesquisa em Educação. In MEYER, Dagmar Estermann.; PARAÍSO, Marlucy Alves. (orgs.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.

PAIS, José Machado. Ganchos, tachos e Biscates. Porto: Ambar, 2001.

QUAPPER, Klaudio Duarte: Juventud o Juventudes? Acerca de como mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente. In: BURAK, Solun Donas: Adolescencia y juventudes em America Latina. Cartago: LUR: Libro Universitario Regional, 2001.

RAMOS, Silvia. MUSUMECI, Leonarda. Elemento Suspeito: Abordagem Policial e Discriminação na Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

REZENDE, Otto Lara. Vista Cansada. Texto publicado no jornal “Folha de S. Paulo”, edição de 23 de fevereiro de 1992.

RIO, João do. A alma Encantadora das Ruas: crônicas: João do Rio: organização Raul Antelo – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANCHES-JANKOSK. As gangues e a imprensa: a produção de um mito nacional. In: Juventude e contemporaneidade. Sec. de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Roberto da, Os filhos do Governo: A formação da identidade criminosa em crianças órfãs e abandonadas. São Paulo: Editora ática, 1998.

SLOTERDIJK, PETER. No Mesmo Barco: ensaio sobre a hiperpolítica. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo. Juventude e Sociedade, Trabalho, Educação, cultura e Participação. NOVAES, Regina.; VANUCHI, Paulo (orgs). Instituto da Cidadania. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. Friedrich Nietzsche: Perspectivismo e superação da metafísica. Vol. 09 – nº 22. Rio de Janeiro: Comum, 2004.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. As Reinvenções da Utopia: A Militância Política dos Jovens nos anos 90. São Paulo: Hacker editores, 1999.

SOUZA, Regina Magalhães de. O Discurso do Protagonismo Juvenil. São Paulo: Paulus, 2008.

SOUZA, Ricardo Abussafy de. Subjetivações e tecnologias da cidadania: cartografias sobre uma rede social. Dissertação de Mestrado. UFSC. 2006.

SOUSA, Ângela Maria de; NUNES, Margarete Fagundes. Rap – Ritmo, Poesia e Negritude. In: LEITE, Ilka Boaventura (org.). Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade Juvenil e a rua: Novos conflitos e ação coletiva na cidade. In. Tempo Social: Revista de sociologia da USP. Nº 1-2. 1994

\_\_\_\_\_, Marília Pontes. Algumas Hipóteses Sobre as Relações Entre Movimentos Sociais, Juventude e Educação. Revista Brasileira de Educação. N.º 13. ANPED, 2000.

\_\_\_\_\_, Marília Pontes. CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Os jovens na relação sociedade-estado: entre “problemas sociais” e concepções ampliadas de direitos. Trabalho publicado simultaneamente como artigo em versão completa no livro Políticas públicas de Juventud em America Latina, Organizado por Oscar Dávila León (Ed.) para Ediciones CIDPA, de Vinã Del Mar, Chile: 2003

\_\_\_\_\_, Marília Pontes.; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Juventude e Políticas Públicas no Brasil. 2006.

STRAPPAZZON, André Luiz. Bons Encontros: relações éticas e estéticas na Casa Chico Mendes. Dissertação de mestrado. Curso de Pós-graduação em psicologia, UFSC. 2011.

VALITUTI, S. Uma Revolução Juvenil. In sociologia da Juventude, III: A Vida Coletiva Juvenil. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1968.

## JORNAIS

DIÁRIO CATARINENSE (IMPRESSO E ONLINE)

NOTÍCIAS DO DIA/ND ONLINE

## MÚSICAS

A FAMÍLIA. Castelo de Madeira

LOBÃO. Vida Louca Vida

PAULINHO MOSCA. O Alvo e a Meta

RICK MARTIN. Livin'la Vida Loca

SAPYNY E TRUTTY. Rasgando o Verbo

## PAGINAS DA INTERNET

[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

[datafavela.com.br/datafavela](http://datafavela.com.br/datafavela)

<http://paralelepipedotoxico.wordpress.com/mandamentos-de-vvidaloka/>

<http://www.revistaabsurda.com/vida-loka-supera-carpe-diem-na-pelea.html>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/>

<http://www.terra.com.br/noticias/infograficos/30-crimes-que-abalaram-o-brasil/>

[wwhttp://cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/1/le01.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/1/le01.pdf) **www.ibge.gov.br**

[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/onde\\_esta\\_amari](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/onde_esta_amari)  
ldo(acessado em 18 de novembro de 2013).

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/525156> (acessado em 18 de novembro de 2013).

OUTRAS FONTES

ARQUIVOS PESSOAIS (Meus Cadernos de Anotações)

## ANEXO I - CASTELO DE MADEIRA

Milhões de brasileiros não tem teto não tem chão  
 Eu sou apenas mais um na multidão.  
 Não vai pra grupo com minha calça, minha peita, minha lupa.  
 Se canto rap aí, não se iluda.

Alá! To vendo a cena, vai chover e o rio vai transbordar  
 E meu castelo de madeira vai alargar.  
 Isento de imposto eu mesmo abraço com meus prejuízos  
 Natural sofrer e os cordões são indecisos.  
 Mil avisos, periferia desestruturada.  
 Mil avisos, periferia desestruturada.  
 Mil muleque louco, no crime mostra a cara.  
 Centenas de vezes vi a cena se multiplicar  
 Quando cheguei até aqui não tinha ninguém agora tem um pá.  
 Muleque doído eu enfrentei o mundo de frente  
 Ausente em várias fita, bandido filho de crente.  
 No pente, desilusão, dinheiro, mulher.  
 Mais pra frente se Deus quiser, mais resistente à fé.  
 Rumo a centro, calo nas mãos, multidões.  
 Toda essa rebeldia reforça os refrões.  
 Talvez você não saiba do herói que vive a guerra  
 Com uma marmita fria sem mistura eu sou favela.  
 Vivi pensando a vida inteira sem fazer regaço  
 Mas agora que conquistei meu sonho, aquele abraço.  
 Mas não importa se chão de terra tem poeira.  
 Realizei meu sonho, meu castelo de madeira.  
 Sou príncipe do gueto só quem é desce, sobe a ladeira  
 Sou príncipe do gueto meu castelo é de madeira  
 Sou príncipe do gueto só quem é desce, sobe a ladeira  
 Sou príncipe do gueto meu castelo é de madeira  
 Hoje já choveu, já ventou to de cara  
 Em saber que meu castelo suporta tudo menos fogo e bala  
 Suporta dor, minhas crenças, minhas loucuras.  
 Suporta até minhas “cabreiragem” com viela escura.  
 E sobe e desce de uns “nóia” na fissura  
 Chave de cadeia se trombar com viatura  
 Vida dura brotou o espinho não a rosa

Quebrada querida vida bandida verso e prosa.  
 Meu orgulho, um rádio velho toca fitas.  
 Rap nacional tocando é o que liga.  
 Às sete da noite a luz elétrica cai  
 Se a comunitária sai do ar... aí vai.  
 Coloco aquela fita de “drão bambambam”  
 Um cérebro sobre rodas finado “coban”  
 As crianças me veem como um adulto equilibrado  
 Não sabem das minhas fitas nem dos meus pecados  
 E os aplausos deixem pra depois  
 Quebrada querida mãe, é só nos dois  
 Vou lutar pra ser vencedor nessa porra  
 “desbaratar” vidinha podre Sodoma e Gomorra  
 Deus criou o mundo, e o homem criou o dinheiro  
 Crack e cocaína, bebida e puteiro.  
 Mas não importa se chão de terra tem poeira.  
 Sou príncipe do gueto só quem é desce, sobe a ladeira  
 Sou príncipe do gueto meu castelo é de madeira  
 Sou príncipe do gueto só quem é desce, sobe a ladeira  
 Sou príncipe do gueto meu castelo é de madeira  
 Do lado de cá, do lado de lá  
 “treta” todo dia sem parar  
 Do lado de lá, do lado de cá.  
 É sempre a mesma coisa “mano”, o que quê eu vou falar.  
 Você sabe o que o sistema faz, ignora!  
 E trás problema psicológico, tensão é “foda”  
 Descaso, humilhação, transtorno permanente.  
 Eu vi até uma família de crente espancar um parente  
 Que amanheceu no outro dia em coma  
 Alcoolizado, drogado, traumatizado foi pra lona  
 Dez horas depois, perícia, polícia, ambulância.  
 E o parente que bateu chorou igual criança.  
 Esse é o sintoma da doença que me afeta  
 Ganhei de cortesia mau humor e as festas  
 Não a festa, por que sorrir difícil entenda.  
 Sou verdadeiro e não lenda.  
 Hoje já choveu, oh “mô” neurose.  
 Nem costume beber, até tomei uma dose.  
 Talvez para clarear ou esconder os problemas.  
 Mil “fitinha” acontecendo esse é o meu dilema.  
 Coisa de louco, abrir a janela e ver no esgoto



Cachorro morto, sentir o mau cheiro e o desconforto  
E junto com a lama, o drama, a sujeira.  
“brasilit” no calor é um inferno, mô canseira.  
Sonhar, sonhar, querer não é poder  
Tem que ser “mano”. Fazer juz ao proceder  
Pros “cu” que tem dinheiro e luxo é constrangedor  
Me ver “empreguinado” aqui com ódio e rancor.  
Sonhei com tudo isso a vida inteira  
Realizei meu sonho, meu castelo de madeira.  
E é treta todo dia, todo dia, o dia inteiro.  
Só falta construir um banheiro  
Sou príncipe do gueto só quem é desce, sobe a ladeira  
Sou príncipe do gueto meu castelo é de madeira  
Sou príncipe do gueto só quem é desce, sobe a ladeira  
Sou príncipe do gueto meu castelo é de madeira



## ANEXO II - RELATO FEITO PELOS PARTICIPANTES A RESPEITO DA HISTORIA DA OCUPAÇÃO DO BAIRRO MONTE CRISTO<sup>85</sup>.

O Bairro Monte Cristo é formado por nove comunidades: Monte Cristo, Nossa Senhora da Glória, Chico Mendes, Novo Horizonte, Santa Terezinha I e Santa Terezinha II, Nova Esperança, Panorama e Promorar.

Éramos um Grupo de migrantes vindo do oeste do Estado que chegou em Florianópolis há 23 anos a procura de lugar para morar. Recebemos a indicação por um funcionário da COHAB que havia um terreno para ser habitado. Fomos para lá em algumas famílias e montamos nossos barracos de três metros quadrados. No início as condições eram precárias, o banho era gelado e meus filhos sofriam com isto. Havia a família do Seu Pontes, Seus Elias, Dona Joaquina, Seu Romalino e Dona Neves. Naquela época não havia nem luz, nem esgoto e nem água. O banheiro era aquela região onde estão construindo a creche. Onde foi construída a rua onde nos moramos, na havíamos aberto com inchada. Hoje é uma rua bonita e calçada. Hoje nós vemos como as coisas mudaram e como melhoraram em comparação ao que era antes. Naquela época catávamos papelão durante a noite e ajudávamos na construção das casas durante o dia em forma de mutirão. Tínhamos que fazer lajotas para tampar o esgoto que ficava a céu aberto. O banheiro foi feito e tinha que dividir com mais cinco famílias. Nós íamos em fila para a CELESC conseguir luz e eles viravam as costas para nós.

Cada uma dessas comunidades tem sua história, suas lideranças, seus objetivos. A história do Novo horizonte começa em 27 de julho de 1990. Formou-se por 98 famílias e foi a primeira comunidade organizada pelo Movimento Dos Sem Teto. O espaço ocupado estava

---

<sup>85</sup> - Este mesmo relato encontra-se em Souza (2006) e foi realizado a partir das falas de moradores que participaram de um dos encontros do que chamávamos de Curso Permanente de formação de Lideranças. Este encontro foi realizado no ano de 2005, em um momento em que as comunidades estavam assustadas com o crescimento da violência. Foram convidadas as lideranças comunitárias e antigos moradores, bem como jovens lideranças. A ideia deste encontro foi a construção de uma linha da história de lutas da comunidade. Na divisão de tarefas para esta atividade, Souza foi incumbido de fazer anotações e eu era uma espécie de moderador, coordenador das falas.

em posse da COHAB. Ocupamos e ficamos três meses sem luz e sem água. Quando se ocupa um espaço como este é formada uma comissão para conversar com os órgãos públicos, pois não queremos somente a terra, mas também uma moradia adequada que é de nosso direito. Se nós tivéssemos o dinheiro para com para um espaço isto seria feito, mas ninguém tinha condições de comprar. E o melhor para conseguir este direito é unindo nossas ideias, pois unidos conseguimos várias coisas, como, por exemplo, o que nós já conquistamos: rede de esgoto, água, luz, centro comunitário e outras conquistas. O objetivo não é parar onde estamos, mas de conseguir mais coisas. Sabemos que nosso bairro, de certos anos para cá, veio se modificando como qualquer outro bairro em Florianópolis, pois a violência está aumentando, não apenas no continente, mas também em toda a cidade. A violência não está somente no Brasil, mas como vimos no encontro passado, também está no mundo todo. O que nos temos que fazer é ir conversando, traçando ideias para mostrar que somos pessoas dignas e cidadãos que tem os seus direitos. Este grupo do Movimento dos Sem Teto é um conjunto de pessoas ligadas aos sindicatos e igrejas formando o CAPROM (centro de Apoio e Promoção do Migrante) que apoiava o pessoal que vinha de outra cidade e não tinha onde morar. O terreno ocupado era plano, sem nada em cima, contendo apenas umas valas e pertencia ao órgão público. A nossa intenção não era ficar na terra de graça, pois ninguém quer nada de graça, mas sim pagar pelo que nós temos direito. Queremos ter nossa escritura para fazer o que bem entender com o que é nosso.

Há 13 anos na Chico Mendes era só barro, não havia quadra nem campo de futebol. Naquela época as caçambas da construção vinham jogar entulho e madeira. Então nós pegávamos as tábuas e madeiras para montar nosso barraco. Aí nos começamos a puxar e aumentar os barracos. Ainda não havia esgoto nem nada. A vigilância sanitária da Prefeitura Municipal veio e pôs uns banheiros ao ar livre onde todos eram obrigados a dividir. Havia vezes em que os moradores utilizavam estes banheiros até para fugir da policia.

Na época de 1990 ainda estavam acontecendo as ocupações de comunidades. Nas reuniões do CAPROM eram organizadas as ocupações dos terrenos e grupos voluntários para montar os barracos e fazer a mudança. Diferente da comunidade Novo Horizonte e Nova Esperança, a Chico Mendes não foi ocupada de uma vez só, mas sim aos poucos. Os primeiros habitantes moravam perto da Escola América Dutra Machado e havia ainda muitos espaços. A luta implicava nas tentativas de alguém conquistar um pedacinho de chão para morar, trabalhar e viver uma vida. Começou-se a montar o Estatuto das

Associações de Moradores destas comunidades em que tiveram seus primeiros presidentes e diretorias. Nas assembleias que o CAPROM fazia com os moradores chegaram até a planejar um espaço para a creche. Este rumo foi perdido, pois a creche não foi montada pela comunidade conforme seu gosto. O Estatuto da associação de Moradores da Comunidade Nossa Senhora da Glória foi formado em 1995 e bem depois vieram os estatutos da Novo Horizonte e da Chico Mendes, pois a Nossa Senhora da Glória já tinha moradores há mais tempo. Como foi dito, nestas comunidades não havia infraestrutura nenhuma e as conquistas que vieram a te hoje não foram de graça. A primeira preocupação do assentado foi a água e luz e eles foram apoiados por sindicatos e pelo CAPROM. A construção estatutária deu mais força para assegurar a moradia à comunidade. Então o próximo passo foi lutar por creche, escola, pavimentação e outras coisas que ajudam a melhorar a situação do bairro. Hoje nossas comunidades tem apenas o básico.

Na época das ocupações havia uma preocupação pelo teto. Havia a participação em massa e as assembleias tinham a participação das massas. Os “cabeças” das organizações tinham um apoio significativo. Atualmente, pouco dos participaram dessas ocupações participam das associações de moradores.

Naquela época, éramos obrigados a ir a PE até as prefeituras de São José e de Florianópolis, pois nem tínhamos dinheiro para pegar o ônibus. Chegamos até a correr atrás de um prefeito para que ele pudesse nos atender. O descaso era enorme.

Na região da via expressa, onde hoje é o supermercado Big, havia uma outra comunidade com mais ou menos 70 famílias que tinha até associação de moradores e que foi expulsa para outros lugares. Durante este período foi feito o cadastramento, em conjunto com a Universidade Federal de Santa Catarina. Essas famílias foram mandadas para as regiões do Ratoes e Saco Grande. A Comunidade do Monte Cristo havia ocupado primeiro um terreno onde hoje é a Assembleia Legislativa, localizado no centro de Florianópolis, e somente depois foi transferida para a região do Pasto do Gado.

As lideranças em conjunto ficavam responsáveis por fazer um cadastramento das famílias para que fosse possível lutar pelos direitos dos moradores. Conquistas como a pavimentação de algumas ruas foram feitas na base do mutirão e durante o orçamento participativo, organizado pela prefeitura. Em 1998, veio o Projeto Habitar Brasil que consistia em construir 142 habitações e, atualmente, veio o projeto

Habitar Brasil – Bid que está deixando os moradores angustiados, pois eram pra ser construídas 421 casas e foi mudado para 344.

Há oito anos atrás ainda havia banhados e os esgotos ainda estavam a céu aberto. As únicas praias que as crianças frequentavam era a praia do Cagão. Nesta época ainda era possível perceber que os moradores eram mais unidos.

O único meio de conseguir água era esperar em uma fila muito grande que ficava em frente à escola, pois havia uma torneira para o lado de fora do muro e era a nossa única fonte. Havia ainda o Sopão que era distribuído pela escola. A escola naquela época era mais aberta para a comunidade. A Escola América Dutra Machado foi construída por motivo de reivindicação da comunidade do PROMORAR. As comunidades do PROMORAR e do PANORAMA foram construídas para as pessoas que vieram trabalhar na empresa Eletrosul. Atualmente percebe-se que a comunidade mudou muito, pois, ao mesmo tempo em que há água, luz e esgoto para todos, há outras necessidades urgentes das quais os moradores não se mobilizam para resolvê-las em comunidade.

Antes da construção da Havan, ao lado do Big, a região era cheia de barro e havia também um poço que era conhecido como Pocinho do Big. As crianças passavam o dia todo nadando e para comer pedia a marmita de pessoas que trabalhavam por ali. Durante a construção do prédio da prefeitura, popularmente conhecido como Carandiru, as crianças brincavam de fazer arminha de elástico e uma grande perda que a comunidade teve e sentiu foi a do campo de futebol. Todos utilizavam aquele espaço, tanto a criança e o jovem, quanto o adulto e o idoso. O espaço era utilizado para varias coisas. Ali o pessoal realmente se organizava: tinha espaço para jogar taco, tinha espaço para jogar tampinha, bolinha de gude, jogar pião, futebol: até os adultos utilizavam aquele espaço para jogar e agora, com a quadra e o campo de areia murados, ninguém joga mais. Outra perda foi o centro comunitário que foi construído na base de bingos e mutirão. O resultado foi que ninguém o utilizou para o devido propósito e o centro o centro comunitário se transformou em moradia.

A mudança não foi apenas na comunidade, mas também em nós, principalmente nos jovens. Hoje tudo que somos e a compreensão que temos do mundo vêm do que foi vivido em nosso bairro. Se hoje temos uma visão maior do social é graças ao que vivemos no Bairro monte Cristo.

A creche recém-construída é a mais nova conquista da comunidade que reivindicou esta estrutura durante três anos até

conseguir a sua concretização. Outras conquistas das lideranças foram o posto de saúde, a creche Chico Mendes que se localiza na comunidade Novo Horizonte, o centro comunitário do novo Horizonte, a Casa da Cidadania que foi início de uma creche, saneamento, rede de esgoto, com a aprovação das comunidades foram mudadas as habitações em quase 100 %, esta outra creche acabou de ser construída.